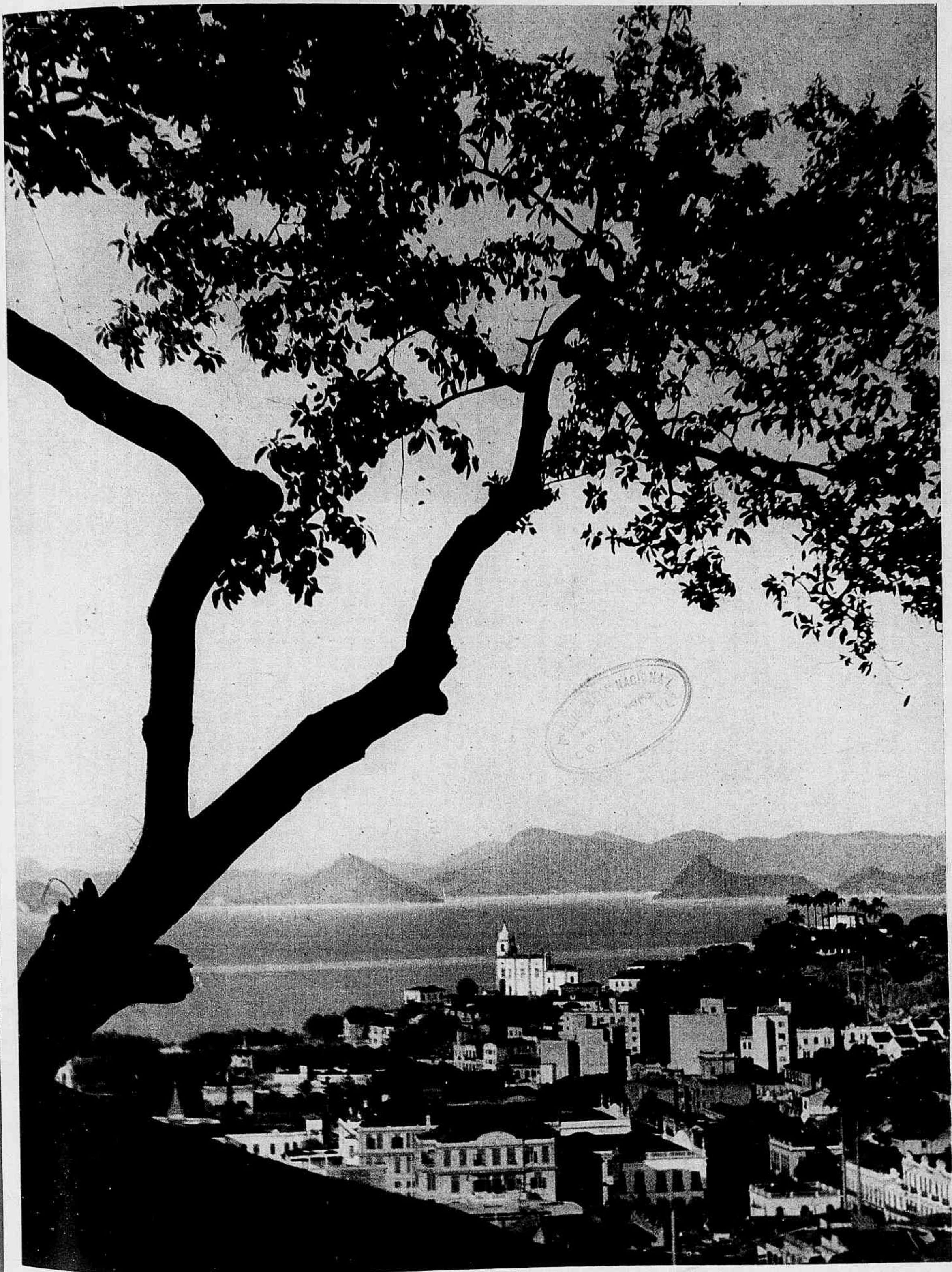




RECANTO DO RIO

(Photo de Luiz Bueno Filho)

O BANHO À FANTASIA DOS RAPINHAS



Aspectos tomados na praia do Sport Club Fluminense ao realizar-se o banho de mar à fantasia dos Rapinhas, que constitui uma das tradições carnavalescas do Carnaval de Nictheroy.

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITTERATURA E MODAS
A DECANA DAS REVISTAS NACIONALES

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM DE 1911 E OS GRANDES PREMIOS NAS EXPOSIÇÕES DE SEVILHA E ANTUERPIA EM 1930
E NA FEIRA INTERNACIONAL DE S. PAULO EM 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

DIRECTOR: GRATULIANO BRITO

DESENVOLVIDA POR
A "REVISTA DA SEMANA" DEVE VIR DACTYLOGRAPHADA.

OS TRABALHOS ASSIGNADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Edifício Martinelli — 10.º andar — Sala G Teleph.: 3-3885
Endereço Telegraphico: REVISTA

REPRESENTANTES

BAHIA Joaquim M. Cunha

Praça Castro Alves, 79 — São Salvador

PARANA — Gerson Gomes Lustosa (correspondente)

Rua Carlos de Carvalho n.º 237 — Curitiba

RIO GRANDE DO SUL

Ademar Lobato — (Agência Public)

Rua Siqueira Campos n.º 1169 - sala 6 — (PORTO ALEGRE)

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

ASSIGNATURAS		
	REGISTRADA	
BRASIL E AS 3 AMERICAS	Um anno.....	80\$000
Um anno.....	6 meses.....	40\$000
6 meses.....	EXTRANGEIRO	REGISTRADA
Um anno.....	6 meses.....	90\$000
Avulso.....	1\$500	Atrazado.....
		2\$000
15 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE — 15		
Telephones: Direcção 222622 Gerencia 222550 Secretaria 224447		
Redacção e Publicidade 229570 Photog. 221013 Portaria 225602		
Endereço Telegraphico: REVISTA — RIO DE JANEIRO		

TODOS OS ORIGINAES ENVIADOS A "REVISTA DA SEMANA" DEVE VIR DACTYLOGRAPHADOS.

OS TRABALHOS ASSIGNADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

Carnaval! Que é o Carnaval? Bem poucos saberão dizer. Quasi todos, porém, o comprehendem e acreditam que elle seja, como a mulher do philosopho, um mal necessario.

Tres dias só! As creanças pensam que isso é idiotice de quem faz as folhinhas. Os outros chegam a julgar que é perversidade dos governos. E quasi todos desejariam fosse ao contrario: um anno todo de Carnaval e só tres dias para o resto...

Os analysts, frios como os anatomistas, tem juizo formado sobre o caso. A ansia dos incontentaveis deveria ser satisfeita. Só assim elles seriam verdadeiros mais tempo, e não tres dias apenas...

Um circulo vicioso. Uma porção de gente que se desillude e outra que começa a illudir-se. Depois, os illudidos tornam a desilludir-se, e vice-versa. Se não fosse assim, a monotonia da vida acabaria sendo insupportavel.

A mascara, por mais desinteressante que seja, é interessante. Porque é a objectivação de um direito de mudar de cara, sem que a policia intervenha.

Fazer-se tudo o que vier á cabeça, mas com outra cara — seja de burro, de cão ou de bêbê — não é, realmente, uma maravilha?

E os romances de amor? Quanto sonho desabrocha e quanto sonho morre!

O "Principe" era encantador, tal e qual os dos contos de fadas. Ella era uma "campeza", mas na verdade poderia ser autentica princeza, pela aristocracia da familia e pelo esplendor do espirito.

E o primeiro capitulo do romance começou a ser escripto furtivamente.

Mas depois... O "Principe" era apenas um vagabundo...

Um trapo de seda, para tres dias, vale o sacrificio de trinta dias ou mais. Oh se vale! Apertando aqui e alli, comendo menos, o trapo de seda ha de apparecer. Ou por outra, hão de apparecer, porque são varios e a familia é numerosa...

Depois... E' a casa que não foi paga, o vendeiro que não recebeu, o homem do açougue que quer dinheiro... Por tres dias de loucura, uma série enorme de dias de humilhação, em que são architectadas desculpas idiotas ás recriminações duras dos credores. E ha quem diga que isso é vida!

O homem tem supremacia na escala animal só pela faculdade de pensar. O Carnaval, porém, arrebatá-lhe essa faculdade.



Afinal de contas, para que pensar? Já se pensa o anno inteiro...

E é verdade: pensa-se o anno inteiro nessa cousa deliciosa que é o triduo em que se tem a felicidade de não pensar...

Ha uma differença profunda entre os philosophos e os moralistas. Aquelles, mergulhados na abstracção, olham para o Carnaval e nem dão por elle; os moralistas, ao contrario, esmiuçam, criticam, dissecam... Para estes, cada argueiro é um cavalleiro.

Se os carnavalescos pudessem!... Não ficaria vivo, no mundo, um só moralista!

Pierrot e Colombina eram unicos no seu tempo, numa idealização amargamente romantica. Mas vieram para a vida pratica e, quando se imagina que a experiencia irá acabar com elles, eis-os que surgem, multiplicados, deante de nós.

Que creança enfesada é a Humanidade!

Não aprende, não raciocina, não cresce nunca! Ainda anda, coitada! de gatinhas...

E as cozinheiras? Quem é que tem cozinheira no Carnaval?

As patrões ficam indignadas, porque tem de fazer força na cozinha. E os patrões também... porque nem toda dona de casa sabe lidar com as panelas.

Resultado: na primeira quinta-feira da Quaresma, todas as cozinheiras estão desempregadas. Mas também todas as patrões estão sem empregadas. E' a lei das compensações. E uma simples contradança preenche todas as vagas.

E a litteratura carnavalesca? A idéa, a delicadeza, a grammatica, tudo se junta para fazer de sambas e marchas verdadeiras obras-primas no genero, que são, sem favor, geniaes.

O genio não é só o que sabemos; não é apenas o genio positivo. As canções do Carnaval demonstram que ha também genios com signal negativo.

O cordão, o bloco, o rancho... Tres cousas distinctas que sonham com uma só verdadeira — o club. O club é mais importante; é para quem pode. Tem séde, tem dinheiro em caixa. Todos elles, porém, servem para dar á vida, muitas vezes incivil, do Carnaval, as gradações da vida civil dos pobres, dos remediados e dos ricos.

Na turba, entretanto, confundem-se todos. E' a promiscuidade. E é também, não raro, a inversão apparente das condições reaes. Os pobres, por excellencia, affectam riqueza e hierarchia. São rajahs, são principes, são figurões importantes. Sonho de tres noites de verão...

E ha muita gente que se contenta em sonhar com o que não é, já que é obrigada a ser aquillo com que nunca sonhou.

O Carnaval tem, todavia, uma attenuante. Tem uma razão particular que redime a insanía.

A vida é a mesma; os dias são eguaes; hontem, hoje e amanhã são tão semelhantes...

E a unica virtude que o Carnaval tem é tornar tudo differente. Tudo só? Não: todos também.

Já é uma vantagem.

Depois do triduo de irresponsabilidade e de loucura, a cruz de cinza. O memento...

Mas as creaturas, ao invés de se lembrarem de que hão de voltar a ser pó, lembram-se apenas de que, então, irão viver um anno inteiro á espera de que chegue outro Carnaval...

IVAN DE NAMUR

ACAMINHO DO ESQUECIMENTO

conto de Rosita Weiss.

Por uma destas tardes claras e amenas, em que passa uma brisa fresca, convidando a gente a respirar-a bem, a sentir-a nos pulmões e na alma, dois homens se encontram deante do terraço dum café. E o primeiro movimento de ambos é para um affectuoso, caloroso aperto de mão.

— Ha quantos annos nos não vemos! Tanto tempo te andei procurando, perguntando por ti a toda a gente... Para te vir encontrar agora, por mero accaso!

Os dois amigos observam-se reciprocamente as figuras, para bem se reconhecerem. E o alegre vigor dum delles contrasta com a mal disfarçada serenidade do outro.

— Mas que alegria, Oscar, que grande alegria! exclama o robusto, de olhos jubilosos. — Sempre que falava com alguém do nosso grupo, a primeira coisa de que indagava era do fim que terias levado. Eras a cabeça, a alma da nossa familia bohemia. Pareces-me um pouco mudado... Deve ser da idade, não?

— Não, Richard... respondeu o outro — não tentes iludir-me. — Só mesmo os olhos da tua amizade poderiam reconhecer em mim o rapaz daquelle tempo... Tu, sim, é que não mudaste absolutamente.

E, enquanto assim falava, Oscar tentava puxar para a frente a manga do paletó, para esconder os punhos roídos que tão evidentemente lhe denunciavam a triste situação.

Sem querer responder mais explicitamente, Richard declarou:

— Com effeito, as coisas não me teem corrido de todo mal. Tenho uma excellente mulher, filhos já rapazes e com elles me consolo de todas as amarguras... Sim, porque nem tudo tem sido rosas no meu caminho. E tu? Celibatario convicto, como naquelle tempo?

— Não. Casei-me. Por desgraça minha!

— Homem, talvez não seja caso para tanta amargura, tanto desanimo. Vamo-nos sentar. Conta-me a tua vida. Garçon, dois whiskies!

Oscar principiou a sua historia:

— Dois annos, mais ou menos, após a tua partida para a Europa, isto é: anda agora por oito annos, trabalhava eu no diario *A Capital*. Sem ganhar mundos e fundos, recebia um ordenado sufficiente e andava cheio de projectos e illusões. Morava com minha mãe no suburbio, naquella casa que tinhamos mandado fazer — recordas-te?

Uma noite, ao voltar do trabalho e quando só faltava uma estação para eu descer, qualquer pequeno accidente fez parar o trem. Um tanto aborrecido, dispunha-me a retomar a leitura do jornal, quando uma voz de timbre doce, attrahente, se dirigiu a mim, á maneira de commentario:

— Sempre a mesma coisa! Que maçada!

A creatura de olhos negros, avelludados, que se sentava defronte de mim, tentava erguer a cortina do seu lado. Precipitei-me a auxiliar-a. E assim iniciámos a mais natural e superficial das conversações.

Sem aquelle incidente, de certo eu não teria reparado nella. Soube depois que se chamava Martha e trabalhava numa casa ingleza do centro da cidade. Coincidiu descermos na mesma estação; e, agradando-me a benevolencia que ella me dispensava, offereci-me para a acompanhar. Passou isto a dar-se diariamente; e, á medida que o tempo passava, mais necessaria se me ia tornando aquella affeição. Um dia Martha adoeceu. Fui visital-a; e desde então me tornei assiduo em sua casa. E ao cabo de pouco tempo, casavamos. Porque te mentiria? Ao principio fui felicissimo. Tinha levado para o casamento uma immensidade de illusões. Começaram, porém, as coisas a correr-me mal. Um mal entendido me fez sahir do jornal. E logo Martha passou a mostrar-se tal qual era: egoista, exigente, quasi perversa... Tu sabes: o infortunio não pára nunca em meio: desde que entra a perseguir-nos, só nos larga depois de nos haver aniquilado.

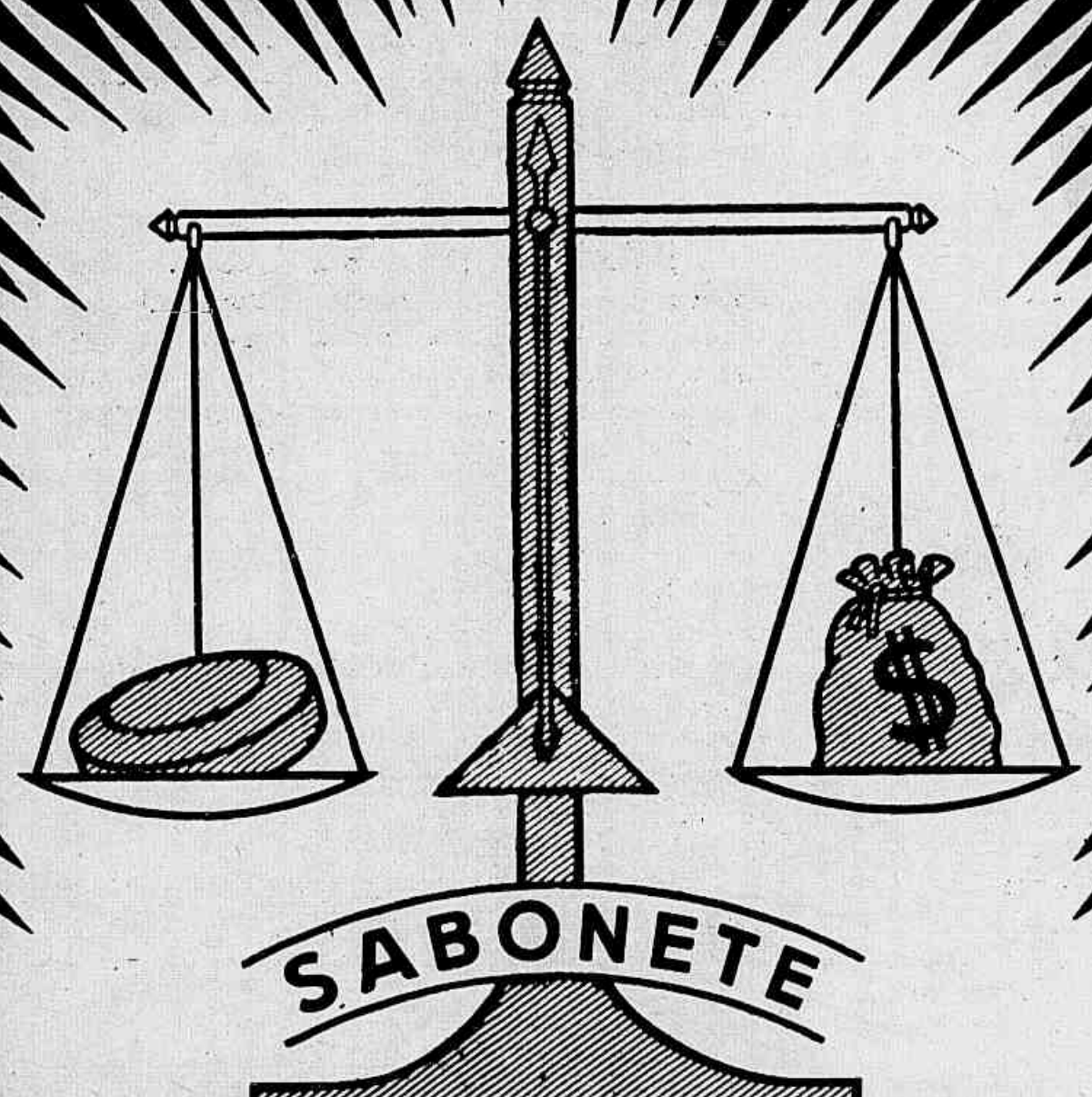
Cerrou os punhos; e uma funda, dolorosa ruga lhe sulcou a testa.

Richard não quizera interrompê-lo. Compreendera bem que, naquella confidencia, Oscar descarregara o seu fardo de tormento, buscando allivio na sua amizade.

— Se ella me houvesse animado, amparado!... Mas os meus reyeztes só lhe inspiravam o desamor e o abandono. Passava quasi o dia inteiro fóra de casa, sem me dizer como nem onde, sem me dar a menor satisfação. Considerava-me, na minha propria casa, um traste inutil. Até que, um dia, sem mais nem menos, partiu.

Houve longo silencio. Por fim Richard perguntou:

C. TARQUINO



SABONETE

VALE QUANTO PESA

é o ideal para o banho!

GRANDE, BOM E BARATO

DISTRIBUIDORA: PERFUMARIA LOPES • RIO • S. PAULO

— E agora?
 — Voltei a morar com minha mãe na casa do suburbio...
 Mas tudo mudou, tudo!
 — Dize-me... Essa Martha... Como era o seu nome de solteira?
 — Que fantasias, que caprichos tem a vida!
 Assombrado, o amigo interrogava-o com os olhos. E Richard proseguia:

— Não sei porque... Assim que começaste a contar o teu caso, imaginei que a Martha minha conhecida fosse tua esposa. Tinham-me contado a sua vida, mas por alto e sem que eu propriamente prestasse atenção. Veiu-me recomendar por uma pessoa amiga, para que eu lhe arranjasse trabalho, pois se achava extremamente necessitada... Era ella! Era a mesma! — Oscar ouvia em silencio — Mas, entre a descrição que me fizeste e a Martha actual, ha immensa differença. Sei que cumpre exemplarmente os seus deveres e leva a vida mais socegada, mais retirada possivel. Em summa e com toda a sinceridade: considero-a uma mulher digna.

Ficaram ainda um momento pensativos ambos. Por fim, Oscar levantou-se e, apesar do movimento do amigo para o deter, declarou:

— Sinto deixar-te, mas não posso perder este trem... Olharam-se fixamente...

— Espero, Oscar, que quando nos tornarmos a encontrar estejas mais satisfeito da vida. Coragem, meu velho! Coragem!

— Quem sabe... respondeu o outro. — Acontece tanta coisa. Até breve, Richard!

Poucos dias depois, Oscar tinha uma bella surpresa. Graças á intervenção de Richard, readmittiam-n'o no jornal. Voltou-lhe, pouco a pouco, a confiança em si mesmo. Na sua alma, renasceu a flôr da esperança. E certa manhã, depois do café, ao pôr a gravata deante do espelho, pensou no passado e teve a impressão de que elle não existira. Se Martha voltasse... Que aconteceria? Como a receberia elle?

RENDA VITALICIA

Affirma-se que Voltaire, aos quarenta annos, possuia uns seis ou sete milhões de francos. Não era, porém, dos seus escriptos, por mais afamados que fossem, que lhe advinha semelhante fortuna, mas sim de rendimentos emprestimos de dinheiro que elle fazia a fidalgos financeiramente atrapalhados.

O celebre poeta e prosador francez emprestava de bom grado uma quantia importante ao herdeiro duma

grande fortuna, na condição de que este lhe ficaria pagando um juro de 10 % ao anno, enquanto um e outro vivessem. O contrato só terminava em caso de morte de Voltaire, que tinha todo o cuidado em escolher devedores ainda novos. Graças ao seu aspecto doentio, encontrava facilmente clientes dispostos a tomar compromissos desta ordem para com um homem que parecia pouco tempo ter de vida.

Diz-se, até, que se o cliente manifestava hesitação o grande e mordaz escriptor se punha a tossir de modo

afflictivo. O outro, na certeza de que o negocio seria bom, tratava immediatamente de fechar o contrato. E Voltaire, que viveu até aos oitenta e quatro annos, assegurava, desta forma, para o resto da sua vida, bellos rendimentos.

—oOo—

Os sabios não estão todos de accordo com respeito ao numero de linguas vivas que se falam no mundo inteiro.

Todavia, pode dizer-se, segundo diversas estatisticas, que esse numero orça por umas 2.800 — das quaes 860 mais especialmente importantes.

Entre estas ultimas, podem especificar-se 48 usadas na Europa, 153 na Asia, 118 na Africa, 44 na America e 117 na Oceania.

Deve notar-se, a este proposito, que o numero total das linguas vivas vae-se tornando menor e isto simplesmente porque as principaes linguas vão eliminando a pouco e pouco os idiomas e dialectos.

CABELLOS BRANCOS SÃO SIGNAL DE VELHICE!

É preciso combater a causa do embranquecimento dos cabellos



★ Os cabellos brancos são provocados pela destruição da materia pigmentar que lhes dá a cor natural a qual é atacada por um microorganismo, que age como um verdadeiro oxydo.

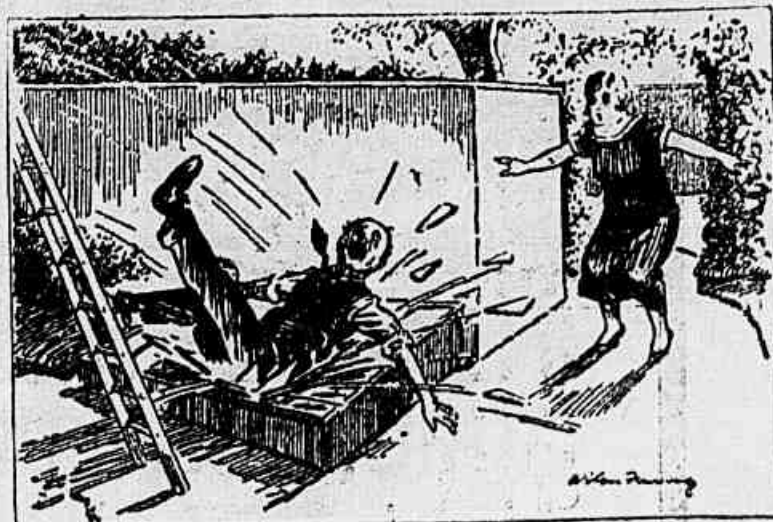
HA muita gente moça de cabelleira branca. As feições, embora jovens, perdem todo o seu vigor, empanadas por uma cabeça encanecida. Cumpre corrigir o mal, combatendo-lhe a causa com o uso da Loção Brilhante, que é um poderoso microbicida. A sua applicação é facilissima. Umas tantas gottas usadas pela

manhã no momento de pentear-se, devolverão aos cabellos brancos ou grisalhos a sua cor natural e primitiva. Nem as pessoas mais intimas explicarão o milagre por que o cabelo se torna sedoso e brilhante.

Em poucos dias começará a readquirir a cor primitiva, com a qual irão nascendo os fios novos

ALVIM & FREITAS, LTDA. • SÃO PAULO

Loção Brilhante



A esposa, afflicta: — Ai, Roberto! as minhas pobres plantinhas de estufa!

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, todas as vezes que molhar os pés, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, tome uma colher (das de chá) de **Regulador Gesteira** e logo em cima meio copo de agua.

Faça sempre assim, que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do utero, a asma nervosa, peso, dores e colicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do utero, fraqueza geral e desanimo, a fraqueza do utero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormencia nas pernas, enjôos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saude causadas pelas congestões e inflamações do utero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

Regulador Gesteira evita e trata tambem as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Sentiu-se outro homem. Sim, era outro. E na imagem que viu reflectida no espelho leu o perdão que elle não tardaria a proferir...

A insigne violinista

I

Léo Menezes e Lobo Guimarães galgaram, rápidos, a escada que conduz á moderna casa de chá, installada na sobre-loja do novo arranha-céo da Avenida.

Era num sabbado, á hora do **five o' clock**.

Sala ampla, confortavel, decorada com arte e sobriedade, ambiente aristocratico e discreto, em que todos nos sentimos bem. Dispostas marcialmente, de uma e outra banda, como soldados em parada — numerosas mesas vasias, donde se evolava, agradavel, o perfume de rubros cravos de Petropolis, collocados em vasos de crystal.

Do tecto colorido, aberto em cavidades phosphorescentes, descia, sobre o tapete vermelho corrido ao centro, uma luz suave e morna. **Garçons** empertigados, de jaquetas brancas, aguardavam ordens.

Léo Menezes e Lobo Guimarães sentaram-se proximo á orchestra, que executava — interprete fiel do genio de Dorival Caymmi — o mais empolgante numero que a musica popular brasileira já produziu: "O que é que a bahiana tem?"

— Veja, disse Menezes, sempre arguto nas suas observações, poucas mesas encontram-se occupadas. Não devemos attribuir a circumstancia aos preços escorchantes, porque, de ordinario, quanto mais elevados maior a freguezia.

— Sim, concordava Lobo Guimarães. Somente no factor sorte se encontrará o motivo por que umas casas deste genero prosperam e outras vivem ás moscas.

— Assim em tudo, assim até no amor. Olhe o caso das Silveiras: a Irene, com aquella cara de lua espantada, encontrou logo um rapagão da Alfandega; no entanto, a Olguinha, que está longe de ser um monstro como a irmã, vae marchando, a passos largos, para a casa dos quarenta, sem que a leve algum ao Pretorio.

Léo Menezes, figura de projecção na finança nacional, director de varias empresas industriaes, ligara-se fraternalmente, ainda na mocidade, a Lobo Guimarães, homem de imprensa, antigo reporter, agora co-proprietario do "Novidades". Nas suas palestras dos sabbados, á hora do **five o' clock**, abordavam com jovialidade os acontecimentos da semana, ou traziam á tona capitulos pittorescos da chronica da cidade, já esmaecidos com o perpassar dos dias.

Lobo Guimarães, desde que se haviam sentado á mesa, notava a attitudo singular de Léo Menezes, attento aos menores gestos da violinista do conjunto. Alta, esguia, alourada, feições gregas, um sorriso constante á flôr dos labios, que parecia mendi-garem beijos.

— Ter-se-ia você, de subito, apaixonado?

— Não, contestou Léo Menezes. Procuro apenas verificar se aquella encantadora creatura é do genero da outra do conto de Henri Duvernois.

Lobo Guimarães desconhecia o trabalho, que o amigo assim resumiu: Numa orchestra feminina de café, certa figura occultava-se modestamente, á hora dos applausos. E' que, não sabendo tocar, apenas simulava fazel-o, seguindo com precisão o movimento das companheiras. Fôra alli collocada como peça de adorno, porque era linda, e para impedir que permanecessem treze pessoas no tablado sonoro.

A orchestra atacava agora o tango — **Por vos yo me rompo todo**.

Com os olhos pregados no arco e no violino, Léo Menezes já chegara á conclusão de que não tinha deante de si apenas uma estatua viva.

— A proposito, disse Lobo Guimarães. Na minha carteira de jornalista, com trinta annos de officio, entre muitos casos annotados, encontra-se tambem a historia de uma violinista, porventura não menos interessante.

Léo Menezes mostrou curiosidade pelo assumpto e Lobo Guimarães, incontinenti, o satisfiz.

II

Marion Duque Estrada fizera-se um nome de cartaz. Seu espirito scintillante, victorioso em varios sectores das letras — na poesia, no conto, na oratoria — de ha muito se firmara nos centros intellectuaes, artisticos e mundanos.

Havia, talvez, na facilidade com que as portas se lhe escancaravam, um resco qualquer da sua audacia diabolica, do impeto com que investia para vencer; mas ninguem ousava negar a ascendencia que conseguira, a golpes de intelligencia e de coragem, e graças, tambem, aos seus consagrados dotes phisicos, premio de belleza, que fôra, num concurso de **misses**.

Voz de tonalidade magnifica, altura regular, esbelto o porte, testa elevada, esplendendo talento, rosto moldado em linhas deslumbrantes, na bocca mais formosa os dentes mais perfeitos, olhos negros, retintos, fulgentissimos, mãos inquietas, febris, maravilhosas, ligeiro o andar, de passaro apressado.

Era, innegavelmente, seductor. Dir-se-ia admiravel tela, com a marca de celebridade, em ferias de um museu.

Temperamento irrequeto e contradictorio, versatil nas opiniões como voluvel nos affectos, avessa aos deveres sociaes, pouco amiga das amigas, tudo isso era como se não existisse, deante da sympathia, grau 10, que despertava.

No Instituto de Musica, para o qual entrara com o calor dos 18 annos e a flamma de um grande ideal, tornou-se um dynamo em actividade: chefiava os movimentos academicos, promovia horas de arte, fez-se a animadora incansavel do Centro Paganini, donde se irradiavam as mais notaveis manifestações artisticas da metropole.

Descuidava-se, porém, dos estudos, em consequencia da vida trepidante que levava e, o que é mais, por lhe faltar vocação para o instrumento dos deuses, como renavam as más linguas. Dahi não corresponderem suas notas, no fim do anno, ao nome que a envolvia e ás suas ambições totalitarias, o que a fez repetir, em março, a prova.

Foi por esse tempo que occorreu um episodio escandaloso, do qual ficou indelevel memoria. Como attribuisse ao professor Bertini o fracasso do exame, no dia seguinte, num gesto impulsivo, bem proprio de sua indole, dirigiu-se ao edificio da rua do Passelo, com a indumentaria costumeira — vestido azul marinho, um violino de ouro como broche, boina rubra cobrindo-lhe os cabellos. Penetrou na sala 14, olhos esgazeados de rancor, e, nervosa, escreveu na lousa negra, a giz:

"Cabotino. Atarracado.

Mais ou menos imbecil.

Rempli de soi même. Ousado
Vergonha do meu Brasil.

Quando o vejo — ó pensamento! —
Cubro a minh'alma de luto,
Pois julgo vêr um jumento
Pastando pelo Instituto".

E assignou — "Má". Era o pseudonymo de que se utilisava na "Setta", para sub-screver as deliciosas perfidias com que alvejava os consocios do "Arariquibola-Club".

A nova correu pela escola como um automovel em fuga. De todos os cantos surgiam grupos, que, num momento, encheram a sala, commentando, ás gargalhadas, a mordacidade irreverente de Marion.

Aberto inquerito, foi archivado **por falta de provas**: alguém, com oportunidade, havia apagado a satyra, antes que a visse o maestro Carreira, director em exercicio.

Desse dia em deante, Marion Duque Estrada ganhou os fóros de pequena temivel, dessas com quem o melhor que se tem a fazer na vida é andar em boa paz.

Era, na verdade, uma garota **do barulho**. Ella propria, como se olhasse para dentro de si mesma, com espirituosa malicia, numa phrase que fez época, se auto-retratava: "Dizem que tenho uma aduela de menos, mas, para mim, não tenho aduela alguma".

Com a famosa medalha de ouro ao peito, chumbada ao compromisso de honra, desprezou, contudo, o violino, como as uvas inacessiveis do pomar, não mais nelle tocando.

Ninguem pode fugir á predestinação: seus pendores, cedo revelados, eram para as letras. A' semelhança dos irmãos Goncourt, que, procurando pintar uma aquarella, começaram a escrever um **vaudeville** com pincel embebido em tinta da China, Marion Duque Estrada seria capaz de compôr um lindo soneto com o arco de seu violino lhadado em "marca Sardinha".

Bem merecia um estudo psychologico a tremenda batalha travada no sub-consciente de Marion. Convicta de que não dava para o violino, trazia-o a sete-chaves, mas elle a obsessão de sua vida, a idéa fixa de todos os seus momentos. Ao mesmo passo desdenhava as glorias litterarias, que obtinha, no entanto, sem esforço. Com indifferença viu seu poema "Esplendor" coroado pela Academia, havendo-se recusado mesmo a mostrar-se no **Petit Trianon**, para receber o premio que lhe coubera; e, quando

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

UM DRAMA NO CARNAVAL

Nos tempos de Villette ainda eram possíveis essas scenas semi-tragicas que tinham por theatro um gabinete reservado e eram epilogo de uma noite de baile em que Pierrot proclamava, cheio de colera, seus direitos sobre Colombina, e esta sorria, talvez com scepticismo, quanto ao aspecto legal, e integralmente incredula quanto ao aspecto affectivo desses direitos.

Desde então, se Pierrot e sua amada ainda andam pelo mundo, os costumes mudaram muito e, havendo scenas dramaticas em um baile de mascaras, suas personagens não teem a physionomia com que o famoso pintor as imaginou.

Se optimistas, podemos pensar em que melhoraram nossos costumes e que não são da



Quadro de Villette, que figurou em um salão de "Artistas Independentes" em Paris.

nossa epocha os *Pagliacci* e *Las Golondrinas*, se pessimistas, podemos pensar em que a eterna *coquette* e o ludibriado de sempre não fizeram mais do que se transformar, velando seus rasgos, ella — com a hypocrisia e elle — com a ignorancia do seu mal. E' melhor pensar bem, embora com o risco de não acertar e, em ultima analyse, admittir que ainda ha Colombinas e Pierrots. Mas são excepções. Outros tempos, outros costumes.

Esse eterno duo que a Lua — *Madame la Lune* — á qual elle cantava serenatas via, com certeza, com maus olhos era demasiado romantico para harmonizar-se com as orchestras, excessivamente metallicas, em uso...

A DOENÇA DA PREGUIÇA

A preguiça ser doença foi sempre uma verdade proverbial. Pouco falta para que essa affirmação se torne num facto scientifico. Para o preguiçoso declarado, ha nisto motivo de satisfação. Mas se a medicina se mette a querer curar tal molestia, ver-se-ão atrapalhados aquellos que, a coberto dessa desculpa, quereriam continuar a sel-o.

Um medico inglez declarou, ha mezes, que é possível — pelo menos theorica-mente — curar a preguiça. "O que vem a ser a preguiça — disse elle consigo mesmo — senão uma fadiga do cerebro e dos musculos?"

E descobriu que a doença chronica chamada até aqui "preguiça" é uma ligeira paralyia do cérebro e dos musculos. Se a sciencia conseguir isolar o veneno que a produz, encontrar-se-á um antidoto para curar essa paralyia, a que erradamente se tem chamado preguiça. O referido sabio conclue, dos seus estudos, que talvez se descubra uma vaccina contra a preguiça.

Aqui fica o aviso a todos quantos soffrem desse mal, e o soffrem gostosamente, hão de convir, para terem o cuidado de o dar menos ao manifesto.

Por que é que as pessoas, em geral,

bocejam e se espreguiçam quando acordam?

Emquanto se dorme, a respiração é pouco funda, dilatando-se os pulmões apenas parcialmente e a circulação do sangue é também mais vagarosa. O primeiro impulso, ao acordar, é portanto dilatar plenamente os pulmões e restabelecer uma circulação mais activa.

Os pulmões dilatam-se com o bocejar, pois o largo abrimto da bocca ajuda a entrada mais funda do ar. O espreguiçar auxilia o esforço inspiratório e, ao mesmo tempo, impelle o fluxo de sangue, especialmente para os musculos. O bocejar e o espreguiçar são, pois, na realidade, os meios pelos quaes a machina humana "retoma vapor", depois dum certo periodo de descanso.

PENSAMENTOS

Quando se impacientar, conte de um a dez.

Quando se irritar, conte de um a vinte.

Quando se encolerizar, conte de um a cem.

Se não conseguir dominar-se, considere-se doente ou fraco, não prosiga na contenda, porque será vencido ou será um vencedor que se envergonhará da victoria.

Renato Kehl.

Estamos tão preocupados em nosso favor que o amor-proprio nos faz tomar por virtudes vícios que se lhes assemelham.



quem se referia á "notavel poetisa" Marion Duque Estrada, essas palavras soavam nos seus ouvidos quasi como um insulto.

O qualificativo que a seduzia era o de "insigne violinista". E explicava: — "Porque não sou, nem quero ser outra coisa".

Trombeteando, nos meios musicaes, um merito que não passava de fructo de sua imaginação prodigiosa, chegou a impressionar os criticos de arte a eloquencia com que alludia aos seus progressos violinisticos. Dahi surgir a lembrança de um concerto, que a revelasse ao publico. Acenaram-lhe, até, com uma noite de gloria no Municipal, sob os auspícios da "Cultura Artistica". Oscar Guanabary, Arthur Imbassahy, Magdala da Gama Oliveira (esta com as credenciaes de violinista eximia), D'Or, Itiberê da Cunha — o primeiro team da critica musical da cidade — empenhavam-se na campanha.

Embora apparentasse envaidecimento, Marion sentia-se, no intimo, apavorada. Recordando todo um passado de intrepidez e bravura, intimidava-a o pensamento de apparecer num palco a tocar violino. Preferiria dirigir um avião sem o *brevet*, viajar num trem da "Therezopolis", expôr-se a todos os perigos imaginaveis — menos áquelle. Recordava-se, de certo, da fragorosa noite de Agosto, em que Sophia Barreiros, affrontando a platéa carioca, ousara encarnar a Cecy da obra-prima de Carlos Gomes, para soffrer a maior pateada de que ha lembrança.

Acosada, porem, pelo vozeio dos jornaes, accedeu em marcar o seu recital, incluido na série de concertos dos ex-alunos laureados do Instituto.

III

2 de Dezembro. No salão Leopoldo Miguez, ás 9 da noite, um auditorio illustre — damas da alta sociedade, cathedaticos, homens de letras, artistas, estudantes — estava a postos.

A publicidade fôra eficiente: dias seguidos, o formoso retrato de Marion, empu-çando um *stradivarius*, circulara pela cidade, estampado nas folhas, com os mais demorados encontros á "insigne violinista", que, diziam, consentira em brindar o Rio de Janeiro com os primores da sua arte pura e incomparavel.

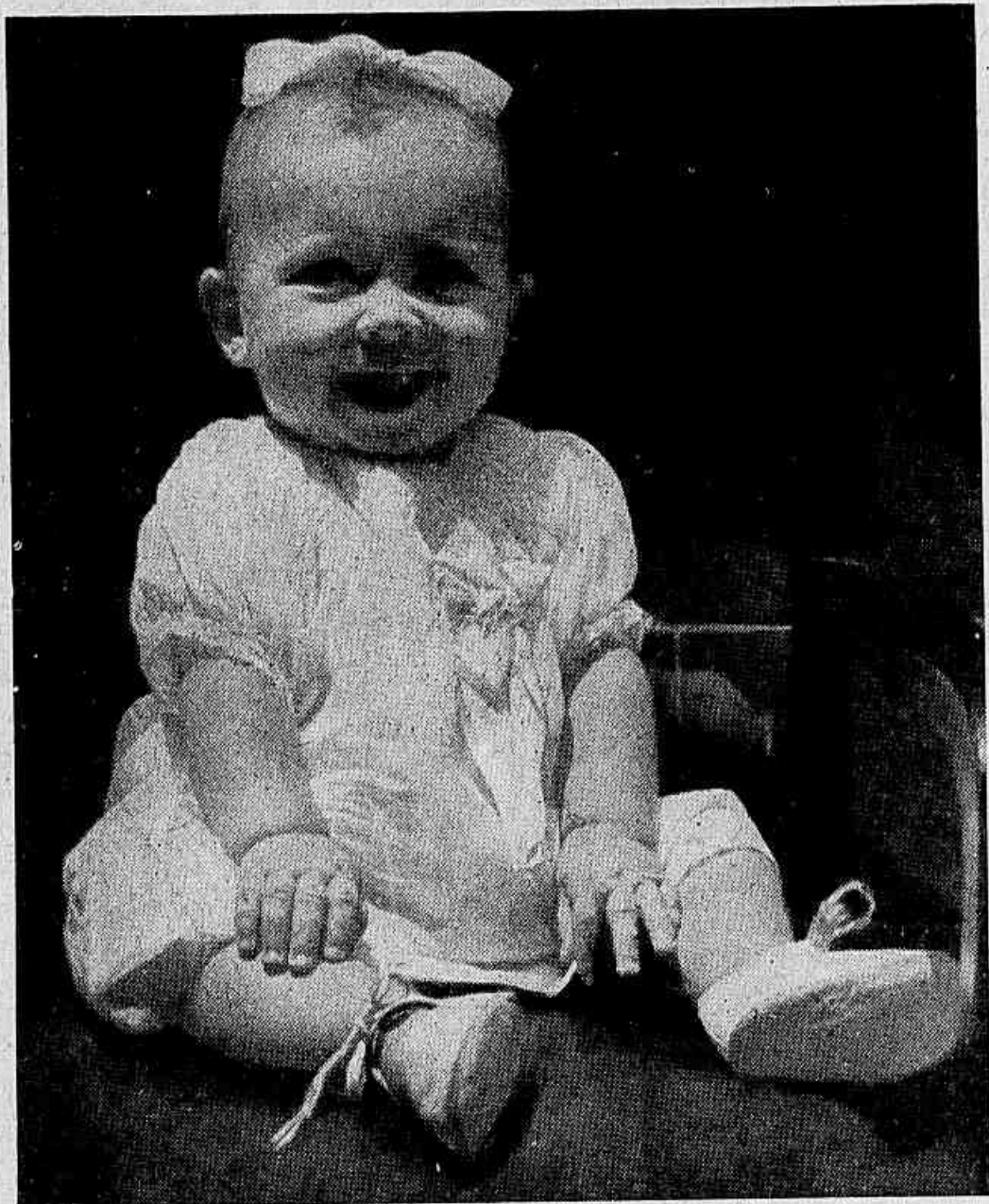
Pelas 9 1/2, já se percebia, nitido, o arrastar de passos caracteristico das platéas impacientes. A's 10 horas, enfim, descerra-se o velario. Mas, subito, se esvae toda esperança: é o secretario do Instituto, um gigante avelhantado e ruivo, que se apresenta no palco e annuncia, entre as dezenas de *corbeilles* alli deitadas: "Respeitavel publico. A insigne violinista Marion Duque Estrada acaba de torcer o pé, motivo por que fica calado, sine die, o concerto desta noite".

Numa cadeira lateral, em que se accomodara — o mais curioso, talvez, dos assistentes — o velho professor Bertini, já aposentado, esboçava nos labios um sorriso, não sei se de ironia ou de piedade.

— Noite de gloria...

CASTRO NASCIMENTO

MAQUINA **das CRIANÇAS**



Myrna Bastos, filha do casal Zulma e Jorge Bastos.



Registramos com a gravura acima o 1º. aniversário do menino Wanderley, filho do sr. Wanderlinio Wienkoski e da senhora Hercy Resende Wienkoski.



Collegiaes que fizeram a 1.ª comunhão na igreja de Santo Affonso, posando para a "Revista da Semana".

AS TRES **MEDALHAS**

UM certo grupo de índios chegou á cidade, vindo de muito longe, á procura de ferramentas para a lavoura e de algum auxilio para poder regressar ao sertão. O povo, condoido, dava-lhes alguma coisa, a troco de arcos, de flechas e de algum objecto rustico. Um grupo de garotos, vendo-os sentados á soleira de uma casa, acercou-se delles e o mais atrevido fazia-lhes perguntas, que só um delles comprehendia e respondia [como podia].

O Rodolpho, garoto de 11 annos, que fazia parte do grupo, foi tomado de muita compaixão pelos pobres índios e organizou uma collecta para dar-lhes alguma coisa.

O dinheiro que arranjou foi pouco, mas Rodolpho tanto insistiu para com os paes e os visinhos que, afinal, obteve algumas ferramentas e mantimentos. Os índios ficaram ali a olhar o trabalho dos garotos e, como já houvessem dado o que traziam, não sabiam mais como recompensar os presentes dos pequenos, que olhavam com os olhos marejados de lagrimas. Afinal, um delles dirigiu aos outros palavras incompreensiveis, consultaram-se e o indio, que disséra ser seu nome Jupaná, retirou de uma saccola tres medalhas e as entregou aos garotos.

As medalhas não eram obra de índios, mas bem feitas e traziam nomes de uma expedição. Ao lêr esses nomes, Rodolpho correu para casa e pouco depois voltou

com o pai, que havia, ha tempos, explorado o sertão. Ao vêr os índios, o pai de Rodolpho precipitou-se para acolhel-os com grande alegria, não sendo menor o jubilo dos índios ao vel-o. Fôra o pai de Rodolpho que lhes dera essas medalhas, para lembrança do acolhimento que teve entre elles.

Era tempo de mostrar sua gratidão, e o pae de Rodolpho forneceu-lhes tudo, fazendo-os voltar ao sertão carregados de presentes e pelos meios mais confortaveis. Na despedida, o pae de Rodolpho, observou aos garotos:

— Guardem essas medalhas. Ellas lhes dirão que os índios têm coração tão bom como o nosso e sabem acolher quem vae como amigo e não como usurpador. Se um dia, algum de vocês fôr até lá, mostre a medalha e saberá a força que tem a gratidão entre elles.



Marilia e Ieda, filhas do sr. Rodrigo de Andrade e d. Maria de Andrade.

PARA CRENÇA
DENTISTA

Dr. Willmersdorf, especialista. Ex-assistente do Dr. Plinio Sena. Av. Rio Branco, 128, sala 212. Tel. 22-5596. Hora 20\$. Segundas, Quartas e Sextas-feiras.

AS INVENÇÕES DE LEVABRECK



SANTOS DA SEMANA

FEVEREIRO

22

A cadeira de S. Pedro em Antiochia. — Festa commemorativa do dia em que São Pedro tomou posse do bispado de Antiochia e seus discipulos começaram a ser chamados Christãos (Anno 59).

Santa Margarida. — Nascida em 1249 em Alviano, na Toscana, teve uma vida irregular desde a adolescência; aos vinte e tres annos converteu-se subitamente e retirou-se para um mosteiro, onde morreu em 1297, após haver, pelas orações e mortificações, reagatado largamente os erros da vida passada.

23

São Lazaro. — Monge, nascido nos arredores do monte Caucasus. Queimaram-lhe a mão, por haver censurado as depredações dos iconoclastas; mas foi curado milagrosamente. Passou os ultimos annos orando e morreu no decorrer de uma viagem a Roma, em 860 ou 870.

S. Pedro Damiano. — Nascido em Ravenna em 998. Damiano guardava porcos na mocidade. Educado na religião por um de seus irmãos, foi nomeado abade de Font-Avillana (Umbria) em 1041. O amor da solidão levou-o, em 1062, a renunciar o cargo; enclausurou-se definitivamente e morreu em 1072.

24

São Mathias. — Substituto do traidor Judas no collegio dos Apostolos, supõe-se que evangelizou a Judéa e a Ethiopia, onde teria sido crucificado (seculo I).

Santa Demetriade. — Filha de Olybrius e neta de santa Proba. Fugindo de Roma deante da invasão dos Godos, recusou casar-se e tomou o véo em Carthago. Voltando depois a Roma, fez construir a basilica de Santo Estevam. Morreu em 425, mais ou menos.

25

São Cesario. — Muito habil na arte da medicina, tornou-se o primeiro medico de Juliano, imperador de Constantinopla, que o protegeu, poupando-o ás perseguições que então soffriam os christãos. Terminou a vida na solidão, deixando todos seus bens aos pobres (seculo IV). Filho de São Gregorio Nazianzeno.

Santa Altrudes. — Sobrinha de Santa Aldegundes, a quem succedeu na direcção de seu convento. Sua morte remonta ao anno 675.

26

Cinzas. — Primeiro dia da Quaresma. Entre os primeiros christãos, era esse dia aquelle em que se faziam as penitencias publicas: os penitentes apresentavam-se, em signal de afflicção, com a cabeça coberta de cinzas. Hoje, não ha mais semelhantes penitencias, mas os fieis vão á igreja, onde o padre lhes faz uma cruz na testa com cinza, pronunciando o versiculo do Genesis: "Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris" — (Lembra-te, homem, que és pó e ao pó voltarás). Essa cerimonia foi instituida pelo papa Gregorio, o Grande.

São Porphyrio. — Nascido na Thessalonica em 355, praticou a vida religiosa no mosteiro do deserto de Scété. Ordenado padre aos quarenta annos, foi obrigado pelo arcebispo a aceitar o bispado de Gaza. Fez numerosas conversões entre a população pagã e morreu em 26 de Fevereiro de 420.

Santa Mathilde. — Retirando-se muito jovem para uma cellula num convento perto de Mayence, morreu em 1154, em consequencia das privações que se impuzera durante a vida.

27

São Leandro. — Nasceu em Carthagenia em 540. Era irmão de Santo Isidoro. Arcebispo de Sevilha, converteu varios principes visigodos, que eram arianos, tendo sido por isso isolado pelo rei Leovigildo. Entretanto, foi encarregado de instruir na fé catholica o herdeiro do throno. Recarede, tarefa de que se desobrigou honrosamente.

Santa Honocina. — Virgem martyrizada na Normandia no seculo IV, e cujo corpo foi transportado para a confluencia do rio Oise com o Sena, onde se ergue hoje a cidade de Conflans-Sainte-Honorine.

28

São Romão e São Lupicino. — Romão e Lupicino, seu irmão, foram educados no mosteiro de Alnay. Quando Lupicino, a instancias do pai, se casou, seu irmão metteu-se nos desertos do Jura para ahi viver na solidão. Ao cabo de alguns annos, tendo Lupicino ido juntar-se a elle, fundaram ambos mosteiros que ainda tem seu nome.

Santa Aldegundes. — Virgem, tia de Santa Altrudes. Fundou o mosteiro de Maubeuge, de que se tornou abbadessa. Favorecida por frequentes aparições, morreu em 684.



PO' DE ARROZ

Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO!

Distribuidora: PERFUMARIA LOPES, RIO — S. PAULO

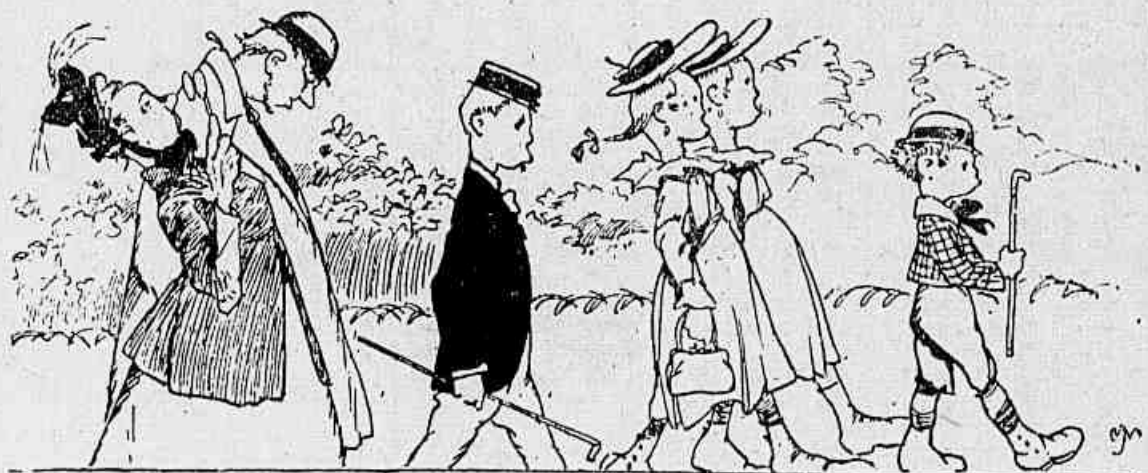
PENSAMENTOS

A vontade é a sede do poder;
é por seu intermedio que o homem commanda e é obedecido.

Lacordaire.

Quando estala uma revolta individual ou collectiva, procure-se a causa provocadora; não encontrando uma paixão violenta, achese-á sempre, em ultima analyse, um acinte á verdade.

Renato Kehl.



— Levanta a cabeça, Romualdo! Não de dizer que tens vergonha de tua mulher que te deu uma tão linda familia.



— Acabei de engulir um alfinete de segurança!
— Aberto ou fechado?
— Aberto!
— Mas que imprudencia! Devias tel-o fechado antes de o engulir.



— Comol?! Então o senhor recusa-me sua filha depois de me haver dado sua palavra?
— Exactamente. Eu lhe dei minha palavra e dou minha filha a'outro... Não, posso dar tudo a um só.

DÉSPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

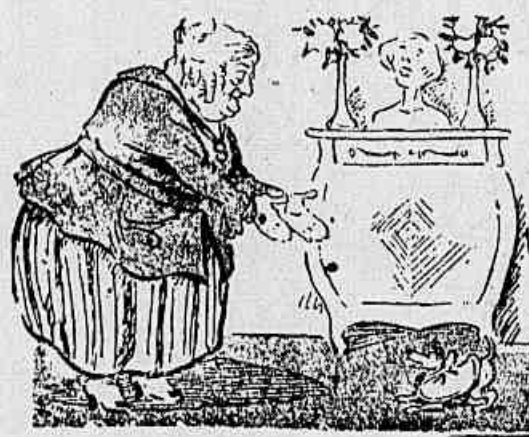
Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contidas; são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço \$5000.



— Estão ladrões na sala. Vae vê, depressa!

— Mas por que? Você sabe que eu não sou curioso...



— Vem cá, depressa, meu queridinho, vem para os braços de tua mãezinha!

Alimentação artificial dos bebês

As crianças são muito sujeitas a distúrbios intestinaes, por falta de regimens alimentares adequados. Muitas não prosperam porque são sub-alimentadas e outras porque são alimentadas incorrectamente. Outras, ainda, porque lhes permitem o uso abusivo de bolachas, doces, balas, ou de fructas em más condições. A hygiene e a puericultura indicam as regras para a racionalização da alimentação, de summa importancia sobretudo nos casos de alimentação artificial dos bebês. As mães devem, pois, procurar conhecer livros existentes sobre estes assumptos, bem como frequentar os departamentos de hygiene infantil para receber as instruções necessarias. Assim procedendo diminuem as possibilidades de erro e concorrem para a criação de filhos fortes e bellos. As mães bem orientadas sabem, por exemplo, que numa simples diarrhéa infantil, ou mesmo de um adulto, a primeira medida a instituir é uma dieta hydrica nas 12 primeiras horas, juntamente com os comprimidos de Eldoformio da Casa Bayer, que combatem as dejectões liquidas, ao mesmo tempo que protegem a mucosa intestinal.



FIGURINOS

CARNAVALESÇOS



Receita



Despeza



Pouca roupa



Bôas intenções



Mangação



Crédito



Calorífugo



"Sans deux sous"



Amigalhão

O CARNAVAL HA 80 ANOS

Como Gavarni e Ortego viam as mascaras

Nada mais hilariante, principalmente para as creaturas um pouco escravas da moda, que a contemplação de photographias velhas, e até de velhos retratos, que, por serem de epochas demasiado proximas da nossa, não lograram ainda o prestigio da antiguidade, e estão, quanto á indumentaria, em periodo de transição, em que já apparece, fundamentalmente, a maneira actual de vestir, mas com fórmulas que a nossa vista, acostuada aos modelos actuaes, acha feias, por insolitas.

Sendo assim, o que já na sua epocha era sufficientemente grotesco para provocar o lapis do caricaturista, forçosamente ha de parecer-nos, passados não já alguns annos, e sim muitos lustros, mais estranho e risivel ainda.

Dois caricaturistas coevos — Gavarni na França e Ortego na Hespanha — saty-



Eis aqui, para muitos carnavalescos, o fim obrigatorio de uma noite de prazer.



As legendas dos desenhos de Gavarni nem sempre tem traducção. Umas vezes são modismos da epocha, hoje incompreensiveis...

rizavam simultaneamente, ha setenta ou oitenta annos, usos, costumes, typos e figuras não tão dissemelhantes que permitissem desmentir a celebre phrase — "já não ha Pyreneus..." — as differenças entre uns e outros modelos não são essenciaes: a veia satyrica é a mesma em ambos os caricaturistas, e se no hespanhol tem mais intenção politica, o facto parece naturalissimo, em razão do ambiente mais revolucionario em que viveu. Gavarni, na epocha do seu esplendor, viveu realmente em um meio aristocratico; os Goncourt, em seu diario, antes de lhe haverem dedicado um livro, falaram muito frequentemente do grande caricaturista, e sempre com admiração, e nol-o mostram em constante convivencia com as mais altas personalidades do mundo artistico fran-



1 — Nesta dias, posso passar impunemente perto dos meus credores.
2 — Como te reconheste? — Pela cabeça.
3 — Pae e filha.



1 — Com a mulher e a sogra.
2 — Eu, meu filho: és o namorado da bailarina que mora defronte da minha casa.
(Desenhos de Ortego)

UM APPARELHO de REGISTAR o MAU HALITO?

Seu halito pôde ser insuportavel. Mas haverá alguém com coragem sufficiente para dizer-lh'o? Se existisse um aparelho capaz de registrar o mau halito, muitos daquelles que se sentem evitados nas festas e reuniões ficariam sabendo, então, o "porque" desse afastamento! O mau halito é o protesto de dentes que se estragaram por falta de trato; de dentes que talvez nunca tivessem sido examinados pelo dentista e nem merecido a graça de uma escova...

Se Você não quer entrar para o rôl dos solitarios, cuide de seus dentes. Escove-os tres vezes ao dia com ODOL. ODOL neutraliza a acidez produzida pela fermentação dos alimentos, realizando uma completa asepsia buccal. É encontrado em pasta e em liquido.

Odol



Para ter bons dentes, siga este mandamento: Use ODOL tres vezes ao dia e visite seu dentista duas vezes ao anno.



Muitas vezes está nessas epigraphes o maior interesse do desenho.

cez, e claro está que com elles proprios. Os Goncourt, aliás, quando ainda não conheciam suas biographias — como é facil vêr em suas obras —, repelliam de sua communhão espirital tudo o que não era aristocratico. A politica era a menor preocupação, quando o era alguma vez, fóra daquellas que affectavam directamente a arte e sua suprema liberdade, naquellas famosas tertulias e banquetes litterarios de que encontramos lindas descripções no Journal.

Ortego, ao contrario, viveu num ambiente de extraordinaria effervescencia politica e revolucionaria, em que era preocupação constante de todos, e muito notadamente dos que hoje chamaríamos intellectuaes, o arduo problema, mais

intricado então do que nunca, do governo do Estado. Para Ortego, portanto, a caricatura politica teria de ser algo de fundamental, de que não podia prescindir, e assim, as diversas collecções que fez de suas obras contem muito frequentemente desenhos de thema absolutamente politico, e outras vezes nelles a politica, sem ser o essencial, dá motivo a claras e visiveis allusões.

Claro está que, como Gavarni, Ortego satyrizou frequentemente vicios sociaes, usos e costumes pouco accordes com o modo de pensar de um artista romantico, generoso, e mais ainda em epochas em que o que chamavam então, mais do que agora, philanthropia, era um anhelito muito



Outras vezes, as epigraphes das caricaturas de Gavarni peccam pelo audacioso atrevimento de expressão, que as tornam "indesejaveis".



Em pares distintos pode-se acompanhar a evolução de um unico par numa noite de baile.

sentido em geral, e essas caricaturas teem mais interesse actual, para o estudo de usos, costumes e modas, que as politicas, geralmente inspiradas por acontecimentos muito interessantes na sua epocha, mas que, por serem pouco transcendentis, perderam totalmente o interesse.

Na caricatura que poderíamos denominar social, ha mais semelhança entre os dois caricaturistas que citámos. Certamente que, do ponto de vista tecnico, são diferentes, mas quanto ao reflexo de usos e costumes essas diferenças se apagam.

Examinando as caricaturas que teem thema analogo, como, por exemplo, as que satyriçam a Paris matinal, e as que pro-

curaram inspiração na Madrid das mesmas horas, encontram-se semelhanças que, seguramente, parecerão insolitas aos que supõem demasiado diferentes os dois povos e consideram, naturalmente, logico que essas diferenças fossem mais accentuadas naquella epocha de Ortego e Gavarni, em que as communicacões internacionaes não eram nem tão rapidas, nem tão frequentes, nem tão commodas como agora.

Cousa analoga se vê em todas as séries dos dois caricaturistas, e se ha excepções, confirmam a regra quanto á principal.

Assim, um thema social e consuetudinario como o Carnaval inspirou a ambos os artistas largas séries de caricaturas

que, na totalidade para as de Gavarni e em parte para as de Ortego, foram colleccionadas. Dessas colleccões tiramos alguns exemplares que aqui reproduzimos, para uma idéa de como era o Carnaval em Paris



Os focinhos de animais não faziam senão anticipar o darwinismo.

e em Madrid ha oitenta annos, ou, pelo menos, como o viam Gavarni além e Ortego aquem dos Pyreneus.

As do caricaturista francez, é verdade, dão idéa de um Carnaval mais aristocratico, porque não pintam um Carnaval de rua, e sim as festas de Momo dentro da Opera, naquelles bailes que foram famosissimos e muito repetidos por aquella epocha.

Não faltam na obra de Ortego allusões constantes aos bailes de mascaras, de que tirou muitas vezes motivo de inspiração,



Um dos disfarces mais communs era o de descarregador de barcos, que se exhibia sarcasticamente com raridade.

mas ha, proporcionalmente, maior numero de allusões ao Carnaval de rua, que talvez então, como muito depois, e ainda hoje mesmo, tinha em Madrid mais importancia que na capital da França.

Talvez — e o facto é socialmente curioso e seria, por certo, motivo de um interessante estudo — talvez haja maiores diferenças entre os dois carnaves: no de Madrid, no Carnaval de rua de Madrid, ainda ha muita sobrevivencia da epocha de Ortego; dos bailes da Opera de Paris nada resta, ou resta pouquissimo. Verdade é que os bailes, os poucos bailes de mascaras que se realizam em Madrid, são também muito diferentes daquelles celeberrimos de Capellanes e de Paúl, em lucta na epocha da copla que a Hespanha não esquece.

«Não me leves a Paúl,
Que alli me verá papae;
Levá-me a Capellanes, que estou certa
De que elle alli não vae»

pela qual se pôde formar lamentavel idéa dos papás dansarinos e das meninas sacerdotizas de Terpsychore da epocha.

Por alguma cousa o famoso pregador, mais politico ainda do que o proprio Ortego, costumava dizer no pulpito, para cortar o passo áquelles costumes demasiado livres, e em que o cancan era um pormenor sem importancia:

«O' jovens, que ides dansando,
Para o inferno ides saltando»



Para um estudo de typos e costumes de uma epocha, os desenhos bastam.

Desenhos de Gavarni

O FUNDO DAS COISAS

A esposa indignada — O que você sabe das toilettes das mulheres?
O marido desabusado — O preço, minha querida.

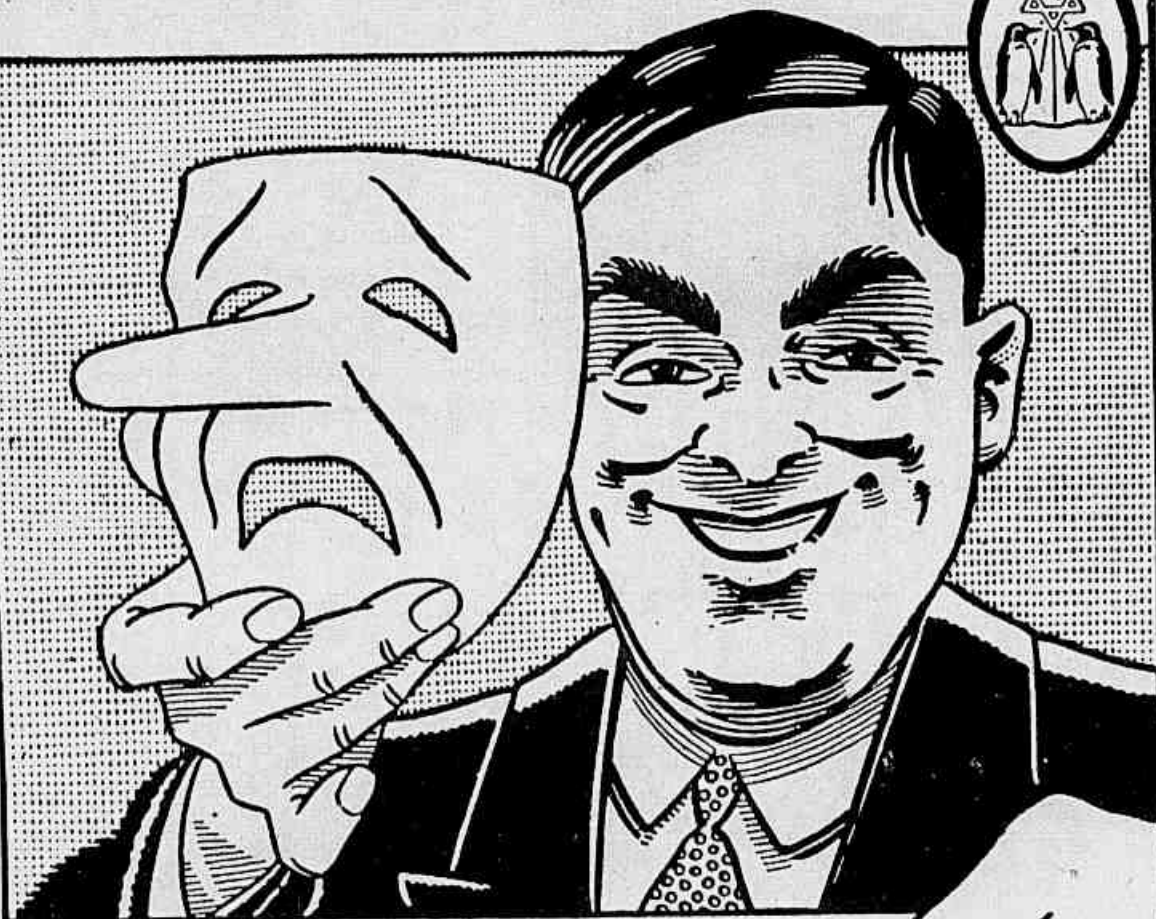
GALANTERIA

A duqueza de Fransac felicitava o marchal de Richelieu, seu cunhado, pela sua boa apparencia dizendo-lhe: — Está com uma bella physionomia!
— Minha amiga, está me tomando sem duvida por um espelho!



— Estamos brincando de papae e mamãe...
— E para isso fazem tanto barulho?
— E' que ella está pedindo dinheiro para comprar um chapéo.

O que me consola
não é a "Helena"



E' uma
HAMBURGUEZA
DA ANTARCTICA
a cerveja das multidões



OS BAILES NA OPERA DE PARIS



Baile na Opera de Paris, segundo pintura da epocha.

Os bailes da Opera de Paris foram na sua primeira epocha, nos primeiros annos do século XIX, e partir de 1815, um espectáculo muito da moda, prazer de nacionaes e estrangeiros, e um dos maiores attractivos para os que iam então a Paris para divertir-se.

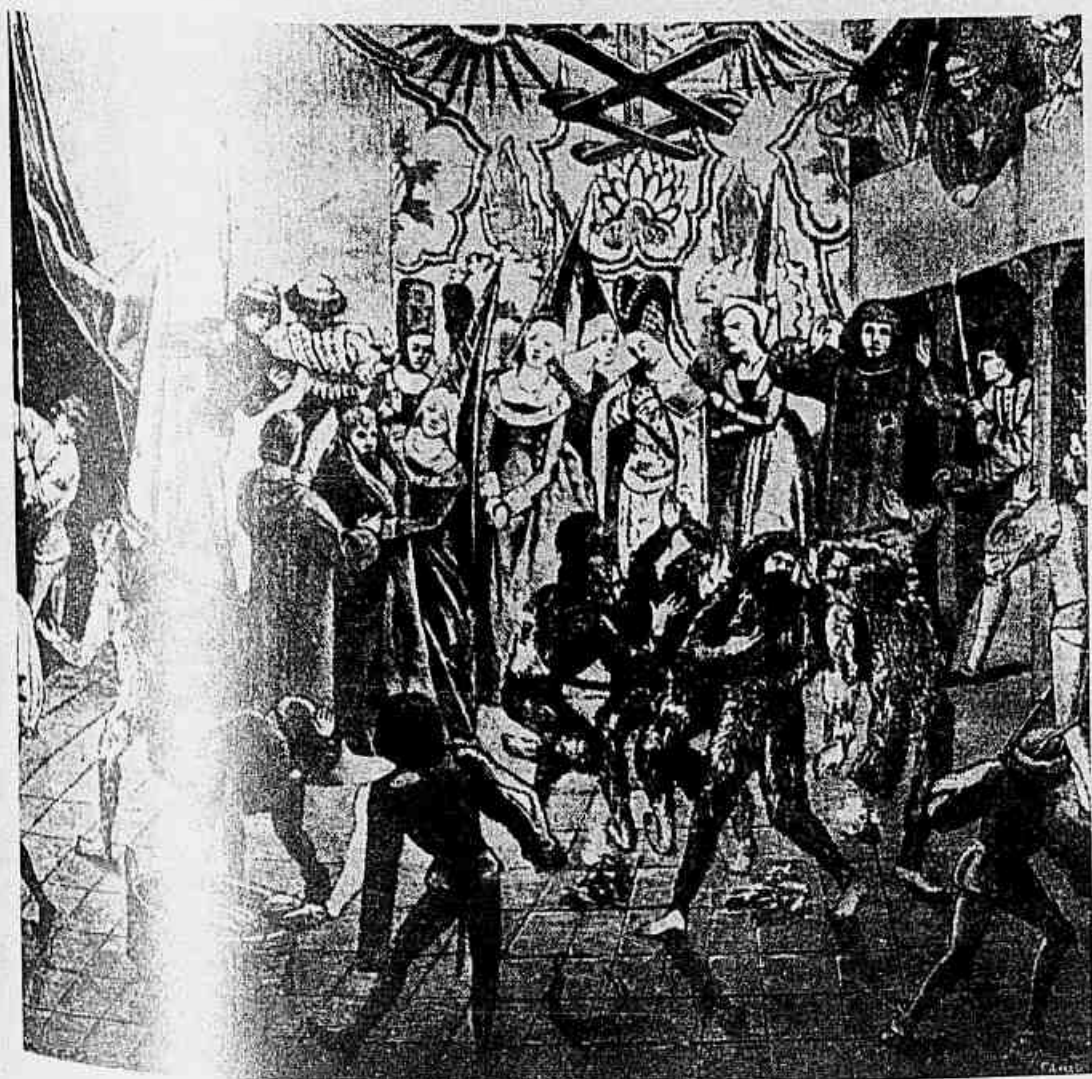
Eram então os primeiros bailes publicos um feliz substitutivo, ideado pelo Regente, dos bailes particulares, tornados impraticaveis á vista dos que deram, em Sceaux e no Palais Royal, dois opulentos proceres: o eleitor de Baviera e o principe Manoel de Portugal, com quem ninguém se atreveu a competir.

Mas o baile era uma necessidade, e os publicos autorisados pelo Regente e que se realizavam na sala da Opera tres vezes por semana, obtiveram extraordinaria voga. Data de então o elevar-se o nivel do plano da platéa ao do palco, para obter-se um salão com a maxima área.

Os bailes, entretanto, mal mereciam esse nome; enquanto as orquestras executavam toda sorte de musicas, só uns poucos pares dansavam, oficialmente, por assim dizer, nos extremos do salão. O resto da concorrência agglomerava-se, comprimia-se, chasqueava mais ou menos engraçadamente, mas evitava dansar, porque o baile obrigava a uma certa intimidade



"O Prado", baile parisiense muito afamado em 1840.



Baile em que o rei quasi morreu queimado — segundo miniatura do século XV.

As Creanças!

Dores no Ventre, Mau Halito,
Lingua Suja, indigestão, Prisão de Ventre



As creanças adoecem muito facilmente do estomago e intestinos.

Basta, ás vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas, para que tenham indigestão, dores no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau halito, dores de cabeça, vontade de vomitar, lingua suja e até febre forte.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remedio brando e suave, de gosto agradável, que as creanças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o melhor remedio para tratar indigestão, dores de barriga, prisão de ventre, mau halito, lingua suja, e outros desarranjos perigosos do estomago e intestinos das creanças.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa

perigosa, em logares onde a mascara permittia a mais estranha confusão de classes. Desde então já não era do bom tom dansar em logares publicos, que podem ser frequentados com disfarce.

Dentro em pouco, todavia, os parisienses foram abandonando aquella diversão; os bailes da Opera attrahiam demasiadamente os estrangeiros, que foram aos poucos se assenhoreando do campo, a tal ponto que era corrente a pergunta: "Mas ainda se fala francez nos bailes da Opera?" A mesma que, com um pouco de exaggero, se poderia fazer depois com relação aos grandes boulevards. Os bailes da Opera tiveram um momento de esplendor muito mais tarde, no tempo de Musard, no reinado de Luiz Felipe. Musard era um musico excentrico, e conseguiu tal fama que foi cognominado **Paganini da dansa e Rei da quadrilha**. Dirigia uma enorme orchestra em que havia nada menos de 48 violinos, guitarras e contra-baixos na proporção, 14 cornetins e 12 trombones, com os quaes conseguia effeitos e sonoridades extraordinarios, que ainda complicava mais com ruidos de moveis e louça partidos e até tiros de pistola no momento culminante do galope final. Musard enthusiasmava de tal modo os frequentadores que o baile acabava sempre com um passeio triumphal do musico, a quem os admiradores carregavam nos hombros, através do salão, enquanto soltavam, em sua honra, estrondosos vivas.

A Musard succedeu na direcção dos bailes Strauss, e mais tarde, depois do incendio do primitivo salão e da inauguração do novo, no boulevard dos Capucins, outros dois reis da valsa: Olivier Metra e o maestro hungaro Farbach. Já por essa epocha, e com receio de que o edificio fosse damnificado, só se realizavam quatro bailes por anno.

Nas epochas da Restauração e da monarchia de Julho, houve em Paris outros bailes publicos celebres.



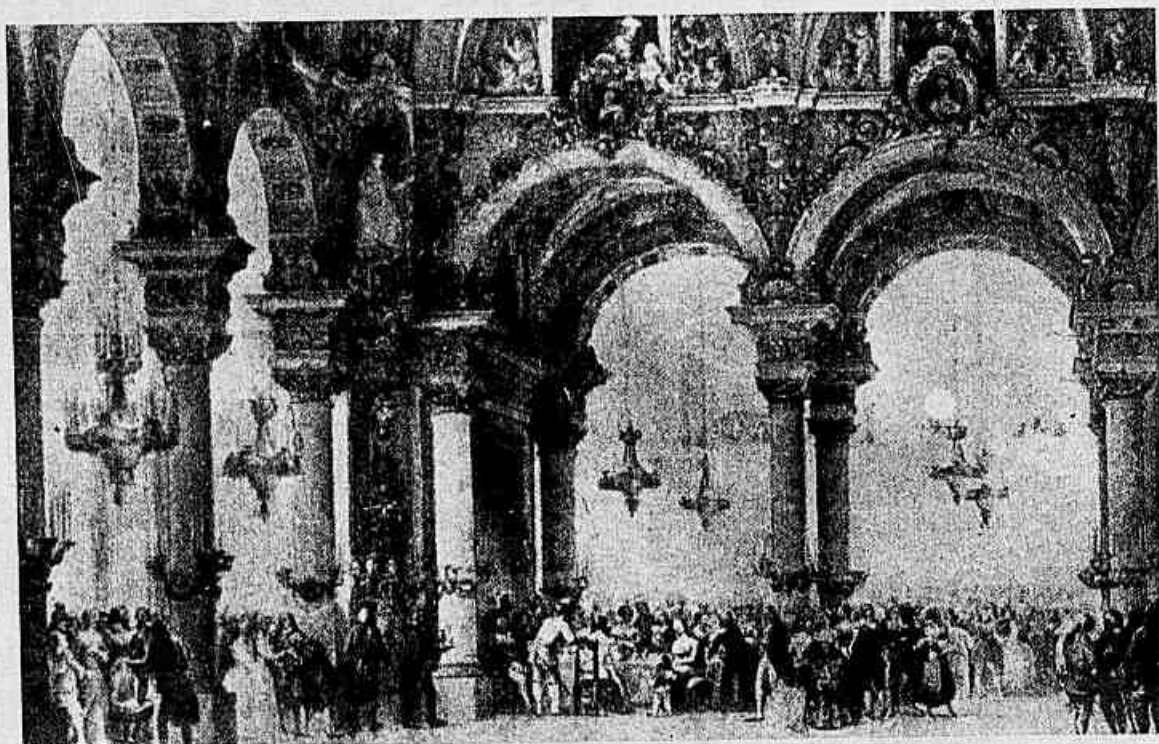
Typos e scenas do baile de Chocard, por Gavarni.

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL



"Baile de mascaras", quadro de Zuccarelli.

MENTHOLATUM
Acalma
QUEIMADURAS
Contusões e
Ferimentos

"DEPRESSA, MARY!
TRAGA-ME
MENTHOLATUM"

"ASSIM FALLOU POLYDORO"

Assim como Nietzsche falou através de Zarathustra, João Luso imaginou o seu Polydoro, homem diabolico que sobre tudo discorre, com inalteravel e superior elegancia. Este livro, de que ora sahe a edição definitiva, é um punhado de flôres, das mais diversas especies, atadas pelas mãos ágeis que se afizeram a trabalhar nos mimosissimos jardins do Estilo. Discreto em torno de escriptores, autores theatraes, actores e artistas de outras feições e generos, contando episodios, relembrando figuras meio delidas pelo tempo, evocando amizades que o tempo não conseguiu matar philosophando, não á maneira rude de Schopenhauer ou de outros pensadores eschyzophrenicos (como se diria hoje...), mas de geito amavel brincalhão e sereno — João Luso, é, sobretudo, o estilista, o conhecedor excelente do idioma, o artista para quem a Palavra é a materia prima suprema e incomparavel.

Para os que amam as bellas letras, este livro é um presente régio, pelo muito que nelle se contém de fino, suave, commovedor e bello. Julia Lopes de Almeida, Machado de Assis, Olavo Bilac, Felix Pacheco, Eduardo Prado, Martins Fontes, Raymundo Corrêa, Euclides da Cunha, Coelho Netto, João Ribeiro, outros e outros grandes nomes da nossa literatura pontilham estas paginas, que são um olhar posto no Passado, um scenario de resurreição e de milagre. Bastariam os episodios relativos á vida de Machado de Assis para fazer delle um livro precioso, que toda gente pode ler com agrado e reler com proveito.

João Luso tem o segredo do estilo fluido, limpido, semelhante a estas aguas espontaneas que, ás vezes, brotam de qualquer canto da terra e que deixam ver a areia fina e scintillante que é o seu leito nativo. Não ha tropeços nem obscuridades nesta maneira de discorrer á velha moda dos nossos mestres do vernaculo, mas dentro do espirito da época. A muitos poderia João Luso ensinar a arte de ser correcto, sem ser maçador nem antiquado. Quanto aos assumptos, já lhes indicámos a variedade encantadora, que se reparte em pequenas chronicas, factos pouco conhecidos e, ás vezes,

pensamentos soltos e maxims originaes, que revelam o autor — assim como uma gorta de vinho revela toda uma safra generosa e perfumada. Feito desta feição o livro de João Luso pode ser lido a espaços; ao acaso das paginas, pois em qualquer dellas achará o leitor motivo para encantamento e deleite.

Os leitores desta folha, habituados á admiravel fecundidade do autor das "Dominicas", dispensam que se lhes dê amostra do estilo e maneta do inventor de Polydoro. Muito teriamos que transcrever se quizessemos fixar paginas curiosas, ou originaes. Pela grande figura que elle focaliza e que está sempre viva no coração de todos nós (Felix Pacheco) preferimos transcrever este pequeno trecho do capitulo intitulado "Os livros de Felix":

— "Felix affeição-se aos seus livros como á sua familia. Assim, nos ultimos dias da sua vida sempre tão ditosa e saudavel, agora tão flagellada pelos tormentos physicos, queria sempre ter ao lado sua esposa e suas filhas, e estar entre os seus livros. Emquanto poudo andar, era para a bibliotheca que se encaminhava, para a sala grande onde tinha tambem a mesa de trabalho, as estantes gyratorias, os volumes mais necessarios e mais á mão, para consultar, para reler, para contemplar e acarinhar. De certo, o seu ultimo pensamento, neste mundo, aquelle em que toda a alma se condensa e se exhala, foi para os entes estremecidos, mas no penultimo, sem duvida envolveu, com a familia do seu amor e do seu sangue, aquella outra, paes, irmãos e filhos do seu espirito: os seus livros."

Grande escriptor, João Luso o é, sobretudo, pelo muito de coração que põe em todas as suas obras. E é esse coração admiravel que enche de forte perfume todas estas paginas, em que o artista se excede a si mesmo no lavor da forma e na intelligencia do thema.

A Cia. Editora Americana deu ao volume de João Luso a feição graphica adequada á elegancia destas letras — e eis por que folgamos de registrar uma obra material das mais cuidadas e primorosas.

(Do "Jornal do Commercio" de 16-2-41)



Sahida do baile de mascaras em 1870. (Gravura da epocha).

O CARNAVAL

Os bailes á fantasia sempre agradaram sejam elles de ricos trajos, como de simples vestuarios de caipira. O desejo de representar um outro personagem sempre existiu em todos os tempos e em todos os paizes do mundo. A escolha dos costumes agrada mais quando é deixada ao gosto da pessoa, cada qual escolhendo o que mais lhe convem, o que no baile produz um effeito muito alegre e colorido, genero kaleidoscopio, dum encanto fascinante todo especial. São interessantes tambem os grupos com um mesmo vestuario ou do mesmo estilo em coloridos diversos. Prestam-se os vestuarios nacionaes dos diversos paizes hespanhoes, hungaros, polonezes, escocezes, russos e austriacos, assim como outros vestuarios de camponeses, compostos frequentemente

de materiaes preciosos e enriquecidos ás vezes com bellos bordados, rendas e joias. Os costumes de fantasia creados individualmente offerecem ás vezes reminiscencias caracteristicas de certos vestuarios antigos.

Muito interessante tambem reunir um grupo com vestuarios de estylo tirados de uma época de moda dos seculos passados. No estylo Rococó, Imperio, Directorio e do Segundo Imperio.

Costumes hindús, turcos e chinezes tambem são muito interessantes. Entre os mais simples encontram-se os de covilany, marinheiro, pastora e tantos outros. As invenções modernas são representadas pela "aviadora", os signaes "Mars", etc.

Uma mensão especial merecem os costumes representando as flôres, crepes, Flexiveis setims, fluidas gazes, em lamés, brocados, taffetás e fêta em só colorido, floridos, listados e madrez

LIVROS

LARGO DA MATRIZ E OUTRAS HISTÓRIAS, de Ribeiro Couto — Getúlio Costa editor, Rio de Janeiro, 1941.

As histórias do sr. Ribeiro Couto alliam á feição mais familiar a mais singular eloquência. Começamos tudo a impressão de conhecer ou, antes, de reconhecer as personagens; e depois ellas nos vêm contar feitos surpreendentes, revelando particularidades de sentir, de amar, de soffrer, que forçosamente tomamos por verídicas, isto é: por inimagináveis.

Esse poder, esse condão de collocar o extraordinário dentro do natural e comunicar-nos todos os imprevistos, todos os assombros sem nos molestar ou de qualquer maneira nos forçar a intimidade — essa arte mágica, sobretudo por ser tão simples e parecer tão fácil, não é nova no sr. Ribeiro Couto, autor já de boa dezena de volumes de prosa, sem falar nos de versos, em numero pouco menor. Foi ella que, ensaiando e já fazendo triumphar o seu prestigio, presidiu á criação dos seus primeiros contos: **A casa do gato cinzento**, do seu primeiro romance: **Cabocla**. Ribeiro Couto recebeu esse dom de esplendor e de intimidade, porque realmente nascera para elle. Não o conquistou nem, a rigor, o assumiu voluntariamente. Na sua obra rimada — ou não rimada, de poeta, em summa — transparece por vezes a influencia da época, o cuidado da "escola". Como prosador, Ribeiro Couto appareceu "assim". E assim se conserva, cada vez mais ditosamente. Não acompanha

grupo, nem respeita orientação, nem observa criterio ou sentimento de espécie alguma. Não se disciplina, não se filia, não "se parece". Está sózinho — e sempre bem.

Por um phenomeno tanto mais curioso quanto mais verificado, a sua maneira de contar e descrever — em que não raro dominam as fórmulas populares — de livro para livro se tem tornado mais desprendida, mais lhana. Já não é possível encontrar nos seus periodos o termo procurado ou reflectido. Em verdade, quantos adjectivos ou adverbios alli terão ficado ao cabo de longa, vehemente, angustiosa escolha... Desse esforço, porém, nenhum vestigio resta. Tudo em tal estylo se nos offerece espontaneo como o fio de agua que se deixa derivar dentre as pedras, sem procurar por onde nem com que destino.

Contos como os deste volume do **Largo da Matriz** principiam algures, em qualquer momento, desenvolvem-se por si mesmos, terminam quando devem. A's vezes, como no caso enlevador da mulatinha Joana de Nhá Rosa, que, na festa de Maio, coroou a Virgem não ha o chamado enredo nem chega a delinear-se a acção. Sebastião Pescador é uma sombra andrajosa que passava pelo povoado e um dia appareceu de borco á beira d'agua — nada mais. Outras figuras se erguem, deslizam ou se precipitam, desaparecem, sem nada deixar de si no lugar onde estiveram, no coração das pessoas entre as quaes se demoraram. Mas a narrativa de Ribeiro Couto a todas torna, para nós, cheias de vida e frementes de sensibilidade communicativa. Dá-lhes corpo e dá-lhes alma, ambos levados ao extremo pittoresco ou expressivo. E, á força de limpidez singela, deixa-as na nossa memória, como que revestidas duma graça indelével.

COISAS DA VIDA E DA NOSSA TERRA, contos e impressões de José Caetano Alves Neves — Irmãos Pongetti, editores, Rio de Janeiro, 1940.

O sr. José Caetano Alves Neves escreveu este livro em perfeita independencia de espirito, sem nenhuma tendencia doutrinária, nenhum objectivo moral ou social, nenhum proposito de litteratura ou de arte. Foi lançando ao papel as suas ideias e as suas emoções de cada dia, conforme lhe acudiam ou se lhe afiguravam merecedoras de exteriorização.

Deve ser summamente agradável trabalhar assim, independentemente de qualquer obrigação, qualquer limite á imaginação, qualquer restricção ao estylo. Vae-se um tanto ou quanto ao acaso, o que é a melhor maneira, talvez a unica, de se ir á lei ou á mercê de si proprio. E justamente a ausencia de dever estabelecido ou de programma certo permite tratar-se das mais variadas coisas, abordarem-se todos os generos, empregarem-se todas as fórmulas possíveis... Assim o sr. Alves Neves, escriptor invejavel, foi deixando por estas páginas fóra novelas e chronicas, estudos e fantasias, louvores e epigrammas. O feito e o sabor de certas narrativas deixam suppor que se trate de reminiscencias da propria infancia ou da propria mocidade. Mas o autor não abusa das facilidades incontradictaveis da auto-biographia. Não aproveita os episodios recordados, para louvar desmedidamente, e sem receio de contestação immediata, os talentos e as virtudes do protagonista, do heróe...

Não, a tentação exaltadora, a que tantas vezes cedem aquelles que traçam as suas memórias, não chegou a pronunciar-se de modo evidente no autor das **Coisas da vida e da nossa terra**. O titulo da obra é longo e numerosas as suas paginas: trezentas e cincoenta, mas nem por isso a ambição que ella encerra deixa de ser moderada. "O autor — explica um ponto do prefacio — não o fez com pretensões a successo, porque, quando alguem escreve, aproveitando a luz indecisa do sol-pôr, ao entardecer, já cansado da viagem, não aspira senão á benevolencia do leitor e á generosidade dos que sabem fazer justiça ao mérito do esforço". Ninguem, pois, deixará de considerar tão sympathico quão valioso o livro do sr. José Caetano Alves Neves.

EPHEMERIDES DA SEMANA

22 de Fevereiro. — Morre A. F. Dutra e Melo, poeta (1846). Morre Januario da Cunha Barbosa, philologo, litterato (1846). Nasce o Visconde de Tamy, notavel escriptor, no Rio de Janeiro (1845).

25 de Fevereiro. — Morre Martim Francisco Ribeiro de Andrada, naturalista e politico (1844).

24 de Fevereiro. — Morre Braz de Araujo Pessoa, chefe da guerra hollandeza (1698). Promulgação da 1.ª Constituição da Republica (1891).

25 de Fevereiro. — Morre o dr. Agostinho Luiz da Silva, magistrado (1880). Morre Francisco Barreto, pregador, poeta (1851).

26 de Fevereiro. — Morre Antonio Gonçalves Gomes, medico, senador (1835). Fundação do Asylo dos Invalidos da Patria (1865).

27 de Fevereiro. — Morre o dr. Joaquim Caetano da Silva, publicista erudito (1873). Morre o dr. Tautphoeus, notavel educador (1890).

28 de Fevereiro. — Morre a heroína Clara Camarão (1849).

NOVOS

OBRAS DE CASIMIRO DE ABREU, edição commemorativa do centenario do poeta, com um esboço biographico e notas por Sousa da Silveira. — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1940.

O sr. Souza da Silveira tem neste livro um trabalho altamente valioso e digno de louvor.



Organizando a publicação, num só volume, das obras deixadas pelo poeta das **Primaveras**, inclusivamente algumas que corriam o risco de se transviar e perder de todo, não procedeu o sr. Souza da Silveira á maneira de tantas autoridades ou especialistas que se limitam a apurar a authenticidade das materias e justificar a sua coordenação. Em verdade, elle se entregou a um empreendimento em tudo e por tudo superior. Dedicou-se a reconstituir a figura litteraria de Casimiro, com todos os elementos e de todos os modos que lhe pudessem dar destaque na sua época, tornando-a mais viva e mais definida. Não se prendeu muito ao homem, cuja existencia, além de breve, pouco lhe offereceria por mais que a estudasse, de ignorado ou de exemplar. O seu cuidado, o seu empenho de revelação foi para a obra que acompanhou tanto quanto possível de perto e pormenorizadamente. Faz-nos rer o episodio dramatico de **Camões e o Jau**, as **Canções do exilio**, as **Primaveras** e dá-nos as paginas de prosa que de tantos de nós certamente eram ignoradas — continuamente anotando o texto e acompanhando-o de profundos ou subtile commentarios. Ora explica os motivos inspiradores, ora faz observar as particularidades da factura. Assignala as originalidades, as aproximações, as repetições, estabelece as influencias, põe em realce as affinidades, e, do ponto de vista da grammatica e da poetica, tem-se ao final a impressão de qualquer coisa de completo e indiscutivel.

Os leitores em geral e não poucos eruditos ficarão, depois deste livro, conhecendo Casimiro de Abreu mais amplamente e em todos os sentidos melhor.

A CÔRTE DE D. JOÃO NO RIO DE JANEIRO, de Luiz Edmundo — Edição da Bibliotheca Militar, Rio de Janeiro, 1940.

Depois do **Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis**, em que tão amplamente se affirmaram as suas faculdades de chronista e de historiographo, dá-nos o sr. Luiz Edmundo esta obra ainda de mais largueza e mais folego: **A Corte de D. João no Rio de Janeiro**.



Taes reconstituições não representam, da parte do sr. Luiz Edmundo, apenas uma especialidade adoptada, mais ou menos ardorosa ou convictamente cultivada. Cada vez dão mais a impressão de que elle as não empreendeu, como exercicio do espirito folgado ou para applicação de forças laboriosas que sobrassem, mas, sim, a ellas se entregou em obediencia a uma lei natural como a vida e inilludível como o destino. Foi uma tentação, uma seducção que nelle se exerceu de modo ameno mas imperioso, suave mas irresistivel. Esse poder mysterioso, por isso mesmo que tão simples, emcaminhou o poeta exultante dalguns volumes entre passionaes e parnasianos, o traductor escrupuloso, mas não servil, das fábulas de Trilussa, pelo caminho dum passado que o esperava, cheio de revelações e com delicias superiores, no seu genero, ás de toda a inspiração e todas as rimas, próprias ou alheias. Procedendo com o methodo que ainda aquella especie de encantamento lhe permittia, o sr. Luiz Edmundo para começar, remontou alguns lustros na vida da capital brasileira e sem promtamente sahir da sua existencia pessoal. Andou pela bohemia daquelle tempo. Sentia-se ditoso no ambiente assim composto pela lembrança e embelezado e perfumado pela saudade. Recordar é reviver. Mas, para o chronista diante da sua propria mocidade, era voltar aos episodios e ás emoções doutro, sentindo-os muito mais venturosamente que da primeira vez. Em todo o caso, a sua carreira de homem de letras se abria de novo e agora com rumo definitivo.

Não estamos rigorosamente certos se, depois de vencida, e tão sensacionalmente, essa primeira etapa pelos tempos atrás, o escriptor voltou a experimentar a pura actualidade... Quasi, porém, asseguraríamos que não. As nossas historias, os nossos negócios de hoje deixaram de lhe interessar bastante para merecer a sua observação de pensador ou de artista. Litterariamente, a nossa vida actual deixou de ser delle. E foi com crescente empenho de interpretação, de reconstituição, que elle passou para o **Rio dos Vice-Reis**, e agora para **A Corte de D. João**.

Nestes tres vastos e "grossos" volumes, atochados de documentação, arranjou o sr. Luiz Edmundo bastante espaço para as suas análises, os seus commentários e até as suas imaginações. Seguindo a verdade dos acontecimentos nem por isso deixa de a entremear de trechos ou pormenores de sua invenção. Com a viagem do monarcha portuguez e a sua permanencia na terra fluminense, empregou os processos daquillo a que se chamou "historia romanceada". A's vezes as scenas se desenhavam com tal minucia e os dialogos se accentuam e estendem de tal modo que poderíamos perguntar ao autor, mais ou menos, como Eça a Oliveira Martins, a proposito do **Condestável**: "Como sabe você dessas minudencias? Estava lá? Viu? Ouviu?" O melhor, porém, é acreditar que o sr. Luiz Edmundo tenha feito deveras um depoimento de testemunha ou espectador sempre impeccavel. Aceitemos-o com as suas exactidões e as suas variantes, as suas fidelidades e as suas invenções, os seus justos enthusiasmos, os seus **partis-pris** e até as suas ogerizas e rancores — que até estes se tornam respeitáveis, graças á desenvoltura, á agilidade com que tudo vem exposto, graças ao prestigio assumido por todos aquelles que chegam a adquirir um estylo. E não esqueçamos, emfim, que, anezar de tudo, o sr. Luiz Edmundo tem ainda, e sempre terá, alguma coisa de poeta.

J. L.

ELEPHANTESSAGRADOS

Um dia, em Londres, alguem offereceu a uma jovem artista um gracioso elephantezinho. Tão manso... tão intelligente... Ainda era pequenino, não incomodava muito.

— Mas — perguntou a senhora a quem desta forma queriam obsequiar — que é que elle come?

— Oh! ainda não come. Bastam-lhe apenas cem litros de leite por dia!

Inutil será dizer que o elephantezinho foi mandado para o Jardim Zoologico.

Antigamente, o rei de Sião costumava offerecer um elephante branco áquelle dos seus cortejos a quem queria arruinar. Como o elephante branco era sagrado, quem recebia semelhante presente não tinha o direito de se desfazer delle por forma alguma e a despesa que acarretava o sustento do enorme e inutil animal era o bastante para comprometter a fortuna assente nas mais solidas bases.

Por isso, também, em Inglaterra se chama agora um "elephante branco" tudo quanto é magnifico e dispendioso, tudo que custa muito caro e não rende nada, como, por exemplo, os grandes castellos que ninguem tem possibilidade já de manter.

Noticiário ELEGANTE



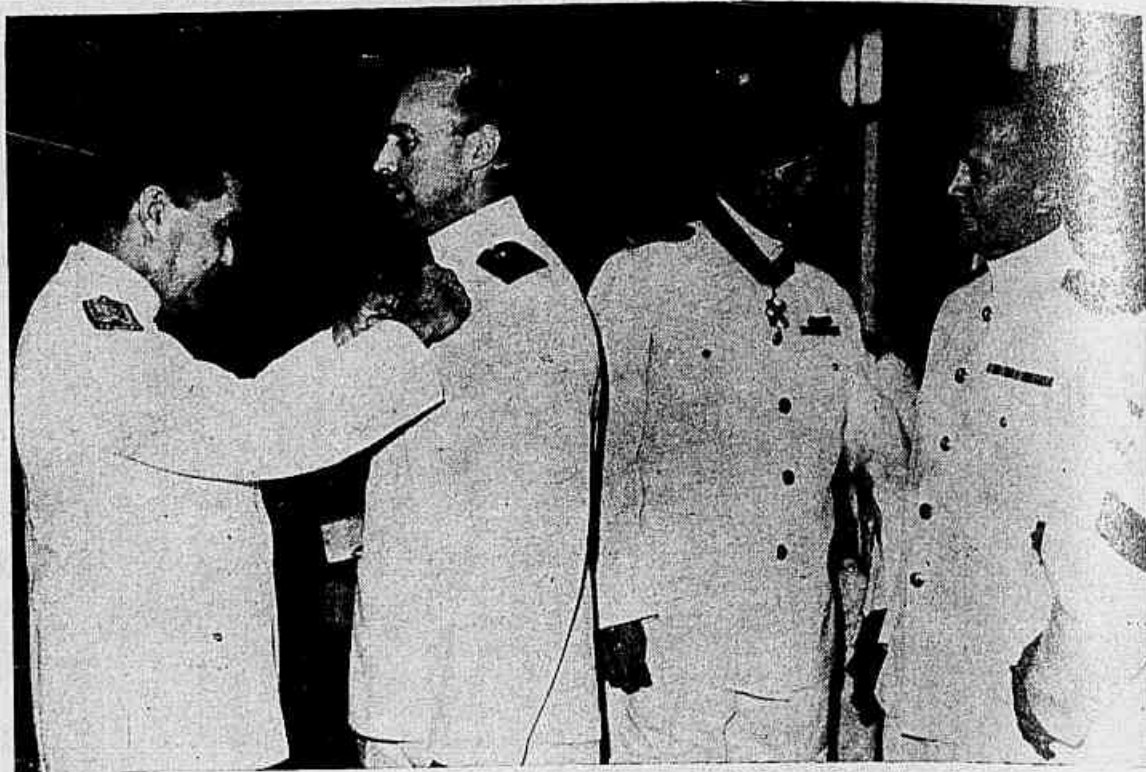
O novo Embaixador do Mexico

O sr. José M. Davila, sua esposa e filha entre algumas das pessoas que foram aguardar sua chegada no Aeroporto Santos Dumont.



O regresso do sr. J. Caffery

O sr. Jefferson Caffery, ilustre embaixador dos Estados Unidos, a bordo do "Argentina", ao chegar ao porto do Rio de Janeiro para reassumir seu alto cargo.



Aos membros da Missão Naval

No salão nobre do Ministerio da Marinha realizou-se a cerimonia da entrega das condecorações que o presidente da Republica conferiu aos membros da Missão Naval norte-americana. Ao capitão de mar e guerra Augustin T. Beauregard, ex-chefe da Missão, foi entregue o cordão de comendador da Ordem do Merito Naval e aos capitães de fragata Charles Rend e Tomas Wynkoop as de grão-mestre da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. A photo mostra um flagrante da cerimonia, quando o almirante Guilhem, ministro da Marinha, entregava as condecorações.

ANNIVERSARIOS

FEVEREIRO
22
SABADO

as senhoritas Walkyria Eurydice Mattos Braga; Alba Villas-Bôas e Floriza Bevilacqua; o almirante Henrique Boiteux; os drs. José de Alencar Piedade, Romero Zander e Alcides Pereira da Silva; o sr. Epaminondas Pereira dos Santos.

FEVEREIRO
23
DOMINGO

a sra. Josepha de Azeredo Coutinho; as senhoritas Maria de Lourdes Cunha e Esther de Vasconcellos; o dr. Alvaro Simões Corrêa.

FEVEREIRO
24
SEGUNDA FEIRA

as sras. viúva desembargador Abel Garcia e Elza do Couto Bastos Netto; as senhoritas Maria de Lourdes Sodré Viveiros de Castro e Natercia Alves Torres; o professor dr. Oscar Clark e o arcebispo D. João Becker.

FEVEREIRO
25
TERÇA FEIRA

as sras. Vera Antunes Ribeiro e Odilia Machado Coelho; a senhora Zelia Gonçalves Agra; o dr. Romero Estellita Cavalcanti Pessoa, director geral do Theatro; o embaixador Afranio de Mello Franco.



A senhora Tamara Masursky, filha do casal Mina-Oscar Masursky, cujo auspicioso enlace matrimonial com o dr. Henrique Melman, advogado no Paraná, se realizou no sabbado ultimo nesta capital.

FEVEREIRO
26
QUARTA FEIRA

as senhoritas Lavinia Pires e Sylvia Lobo Simões; o ex-presidente Wenceslau Braz; os drs. Waldyr Niemeyer e Ernesto Lassance Cunha.

FEVEREIRO
27
QUINTA FEIRA

a senhora Nair Soares; a menina Carmen Sodré Viveiros de Castro; o almirante dr. João Francisco Lopes Rodrigues; o dr. José Menezes Franco; o sr. Carlos A. Leal de Magalhães.

FEVEREIRO
28
SEXTA FEIRA

as sras. Sylvia Jaruzel Pereira e Judith Gama Barreto; a senhora Maria Jenny de Oliveira; os drs. Luiz Augusto de Moraes Jardim e João Augusto Alves.

CASAMENTOS

— a senhora Yonne Ferreira Xavier com o dr. Durival de Carvalho (Caryba).

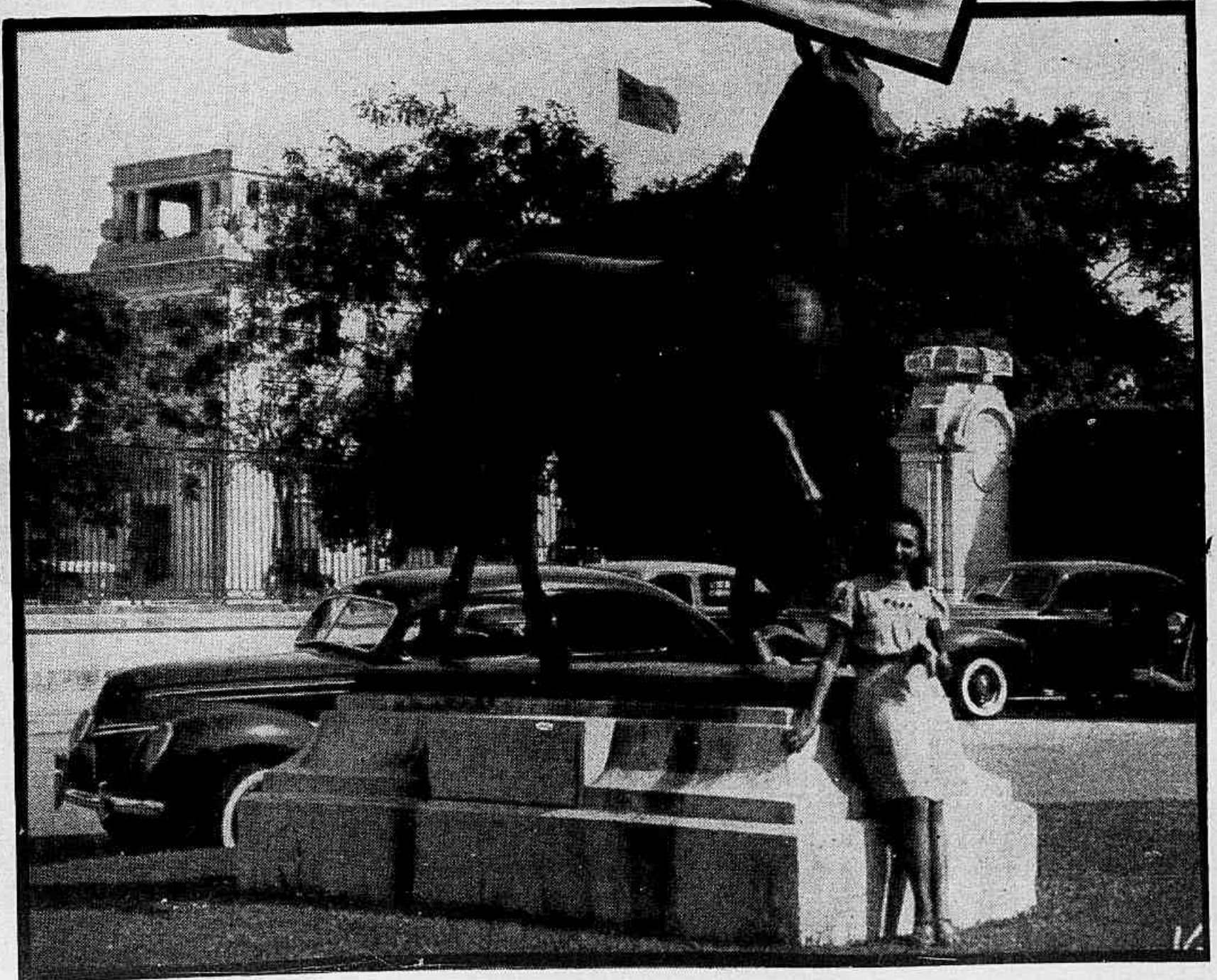
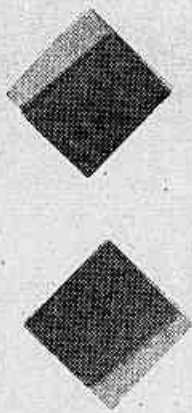
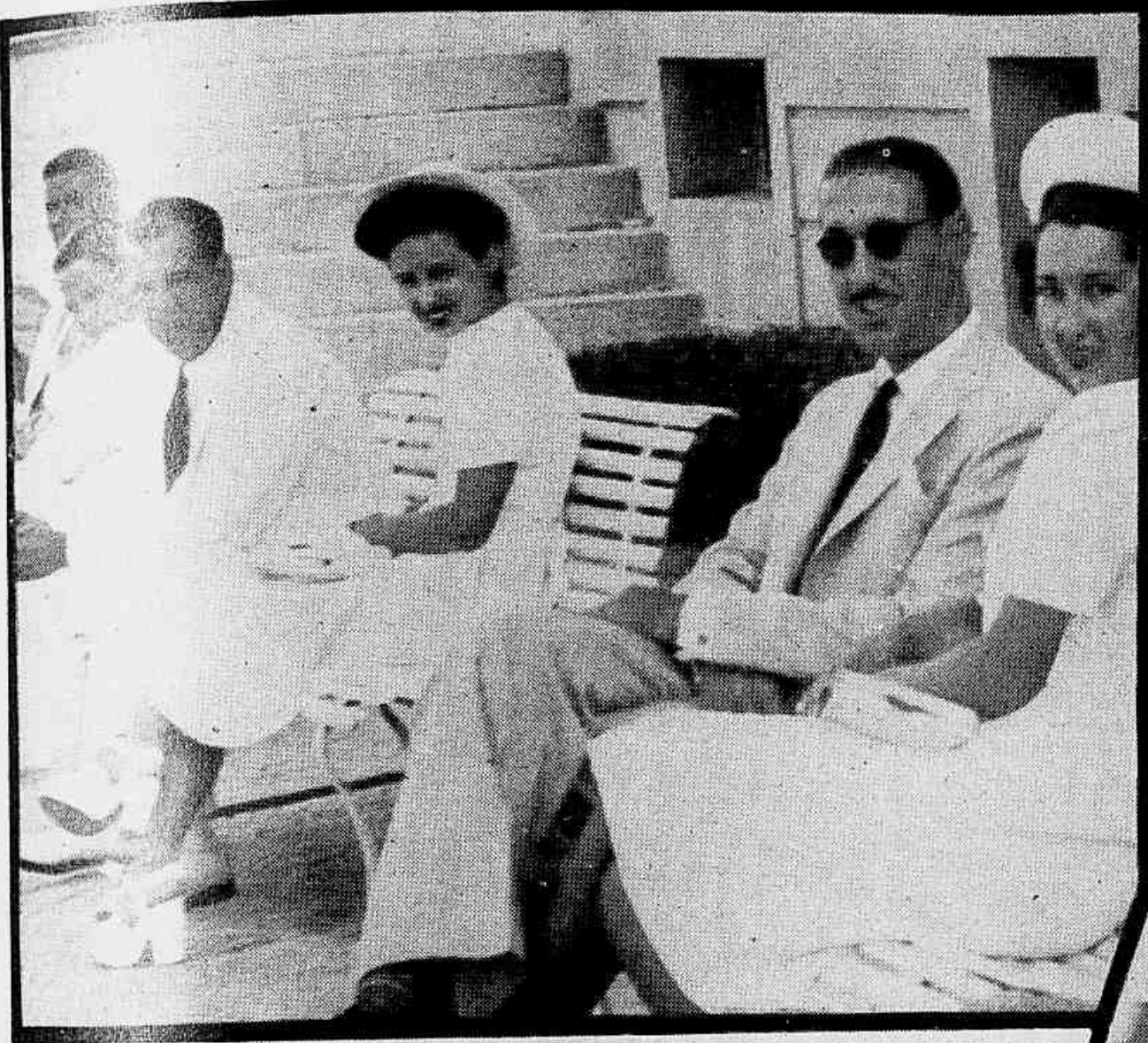


Waldomira de Queiroz

Na Associação Christã de Moços ao realizar-se o recital de canto do soprano paraense sra. Waldomira de Queiroz, que interpretou com brilho um optimo programma em que figuraram, entre outros autores, Carlos Gomes, Mozart, Massenet, Verdi e Lorenzo Fernandes.

JEKEY CLUB

Mundano



Alguns da elegante frequencia
das ultimas corridas no hippodro-
mo de Gavea, que é, indubitavel-
mente, um dos centros sociaes
preferidos pela elite de nossa
cidade por todos que nos visitam.

DE onde procede a palavra Carnaval, infallível este em principio de anno?

Ignoramos se ainda ha quem derive a palavra foliona de termos latinos significando adeus á carne, provenientes os dias carnavalescos aos da quaresma na sua absterção de peccados.

As etymologias são eternos campos de batalha entre doutos. Por um que affirma ha sempre pelo menos dous que negam, divididos os etymologistas em reaes e improvisados. De um d'estes, trocando, deu noticia Camillo ao informar que um portuense negociante no Rio de Janeiro descobrira a etymologia de entrudo, socio solidario do carnaval. O negociante buscou provar que entrudo vem de **Entre-tudo**.

Carnaval presuppõe mascara se entrudo exige liquidos. Aos humanos não chega a mascara do rosto, a grande occultadora do disfarce diario de tanta gente. O genero bipede estatuo alem d'isso annualmente tres dias para superposição de mascaras.

Escriptor nosso de outr'ora lembrou o uso de mascaras pelos hebreus embóra prohibidas pelo Deteromomio biblico. Lembrou tambem que gregos e romanos, em certas solemnidades, occultavam o rosto com folhas ou o sujavam com fezes de vinho, cobrindo-se os soldados athenienses com folhas de figueira para melhor motejarem de generaes victoriosos.

Na antiguidade reinava bastante variedade de mascaras; embora grosseiras, de cortiça, de madeira, de panno, ellas indispensaveis a actores nas representações theatraes.

Na idade média os mysterios e os autos sacramentaes de themas religiosos tinham seu que de pagão, tenaz na Italia o gosto pelos disfarces. Tudo isso nos provém do saber alheio, cabendo-nos perguntar aos instruidos quando, como e porque em data certa tomámos o gosto pelas fantasias e extravagancias carnavalescas.

No Rio de Janeiro é encontravel um esboço de carnaval nos carros allegoricos dos quaes nos fornecem noticia muitas paginas do padre Gonçalves dos Santos ao conservar-nos memoria de umas tantas festas cariocas em honra de pessoas reaes bragantinas transmigrações em 1808.

Na Europa dous carnavaes gozaram maior celebridade, um em Veneza, outro em Roma. Ao primeiro poz fim o general Bonaparte entregando Veneza á Austria, o segundo subsistente ainda com todas as suas usanças em 1853.

O padre Gonçalves dos Santos informa-nos do vago carnaval carioca do tempo do Principe Regente. Outro sacerdote teve ensejo de presenciar o carnaval romano dos meados do seculo passado.

Tal sacerdote foi o illustrado e laborioso polygrapho conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. Alem de variados prestimos de saber honrou uma das cathedras do Collegio de Pedro Segundo quando Imperial Collegio.

Viajando achou-se Fernandes Pinheiro em Roma justo no triduo carnavalesco. Mais tarde revendo notas de viagem, coordenando-as, resolveu publicar "breve quadro da festividade que tão agradavelmente o impressionára."

Citemos textualmente:

"Não ha festa mais popular no orbe christão; nem ha ninguem, por mais desprovido que seja dos bens de fortuna, que n'ella não queira tomar parte. Quando se approxima um tempo tão almejado, os montes de soccorro superabundão de objectos, levados em troca do dinheiro necessario para compra das mascaras, das vestimentas e dos confeitos. Pessoas ha que vivem na mais restricta economia durante o anno inteiro para poderem folgar n'esses tres dias, que perpetuão a lembrança das antigas saturnaes.

Annuncia o sino grande do Capitolio a abertura do Carnaval, sino solemne, que só faz-se ouvir n'esta occasião e na da morte do papa. Ao meio dia em ponto desce da famosa collina o senador de Roma, vestido com um magnifico manto de seda, bordado de oiro, e seguido por guardas e pagens em rigoroso uniforme, percorre o **corso** em sua carruagem. Apenas se retira o grave magistrado, annuncia o canhão do castello de Santo Angelo o começo da festa. De subito enche-se o **corso** de duas filas de carros que circulão lentamente, e cujo duplo movimento de ida e volta forma uma cadeia movel, desde a **Praça do Povo** até a de **Veneza**. Numerosos espectadores, vestidos com o maior primor, ornão as janellas tapizadas de riquissimas colxas d'onde se lanção sobre os carros nuvens de **confeitos**. Para resguardar os restos d'esses **projectis**, costumão os passeadores cobri-los com mascaras de arame, e respondem ao assalto com vivissima metralha. Por entre os carros, e em risco de serem por elles pisados, divisa-se grande numero de mascarados, que danção, cantão, fazem momices. Occupa a multidão os passeios das ruas, e não poupa suas ruidosas demonstrações de jubilo. N'esse improvisado theatro representão-se as mais comicas personagens; e a satyra aos costumes e ás ideias da epocha não deixa de apparecer, apezar dos rigores da policia.

Um primeiro tiro de artilheria serve de signal, para que deixem as carruagens o **corso**, e ao segundo percorre um piquete de dragões toda a extensão da antiga **Via Flaminia**, para desembarça-la totalmente. Já na **Praça do Povo** conservavam-se promptos os septe cavallos selvagens (**barberi**) ornados de laços de fita e cobertos de folhas de papel entremeadas de agulhões cujo estimulo os fazem antes vôar do que correr. Atravessão em alguns

ESCRAGNOLLE DORIA.

MEMORIAS DO CARNAVAL



(DESENHO DE BORDALLO PINHEIRO PARA O CARNAVAL DE 1876).

minutos a cidade, sem que se desviam do seu caminho, e o que primeiro chega á meta alcança o premio. Findo o que novo tiro annuncia a conclusão dos divertimentos do dia.

Nada offerece de extraordinario a segunda-feira, que passaria despercebida a não ser o grande numero de mascaras que percorre as ruas e que com seus ditos chistosos provocão a hilaridade.

Na terça-feira o jogo dos **moccolati**, pequenas velas que cada mascarado tem nas mãos procurando apagar a do visinho, com-

munica mais uma originalidade ao carnaval romano, e dá ao corso um aspecto maravilhoso. Myriades de luzes, ondulando como as vagas de um oceano de fogo, as estrepitosas gargalhadas, os gritos de **sinza moccolo, sinza moccolo!** formão uma scena difficil de descrever-se. No meio, porem, d'esse regosijo geral, d'essa febre de prazer, dá meia-noite, e meia hora depois um derradeiro tiro de canhão manda apagar os **moccolati**, e lembra aos Romanos que entrarão na quarta-feira de cinza, peristilo da quaresma.

Segundo o testemunho pessoal de Fernandes Pinheiro, viajante nosso, assim decorria o triduo gordo em Roma, capital dos Estados Pontificios temporalmente governados por Pio IX.

Descrevendo o carnaval romano, Fernandes Pinheiro accrescentou: "Por jovem que seja o leitor se recordará da origem do nosso carnaval, e abençoará connosco o nome do illustre magistrado cuja energia conseguiu extirpar dos nossos costumes esse fatal **entrudo**, d'ominosa recordação, bem como louvará a indole pacifica do nosso povo e o seu amor pelo progresso, que fel-o trocar facilmente por novo e innocente recreio uma velha e prejudicial usança".

Verberando a existencia do entrudo e applaudindo-lhe o desaparecimento, Fernandes Pinheiro alludio apenas ao magistrado que puzera termo aos excessos do entrudo degenerando não raro em rixas sangrentas como consequencias de protestos.

Ponhamos em publico o nome do magistrado civilizador. Foi elle o desembargador Siqueira, chefe de policia da Côrte, o Imperio costumando recrutar chefes de policia nas fileiras da magistratura imprimindo assim ao cargo habitos de severidade visinha da justiça.

A acção policial repressiva sem violencias do desembargador Siqueira não grangeou somente louvor de Fernandes Pinheiro ao recordar o carnaval romano. Tambem José de Alencar, nas **Paginas Menores** que de 1854 a 1855 publicou no **Correio Mercantil**, secundou o elogio de Fernandes Pinheiro.

"Depois que o Snr. desembargador Siqueira, entre outros tantos beneficios que nos fez, conseguiu extinguir esse antigo costume portuguez (o entrudo) a policia carrega com uma responsabilidade muito maior que nos annos anteriores. Outr'ora era um uso arraigado com o tempo, e por conseguinte difficil de extirpar; hoje seria um abuso que a negligencia poderia deixar que se renovasse."

Mercê das providencias do desembargador Siqueira, reprimindo o entrudo, poudo o carnaval propriamente dito datar no Rio de Janeiro do anno de 1855. Apreciando a folia carnavalesca, observou Alencar que na de 1855 foi impossivel lembrar todos os seus successos, "tantos eram os mascaras e os trajes ricos", exhibidos nas ruas cariocas.

Tudo quanto provém da penna de Alencar merece attenção. Registremos, pois, quanto nos disse do carnaval de 1855 em cuja segunda-feira gorda, os mascaras se reuniram no Passeio Publico. Ahi passaram a tarde, "como se passa uma tarde de Carnaval na Italia, distribuindo flôres, **confetti** e intrigando os conhecidos

e amigos". Era o que se conhece hoje, equinamente, por trote, e em 1855 se dizia intriga n'uma quadra de boa educação da maioria.

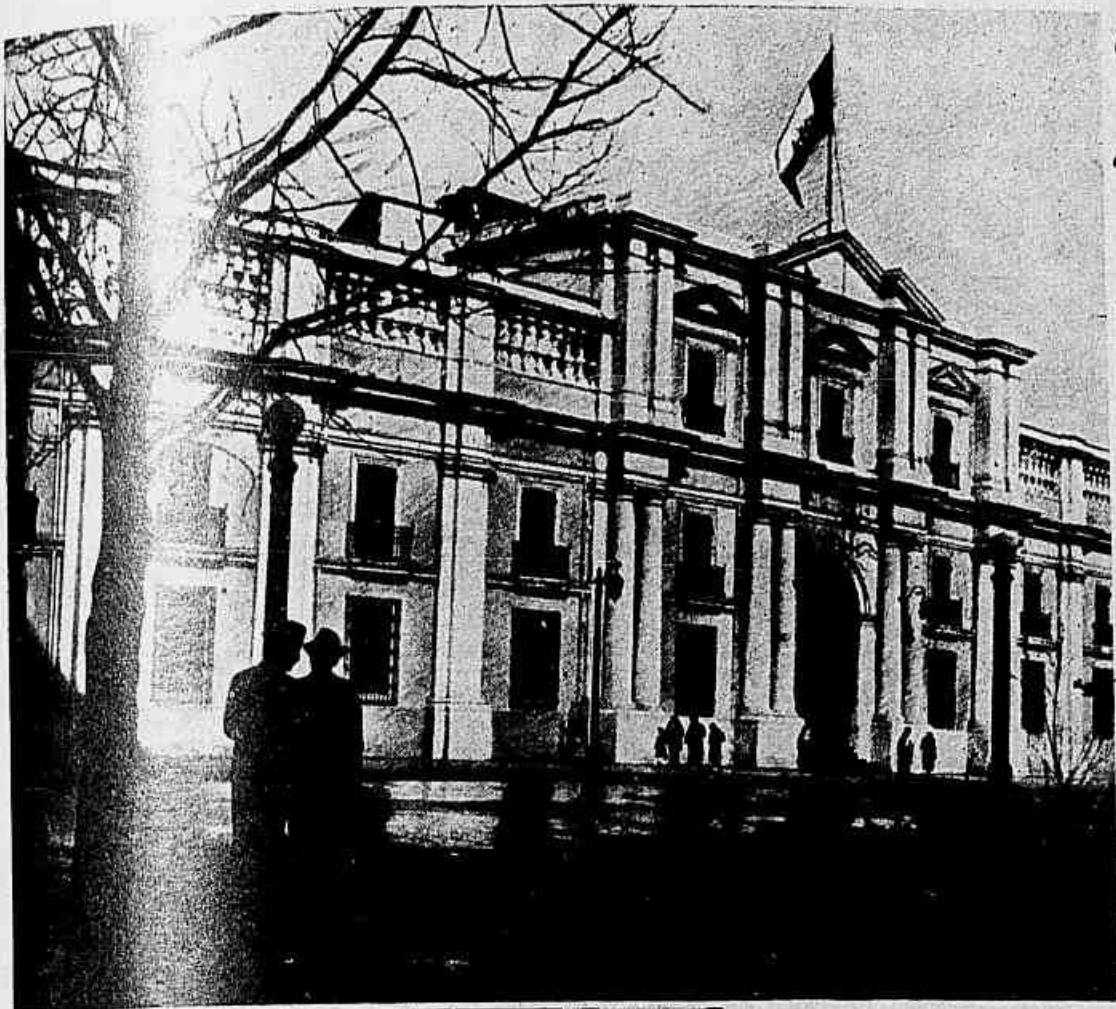
Irmanando pensamentos com Fernandes Pinheiro, prenunciava Alencar: "Quando se concluir a obra da rua do Cano (ora Sete de Setembro) poderemos então imitar, ainda mesmo de longe, as bellas tardes do **corso** em Roma."

Não estamos aqui para memorar as evoluções do carnaval carioca alimentadas de começo pela copia de fantasiados, depois sustentado pelas sociedades carnavalescas nascidas em 1855. Dos carros allegoricos passaram ellas aos carros de critica, verdadeiras revistas rodantes dos successos de cada anno, satyras animadas de settas até ás mais altas autoridades.

Diminuidos cada vez mais os carros de critica recrudesceram os allegoricos dando tratos á imaginação dos seus autores no apresentar concepções afinal pouco variadas ao publico maior do Carnaval. Acóde este em massa na terça-feira gorda para "ver os prestitos", espectáculo pacifico de antecedencia á peleja de "voltar para casa", havendo quem tome os meios-fios de calçados por bancos de espera de condução; é de ouvir um tanto duros, mesmo para as regiões gluteas mais endurecidas.

Os prós e os contras do Carnaval são encontrados em não poucos escriptos de autores nossos ou estrangeiros. Agora mesmo o governo e o episcopado portuguez acabam de condemnar e prohibir o Carnaval ante o scenario da Europa. Entre nós, em 1912, a morte do barão do Rio Branco deu motivo á transferencia do Carnaval para os dias 7, 8 e 9 de Março e principiando no domingo de Paschoa, sem nenhuma animação, como que mais obrigação que prazer. O carioca achou o calendario desconjurado e não articulou o Carnaval.

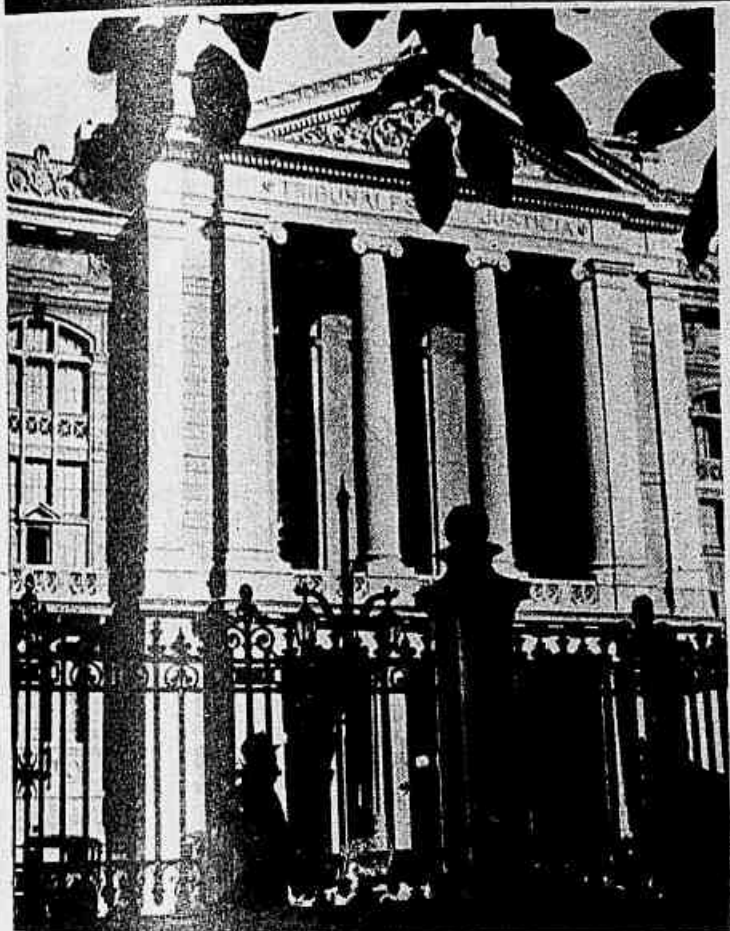
O IV CENTENARIO DE SANTIAGO DO CHILE



La Moneda — o palácio do Governo do Chile, em Santiago.



A' direita :
Praça Baquedano.



Tribunaes de justiça.

O esplendor de Santiago, a grande capital do Chile, nasceu, paradoxalmente, de um local, uma colina, a que os nativos davam o nome de **Huelen**, que significa **miseria**. Foi ali que D. Pedro de Valdivia, às margens do Mapocho, construiu um forte e

Em baixo — A comemoração do IV Centenario da fundação de Santiago, levada a efeito na Academia Carioca de Letras. Nessa solemnidade foi orador official o académico Lemos Brito, que se vê assinalado á direita. Também produziu no acto brilhante oração o sr. Mariano Montecilla, embaixador do Chile, que se vê assinalado á esquerda.

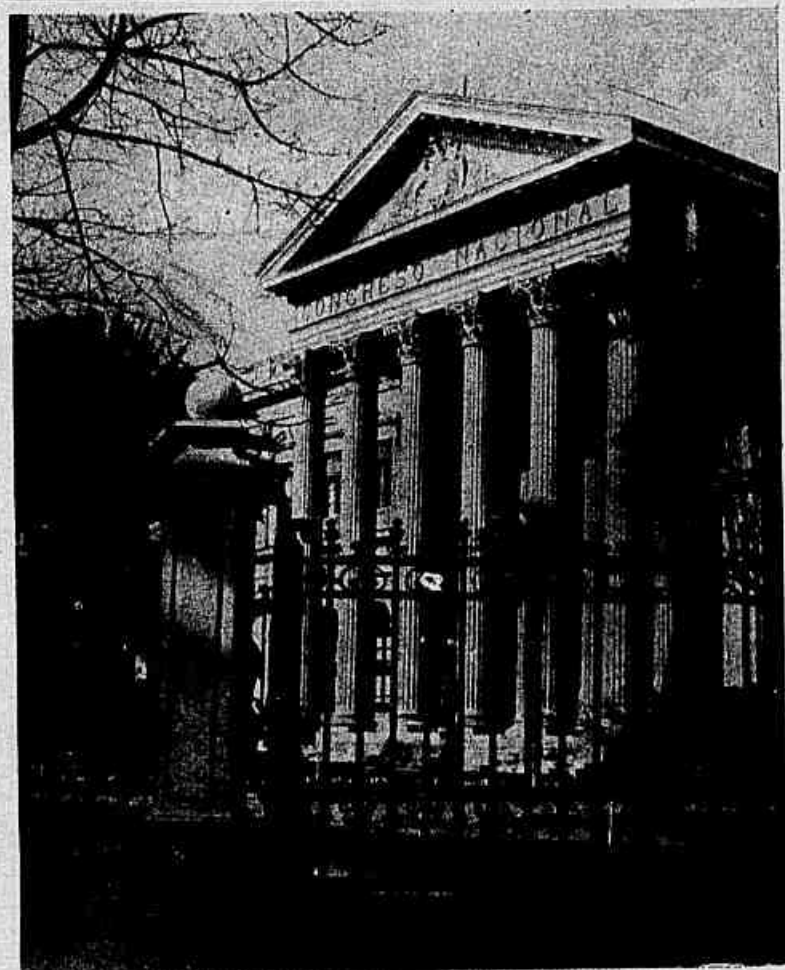
fundou, em 12 de Fevereiro de 1541, a futura capital da Republica irmã do Pacifico.

D. Pedro de Valdivia levava consigo 150 companheiros, alguns com suas mulheres, num total de 200 almas. A sua expedição foi acompanhada por alguns sacerdotes também.

A fundação, entretanto, iniciada sob os melhores auspícios — pois até animais domesticos tinham sido transportados pelo explorador — desfiou um rosario de vicissitudes. Tal como se deu com Buenos Aires, foi o nucleo populacional incendiado pelos indios. Ope-rou-se, todavia, a reconstrução, e o povoado ascendeu á magnificencia de hoje, embora vezes sem conta os flagellos da natureza — terremotos e cheias do Mapocho — tenham destruido o que o progresso e o trabalho construíam através dos annos.

A capital chilena é hoje, entretanto, uma das mais notaveis da America do Sul e a passagem do IV centenario de sua fundação constituiu um acontecimento de assignalada repercussão continental. O Rio de Janeiro commemorou expressivamente a grande data americana.

A' direita — O Congresso Nacional.

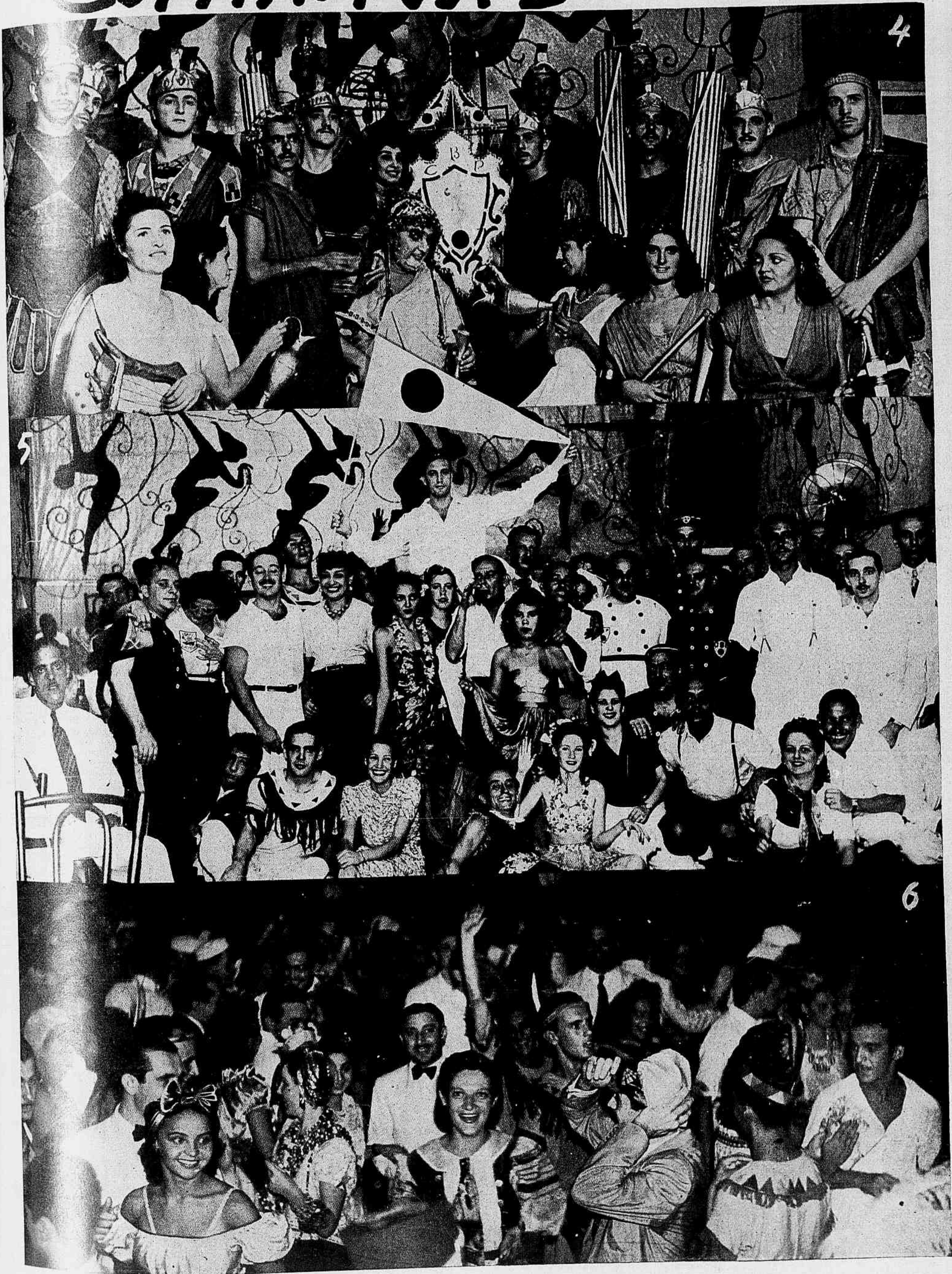


BAILES DE



1 — Associação Athletica Grajahú. 2 — Associação Athletica Moinho Inglez. 3 — O baile dos Bancarios, no Palacio Theatro.

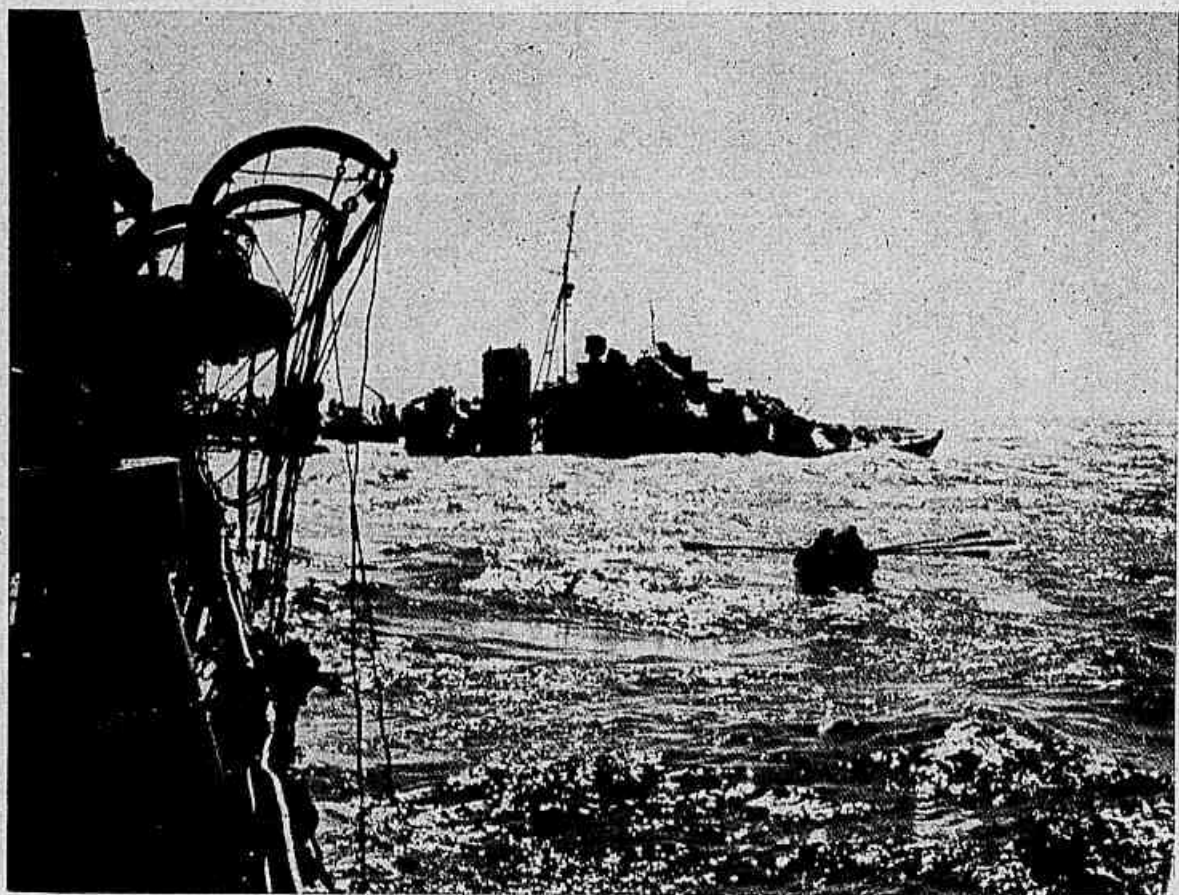
CARNAVAL



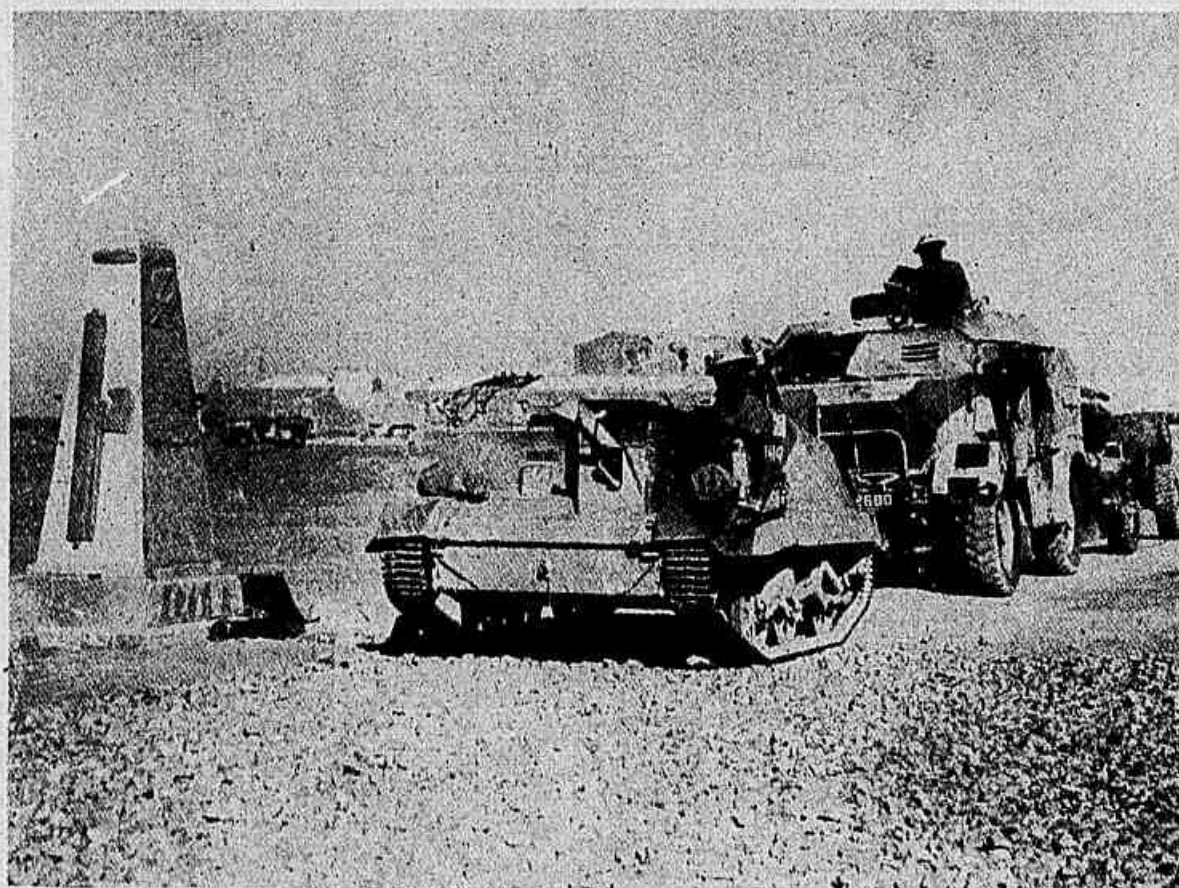
4—S. M. Jerica VII—a Rainha Moma, ao ser recebida no Cordão da Bola Preta. 5—O baile de sabbado ultimo no Cordão da Bola Preta 6—O Baile das Sereias no Palacio Theatro.

PAGINA DA

Guerra



O "Kelly", capitanea de uma flotilha inglesa de destroyers, torpedeado pelos alemães. Não naufragou, porém, e está de novo em serviço. A photo, tomada de outra unidade da flotilha, fixa um episodio do salvamento da tripulação, no Mar do Norte.



Canhões e equipamentos ingleses atravessando Sidi Barrani em seu caminho para a área da vanguarda, durante o avanço britânico no deserto occidental. O monumento que se vê foi erguido pelos italianos comemorando a captura de Sidi Barrani.



Tropas polonezas treinando na Escócia, com tanks francezes, por ellas levados.



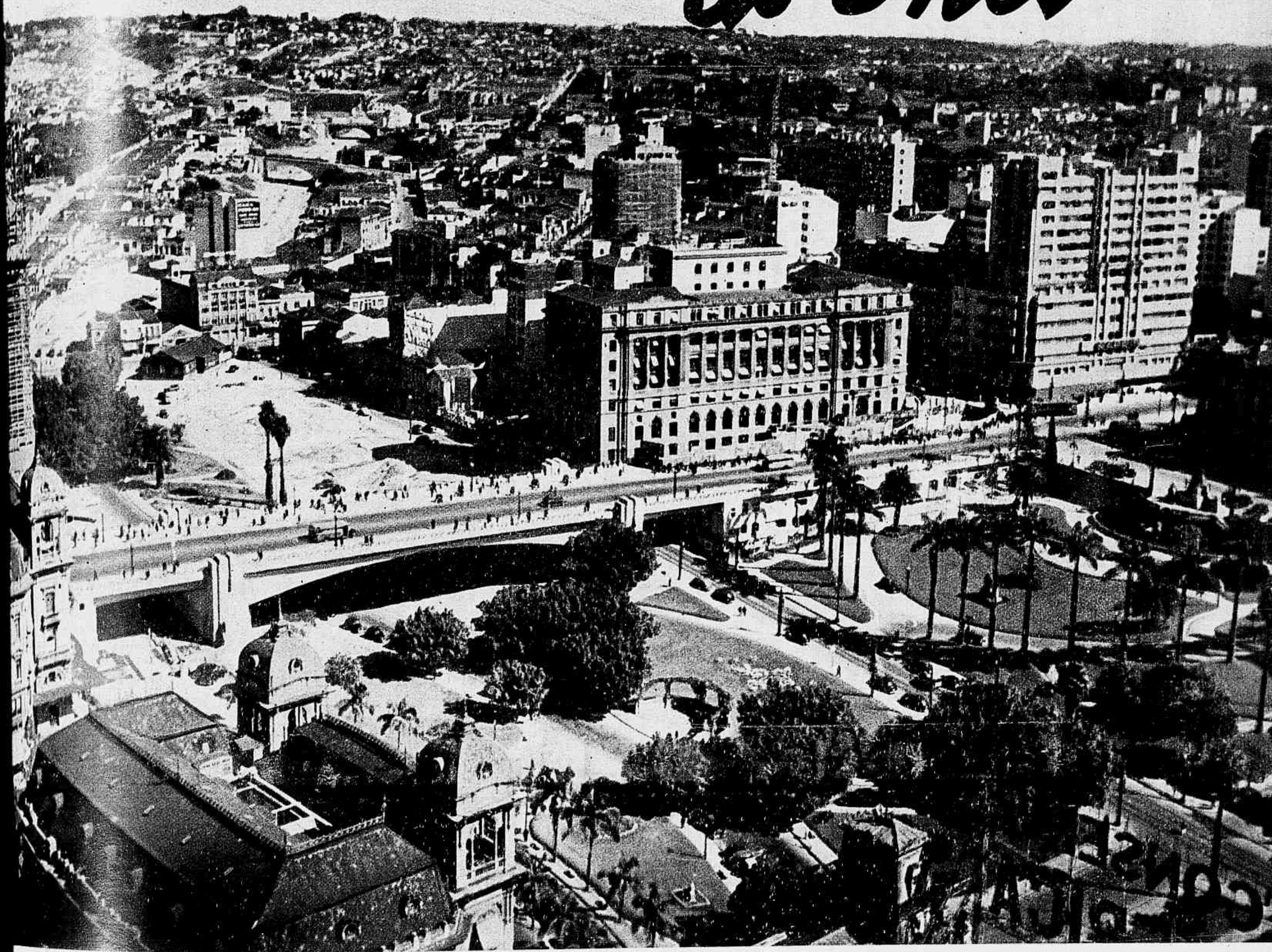
O Guildhall — o mais famoso edificio do mundo, no genero — tambem foi danificado nas recentes investidas aéreas dos alemães contra Londres. A photographia mostra algumas das lindas estatuas do Guildhall atingidas por ocasião do raid.



Saudando a bandeira grega, que emoldura um retrato de Byron, num lunch oficial em Koritza — no White Tower Restaurant — celebrando a queda dessa

(Photos da Presse Informations)

Viaducto do Chá



O Viaducto do Chá representou sempre um interessante aspecto physionómico de São Paulo. Transpondo o lindo valle do Anhangabahú, uma velha ponte de ferro era estrada para pedestres, para bondes, para automoveis; uma estrada que tremia, que oscillava, e que acabou por infundir receios.

Um dia, condemnaram-n'a. E a Paulicéa ficou sem o seu tradicional Viaducto!

Mas foi só por algum tempo, um algum tempo que deve ter parecido uma eternidade aos paulistanos. Porque outro viaducto, moderno, firme, de linhas sobrias e elegantes, substituiu o primitivo.

Ninguém mais pode comprehender São Paulo sem o Viaducto do Chá!

O novo, que se vê na photographia aqui estampada, reintegrou a Paulicéa na posse de uma das suas mais bonitas tradições.

O BANHO
A FANTASIA

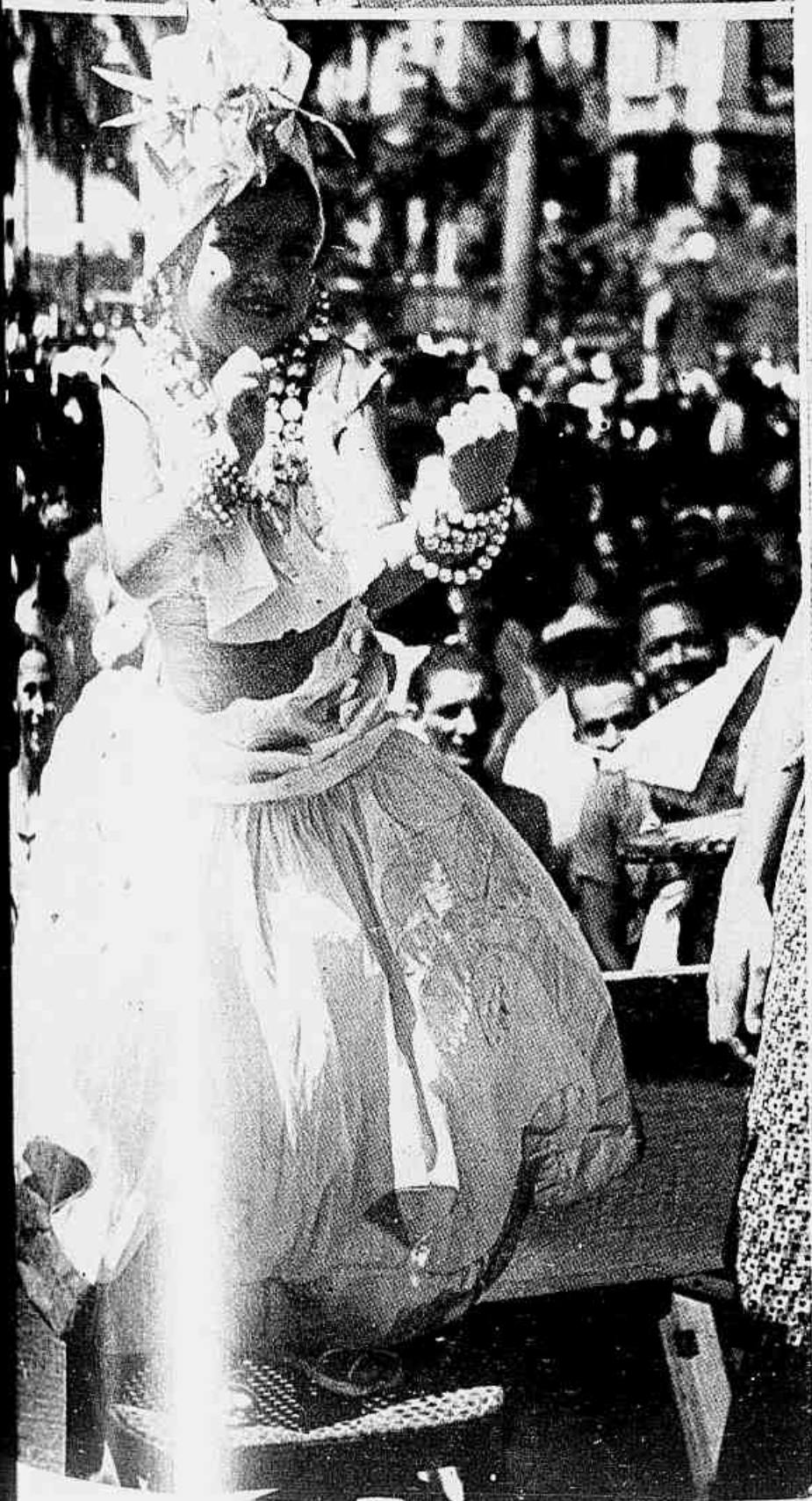
NO
FLAMENGO

UNIDOS
DE
CHRISTINA





EXPRESSIVOS flagrantes que definem o entusiasmo que reinou no banho de mar á fantasia realizado na manhã do Domingo Magro na Praia do Flamengo, promovido pelo Centro de Chronistas Carnavalescos. E' essa uma das paginas tradicionaes do animado Carnaval carioca, e nella predominaram, pela graça, os elementos infantil e juvenil, como se constata dos aspectos photographicos destas paginas.





**SAD
MRC**

Aspectos
varios sal
les do sal
1 - C. R.
2 e 6 -
Chistoyan
Botafogo
dos Tab
Casa da
Club





SAPO
KRO

Aspectos
varios sal
les do sal
1 - C. R.
2 e 6 -
Chistovan
Botarogo
dos Tab
Casa da
Club

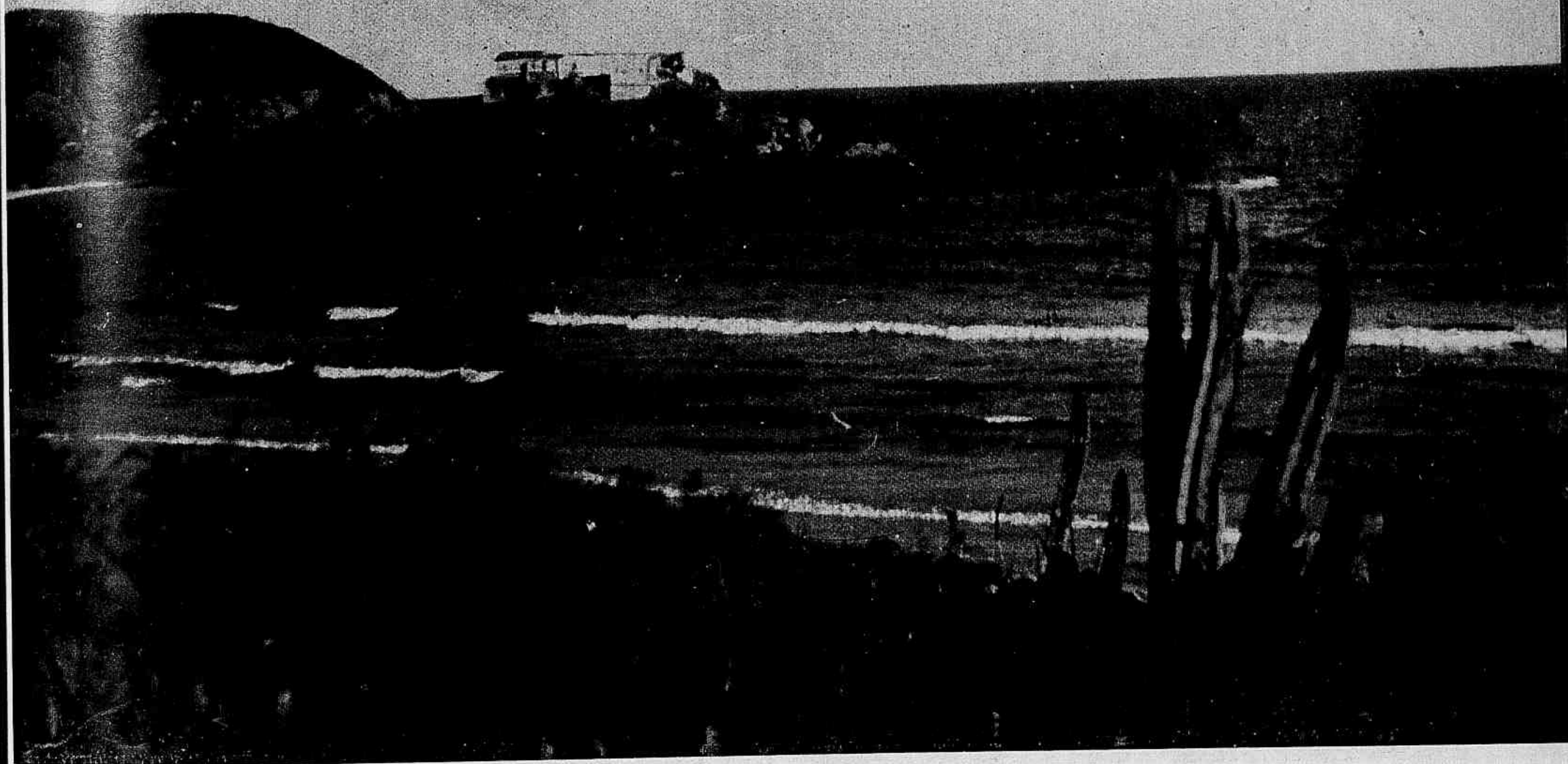


O BAILE do AUTOMÓVEL CLUB.

Aspectos tomados no sabbado ultimo,
ao realizar-se o grande baile carna-
valesco do Automovel Club do Bra-
sil, em honra do seu quadro social.



O FORTE de SÃO MATHEUS



FORTE DE SÃO MATHEUS (Cabo Frio — Estado do Rio).

Cabo Frio, a pittoresca cidade que ora se mira no Atlântico, ora se reflecte nas águas da lagôa de Araruama, foi descoberta há mais de quatro séculos. A data incerta oscilla entre Agosto de 1503 e Março de 1504, e por ser assim remota bem pode permittir a affirmativa de que ahí se ergueu a primeira feitoria brasileira.

Por isso mesmo, tornou-se esse ponto da terra fluminense o local preferido para o contrabando do pau-brasil e refugio predilecto dos piratas que infestavam o Oceano.

Foi ahí que os francezes construíram a celebre "Casa de Pedra", no anno de 1564. E por longos annos os gaulezes estiveram na posse da região, que só em 1575 retornou á paz.

A "Casa de Pedra" porém ficou, até que em 1615 foi destruída por Constantino Menelau.

Esse anno de 1615 influíu poderosamente na organização da defesa de Cabo Frio, ao tempo do governador Gaspar da Cunha, quando Constantino Menelau era o capitão-mór da pequenina capitania incorporada ao territorio do hoje Estado do Rio de Janeiro. Foi então que se construiu, a duas leguas da Ponta dos Buzios, por ordem de Felipe II da Hespanha, o Forte de S. Matheus.

Data dahi também o povoamento do reduto dos Tamoyos pelos indios Goytazés, que os jesuitas levaram do Espirito Santo.

O forte tinha a missão de impedir as incursões dos piratas francezes, inglezes e holandezes, habituados a visitar constantemente essas paragens.

Sete canhões pousados nas suas muralhas impunham respeito, refreando os impulsos dos piratas pertinazes.

A defesa de Cabo Frio não ficou, todavia, adstricta a esse forte de inspiração espanhola, ao tempo em que Portugal ainda teria de esperar cinco lustros pela restauração. As naus estrangeiras timbravam em entrar a barra, com audacia exorbitante, e então entulharam a barra com pedregulhos, que ainda hoje lá se vêem.

E não era só. A abertura da lagôa de Araruama também foi trancada por grandes correntes, original muralha a oppôr-se ás prôas atrevidas das embarcações aventureiras. Dessas correntes ainda se encontram no local pedaços varios, attestando uma épcca de immensa providencia e de vontade firme de resguardar o Brasil adolescente.

Ha em nossa terra, nas regiões e nas lindes occidentaes, a ruinaria veneravel

dessa obra de prevenção erguida no tempo do Brasil-Colônia. São incontaveis essas ruínas, sagradas pela vetustez, que ha em recantos varios do territorio. O forte da Bertioça, em Santos; o do Cabedello, na Parahyba; o do Principe, em Matto Grosso; o de Tabatinga, no Amazonas, e tantos e tantos outros, são attestados eloquentes do nosso passado de agitações, em que deveria existir a preocupação de erguer batarques aqui e allí, para defesa da integridade do solo.

O forte de São Matheus é dos mais velhos. Os séculos, com todo seu peso inarredavel, reduziram-n'o ás proporções de um quasi phantasma, inerte, mudo, espiando nostalgicamente para as águas intermitentes, em cuja crista já não surgem as naus hostis dos piratas de antanho.

Da sua artilharia do século XVII, talvez nem uma só peça conserve a posição primitiva. Mas as velhissimas bocas de fogo ainda se encontram espalhadas pelos arredores da veneranda praça de guerra. Algumas jazem sobre as muralhas esboroadas, bocejando ainda, por habito antigo. Um bocejo inexpressivo e idiota; um bocejo feito de mansidão. Porque todas ellas dormem um somno profundo e incabavel, como oquelle da princeza adormecida no bosque.

Dentro da secular Santa Helena que Constantino Menelau fundou, para que fosse pouco depois a Cabo Frio que ainda hoje é; dentro dessa cidade memoravel, onde esplendem pela velhice a Igreja de Nossa Senhora da Assumpção e o Convento de N. S. dos Anjes; ahí também ficou, como reliquia do passado, investindo para as águas, o forte de São Matheus. No seu modesto promontorio, o vulto de suas muralhas de 1615 mostra a impiedosa aggressão do tempo, esse algoz inconsciente e insaciavel devorador. O tempo, que veste os bronzes com o manto extranho da patina, tem também uma extranha patina para os bastiões, para as muralhas, para as setteiras e para as ameias. Essa, porém, é uma especie de sudario, é a mortalha das ccusas que ainda poderiam viver se não fossem abandonadas ao somno cataleptico.

São Matheus dorme ha séculos. Oxalá, já que não lhe dão a resurreição, não lhe toque a mão do homem! Que elle continue a cahir aos poucos, dourado de sol ou flagellado pelas intemperies, mas que as suas ruínas sejam respeitadas como uma das cousas mais veneraveis que ha na velha Cabo Frio de Constantino Menelau.



O rancho dos "Gravatas" no Carnaval de 1923.

O aspecto do carnaval carioca tem-se modificado extraordinariamente.

Do entrudo desastrado e violento passou-se aos bailes de mascaradas. Surgiram os trotes. Apareceu o Zé Pereira. Movimentaram-se os prestitos. Desfilaram os cordões. Veio a bisnaga, o confetto, a serpentina, e mais tarde os lança-perfumes. Soaram as canções carnavalescas, feição mais moderna do carnaval carioca.

Os mascarados, que se comprimiam nas ruas estreitas do Rio antigo, espalharam-se pelas avenidas em corsos e batalhas. A folia ganhou os bairros e suburbios, galgou os morros e estendeu-se pelas praias, nos animados banhos de mar á fantasia.

O carnaval adquiriu duas feições características: o carnaval interno com os grandes bailes do Municipal, casinos, clubs, sociedades e até "gafieiras"; e o carnaval de rua com as batalhas, prestitos, banhos de mar á fantasia, desfile das escolas de samba e grupos mascarados.

Na rua o carnaval está perfeitamente localizado em tres zonas distintas: a Avenida, arteria por onde corre indifferentemente o sangue do folião rico, do remediado e do pobre; Praça II, sede dos rythmos afro-brasileiros, onde a canella e o ébano da nossa gente se misturam numa dosagem incendiaria de arrancos, remelexos e contorções, marcadas pelo ronco das cuicas e batidas de tamborins; e Madureira, que, com o coreto tradicional, é o ponto de maior atracção do povo simples e modesto dos suburbios.

Aqui, alli ou acolá, a massa foliona vibra ao som das cantigas carnavalescas, que o radio, muitos mezes antes, espalha aos quatro ventos do Brasil.

As canções de hoje, na sua maioria de fundo commercial, já não tem o encanto das velhas canções carnavalescas, cujo estudo retrospectivo vale por uma verdadeira historia nacional.

Antigamente, o folião transformava o estro em escarpello e dissecava nos versos os casos politicos, os accidentes sociais e populares que se passavam durante o anno.

Hoje o malandro resolveu defender-se na vida: fazendo sambas e marchinhas, procura no passado os motivos alheios para lançar "novidades". Ha uma lamentavel falta de ineditismo nas canções modernas. Vez por outra é aproveitado um assumpto momentaneo, logo imitado em deturpações desastrosas. No entanto, desde o entrudo, primeira manifestação da folia, que o velho Rio cantou:

Quem entruda seu amor
É signal de intimidade
Yáyá entrude Yôyô
Para lhe ter amizade.

Durante o incerto periodo politico da

O Carnaval Carioca

Mariza Lira

Regencia, a revolução farroupilha deu oportunidade ao carnavalesco de cantar:

Garibaldi foi á missa
A cavallo sem espora
O cavallo tropeçou
Garibaldi pulou fóra.

O povo aproveitou a maioridade de D. Pedro II e nos tres dias de carnaval só se ouviu:

Lá vem o sol entrando
Raiando pelo mundo
No dia dois de Dezembro
Nasceu D. Pedro II.

A guerra do Paraguay accendeu o patriotismo brasileiro. Ante o recrutamento cantou-se:

Marcha soldado
Cabeça de papel
Se não marchar direito
Vai logo p'ro quartel.

O dictador Lopes não escapou:

O Lopes comeu pimenta
Pensando que não ardia
Agora está se usando
Colar a Maria Pia.

A severa prohibição do transito nocturno de mulheres pelas ruas da cidade foi registrada no carnaval pela cantiga:

Seu soldado não me prenda
Não me leve p'ro quartel,
Que eu não vim fazer barulho
Vim buscar minha mulher.

O imposto do vintem provocou tão grande celeuma na época que os foliões cantaram:

Tem feito grande successo
Esse imposto tão falado
É grande o nosso progresso
E deve dar resultado.

No tempo da escravidão, houve o rapto de uma escrava por um capitão do matto, que acabou preso na Correção. O carnaval cantou a aventura:

Andou por Sorocaba
Por Guaratinguetá
Por Pindamonhangaba
Por Jacarépaguá.
Depois, em Caçapava
Um certo capitão
Vendeu-a como escrava
E foi p'ra Correção.

Da Maria Cachucha, celebre e dissoluta bailarina andaluza, cantada em prosa e verso, chegou-nos o fragmento tão parodiado pelos cariocas:

Maria Cachucha
Com quem dormes tu?
Durmo com um bichinho
Sem medo nenhum.

Quando cahiu na Bahia o bolido conhecido por Bendengó, a Sociedade Geographica do Rio de Janeiro enviou o commandante José Carlos de Carvalho para pesquizal-o. O carnaval glosou o acontecimento:

Lá no fundo do sertão
Apareceu um moço só
Que virou e mexeu
E appareceu o Bendengó.

Nem um escandalo criminoso que abalou a cidade escapou ao carnaval. A memoria do povo guardou a cantiga:

Papae Basilio,
Que é que você qué?
— Quero uma menina
P'rá coçar meu pé.

A revolta de 1893 deu motivo a varias cantigas. O bombardeio, porém, não, amedrontou o carnavalesco que alegremente dizia:

Pif! Paf! Vem granada
Ai como trôa o canhão
Pif! Paf! Não é nada
Viva a Constituição.

Ou então:

Pé espalhado
Quem foi que te espalhou?
Foi uma granada
Que o Javali mandou.

A rebellião de Canudos foi citada nas quadras carnavalescas:

Esse Antonio Conselheiro
Quer á força a monarchia
E por isso vae matando
Seus patricios na Bahia.

O seculo vinte entrou precedido pelo

tradicional f'alarme do carnaval carioca creado por Chiquinha Gonzaga, a nossa primeira maestrina:

O' abre alas
Que eu quero passar
Eu sou da lyra
Não posso negar.

Eduardo das Neves, porém, ante a gloria de Santos Dumont, affirmou:

A Europa curvou-se ante o Brasil
E proclamou parabens em meigo tom
E lá no céu brillhou mais uma estrella
E appareceu Santos Dumont.

Não se sabe se dito popular provocou a cantiga ou a cantiga resultou a expressão. O caso é que o "Pega na chaleira" no principio do seculo foi um successo:

Yáyá me deixa
Subir nessa ladeira
Eu sou do grupo
Do pega na chaleira.

A victoria dos prestitos carnavalescos era cantada entusiasticamente:

Dengo, dengo, dengo
O' maninha
E' de carurú
Quem matou a sete
O' maninha
Foi "carapicú".

E o maxixe, que já dominava a cidade, requebrou-se no carnaval no:

— Vem cá, mulata
— Não vou lá não
Sou Democrata
De coração.

Quando o general Pires Ferreira perdeu a senatoria pelo Piahy, o povo cantou:

O meu boi morreu,
Que será de mim?
— Manda buscar outro, maninha
Lá no Piahy.

O odor estonteante do lança-perfume attrahiu o samba. E das batucadas da casa da Tia Ciata elle sahiu para o carnaval cantando:

Ai se a rolinha
Sinhô, sinhô
Se embaraçou
Sinhô, sinhô
E' que a avessinha
Sinhô, sinhô
Nunca sambou.

E o samba, tendo tomado a cidade de assalto, fez o carioca confessar francamente que:

Sou da fuzarca
Não nego não
E é por isso mesmo
Que não te dou meu coração.

Mas, o malandro de hoje comprehende que a "bohemia não dá carta a ninguem" e toma o "bonde de Janeiro" para o successo do carnaval.

JORNAL

de

S. PAULO

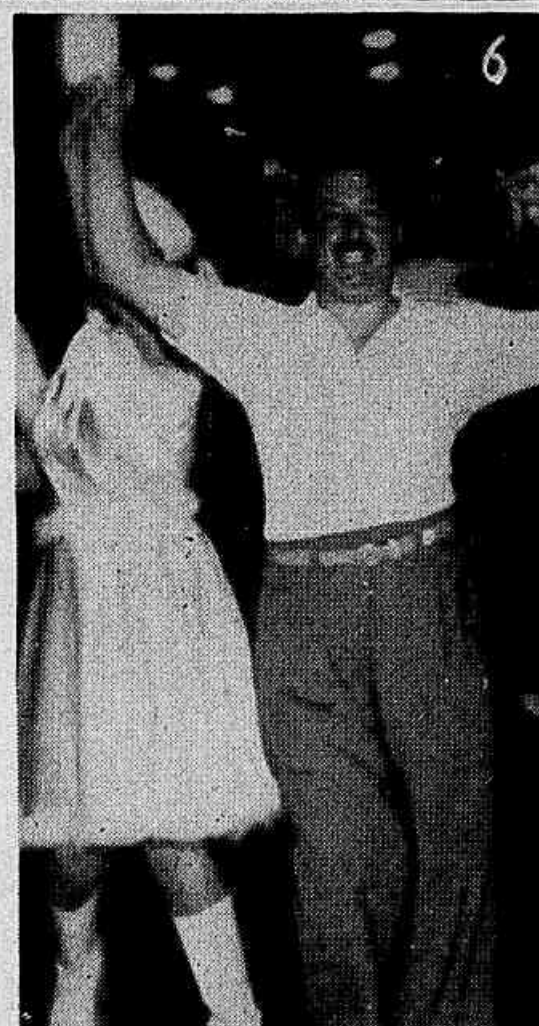


Bailes de Carnaval na Paulicéa

1 — Do Harmonia de Tennis, em benefício da Cruzada Pró-Infância.

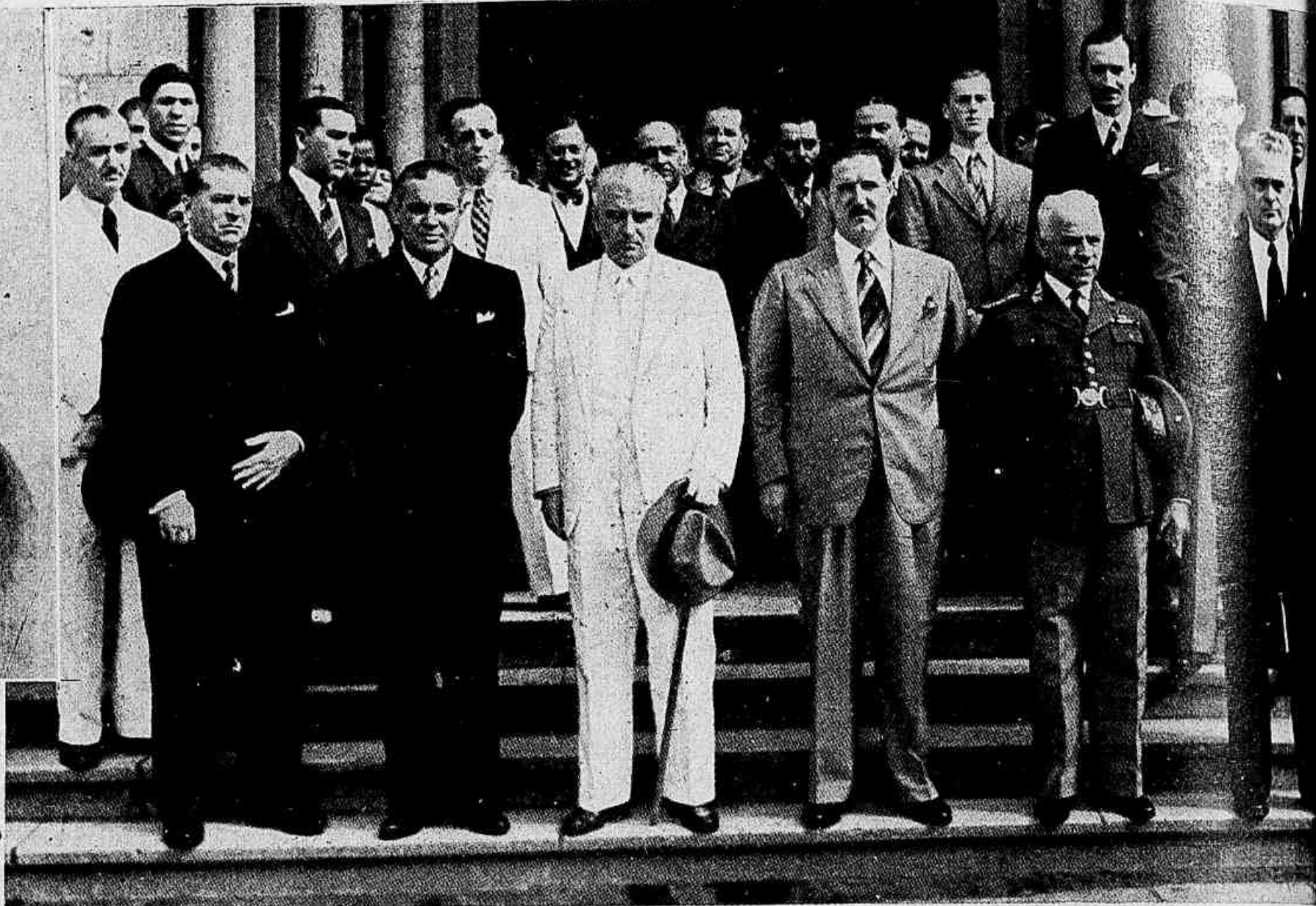
2, 5, 6 e 7 — Do Instituto do Café no Trianon.

3 e 4 — Sociedade Sul Riograndense.





Retrato de Campos Salles em 1901, quando Presidente da Republica.



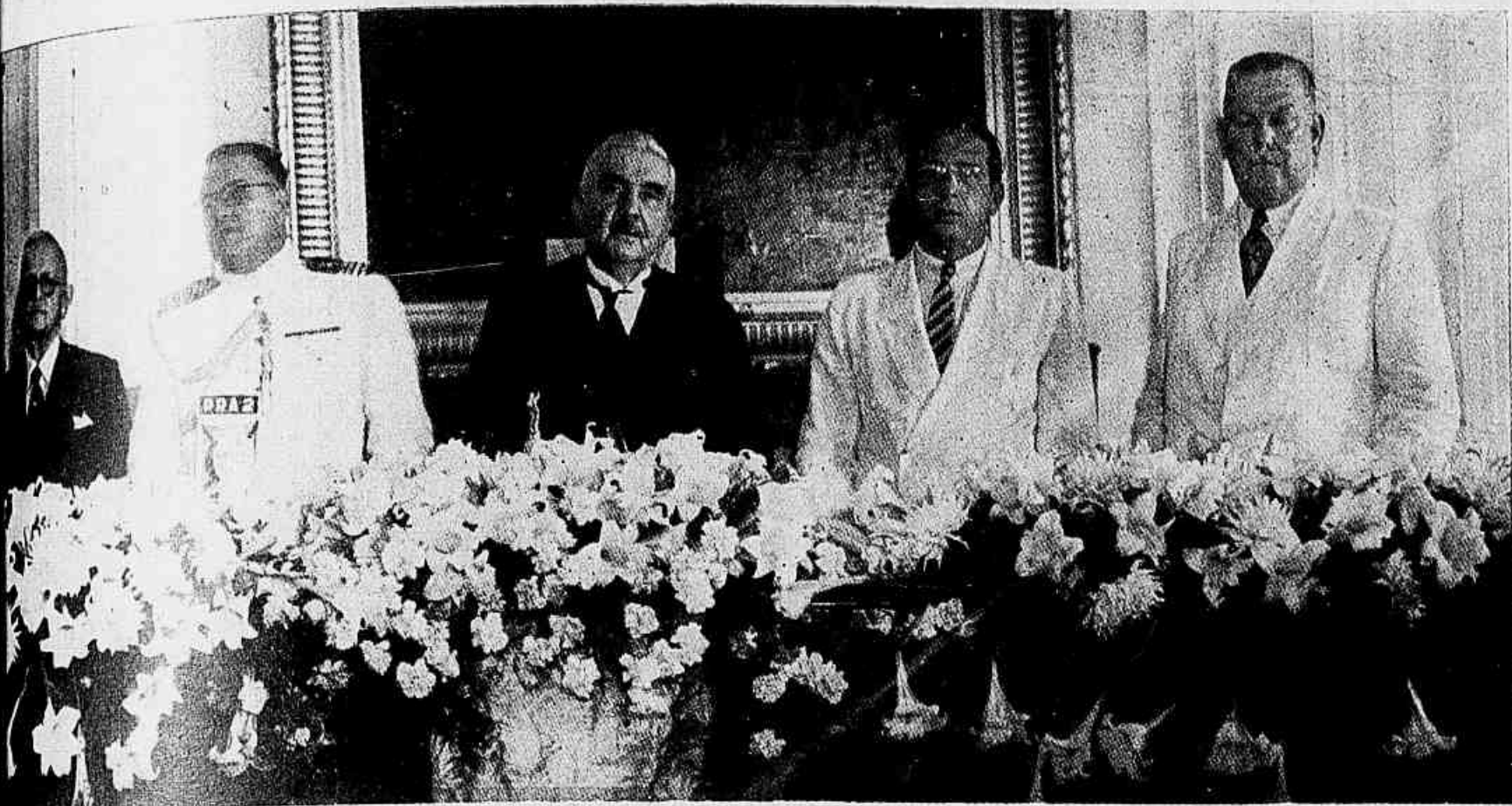
O CENTENARIO DE CAMPOS SALLES

O Governo da Republica deu caracter nacional ás commemorações do 1.º Centenario do nascimento de Campos Salles, o grande varão que ingressou na Historia como uma das maiores figuras politicas do Brasil e um dos mais notaveis chefes de governo que temos tido.

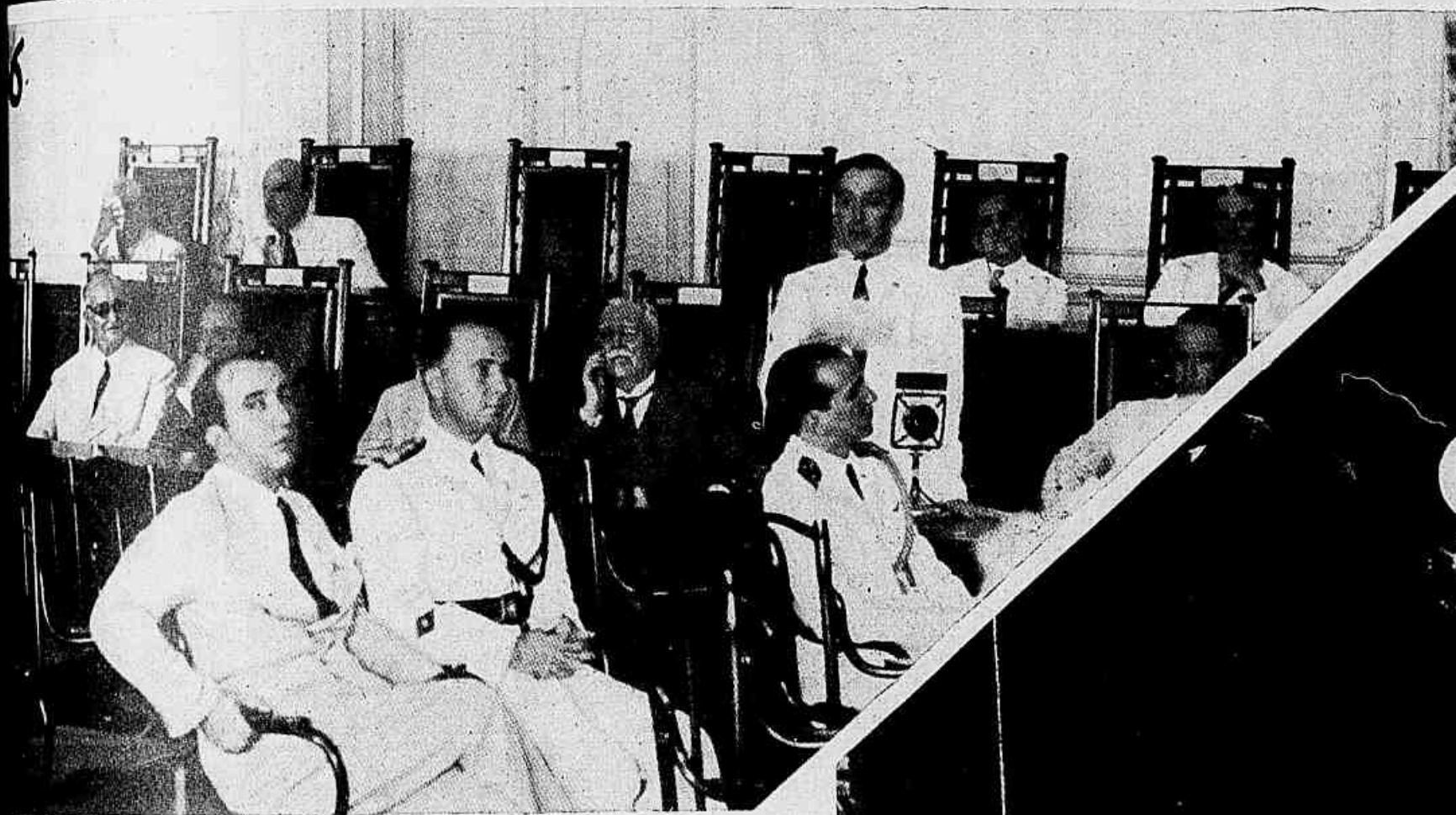
Manoel Ferraz de Campos Salles nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, em 13 de Fevereiro de 1841. Formado em Direito em 1863, dedicou-se á advocacia, mas pouco depois foi attrahido pela politica, ingressando em 1867 na Assembléa Provincial de São Paulo, onde se revelou francamente republicano, figurando em 1881 ao lado de Rangel Pestana, Prudente de Moraes e outros vultos. Em 1885 foi representante de S. Paulo na Assembléa Geral, declarando-se abolicionista. Proclamada a Republica, em 15 de Novembro de 1889, foi Campos Salles



chamado
Justiça.
uma co
seu pre
Liscal-o
triennio
A s
o pulso
Salvou-o
implaca
deu jus
o seu
sido no
Foi
1.º cen



1 — A's portas da Igreja de Santa Ephigenia, após a missa que o Governo de S. Paulo mandou resar pela passagem do 1.º centenario do nascimento de Campos Salles. No primeiro plano, tendo á esquerda o Commandante da Região Militar, o sr. Adhemar de Barros, Interventor Federal. 2 — A cerimonia da inauguração do retrato de Campos Salles no Palacio do Governo em S. Paulo. 3 — O sr. Mario Tavares discursando no Cemiterio da Consolação, em S. Paulo, deante do tumulo de Campos Salles, por ocasião da romaria á ultima morada do grande brasileiro. 4 — O sr. Adhemar de Barros, Interventor Federal, orando na sessão magna verificada no Theatro Municipal em memoria de Campos Salles. 5 e 6 — No Instituto Historico, no Rio de Janeiro, ao realizar-se a sessão solemne em memoria do grande brasileiro, na qual foi orador official o academico Levi Carneiro. Na photo n.º 5, a mesa presidida pelo ministro Tavares de Lyra, que tem á esquerda os srs. embaixador Negrão de Lima, ministro interino da Justiça, e Fernando Costa, ministro da Agricultura, e á direita os srs. representante do Presidente da Republica, e Max Fleuiss, secretario perpetuo do Instituto. 7 — A sessão solemne realizada no Grande Oriente do Brasil em memoria de Campos Salles.



chamado ao Governo Provisorio, de que fez parte como ministro da Justiça. Promulgada a Constituição, o grande brasileiro foi occupar uma cadeira no Senado Federal, e em 1896 São Paulo elegeu-o seu presidente. Foi ali que a eleição de 1.º de Março de 1898 foi louscal-o, conferido-lhe a Presidencia da Republica para o quadriennio 1898-1902.

A situação financeira do país era, então, assustadora. Salvou-a o pulso ferreo de Campos Salles, o realizador do **Funding loan**. Salvou-a com inquebrantavel firmeza, arrostando estoicamente uma implacavel impopularidade. Depois, entretanto, o Brasil inteiro rendeu justiça á sua obra patriótica e formidavel. E não sobreviesse o seu passamento, a 28 de Junho de 1913, teria Campos Salles sido novamente sagrado nas urnas, na eleição presidencial de 1914.

Foi, sem duvida, um grande brasileiro esse varão notavel cujo 1.º centenario de nascimento a Nação toda commemorou.



O Bombardeio Aéreo faz a victoria?

por De Mattos Pinto

QUANDO começou a belligerancia entre a democracia e o nazismo, traçavam-se conjecturas de todas as especies, sobre as armas do novo conflicto europeu. Progressos na mechanica, na balística, na physica e na chimica presagiavam a innovação dos methodos de batalha. Depois do Marne, do Somme e de Verdun, iriam dominar outros estrategistas, auxiliados pela sciencia da morte. As trincheiras inspiraram o systema de fortalezas subterraneas, onde as tropas repousadas fariam a guerra sob a protecção das casamatas. Isso redundaria num choque de usura, num duello monotonico e trovejante, sem heroismo soldadesco, em que o dispendio economico venceria a potencia bloqueada, em terra e no mar. As unidades motorizadas irromperam na Frente Occidental, esmagaram a Belgica, o Luxemburgo e, contornando as fortalezas massicas da Linha Maginot, colheram de surpresa o exercito francez, equipados para lutar dentro dos fortins. Os canhões anti-tanks nada podiam fazer contra os monstros de sessenta toneladas e a artilharia pesada jazia ociosa, devido ao seu tiro só fulminar os alvos a dezenas de kilometros. As divisões blindadas deixaram á margem, como um systema archaico, a escaramuça de trincheira e a resistencia dos fortes. Tudo ia bem para o exercito motorizado, quando a Inglaterra decidiu continuar a guerra, solitaria, isolada pelo mar e defendida pela sua esquadra, vigilante no Atlantico, Mar do Norte, Mediterraneo e Oceano Pacifico. E veio a nova phase da belligerancia anglo-germanica, com os ataques aéreos em massa e os bombardeios nocturnos.

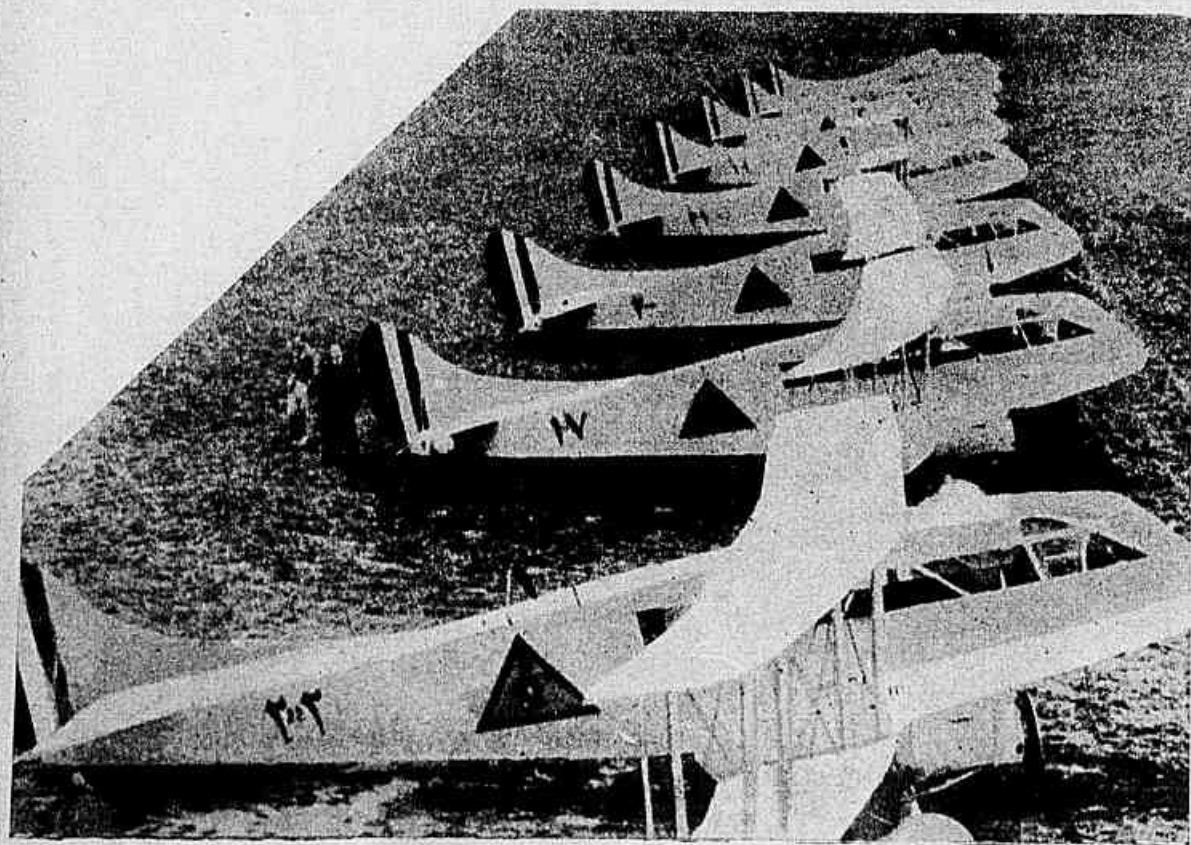
Em todas as guerras, os combatentes querem surpreender o inimigo por um estratagemma qualquer, capaz de trazer a victoria rapida. O bombardeio aéreo appareceu em 1812, quando o exercito napoleonico invadiu Moscou. Os russos projectaram um aerostato, cheio de polvora e de metralha, regulado por um systema de relojoaria e que deveria explodir no espaço, sobre as linhas francezas. Esse balão deixou de entrar na scena militar, devido á retirada de Napoleão, receioso de permanecer na Russia, durante o longo e severo inverno. Em 1849, as tropas austriacas sitiaram Veneza e prepararam duzentos pequenos aerostatos, com petardos e explosivos. Soltaram á mercê do vento, mas a corrente atmosferica impelliu-os sobre o proprio acampamento austriaco, onde deflagraram sem ferir qualquer veneziano. A possibilidade de assaltar um exercito pelo ar preocupou os estrategistas e a diplomacia movimentou-se para tomar uma attitude internacional. Os Estados Unidos propuzeram, em 1863, a codificação das leis aéreas, prevendo a efficiencia do novo instrumento bellico. Retomada a ideia pela Convenção de Genebra, no anno seguinte de 1864, ficou estacionaria e vacillante, dada a complicação pratica e theorica. A Grã-Bretanha, agora empenhada na mais furiosa guerra do espaço, repudiou desde 1868 o bombardeio aéreo como deshumano. A Conferencia de 1899, realizada na cidade de Haya, consagrou o direito de jogar bombas com aerostatos, uma vez que visassem objectivos estritamente militares, excluindo povoações e cidades sem defesa. Quando o Instituto de Direito Internacional se reuniu em Madrid, em 1911, os juristas das leis da guerra viram-se obrigados a reconhecer que a aeronautica occupava um lugar importante entre as outras armas, transportando armas e material. Exigiram a interdicção da guerra aérea, como excedendo os fins militares e destruindo a população civil. Outros se oppuzeram ao projecto de exclusão, negando ser o bombardeio aéreo mais funesto do que o uso das minas e dos submarinos. Fixou-se a doutrina da guerra limitada, em que as cidades abertas ficariam isentas de ataques por balões. A diversidade de theorias impediu a codificação completa, para vigorar entre todos os povos. No dia 30 de Agosto de 1914, o primeiro aeroplano allemão voava sobre Paris, lançando explosivos que feriram cinco pessoas. Os technicos germanicos justificaram legalmente o bombardeio de Paris e de Londres, com intervallos durante a conflagração mundial de 1914—1918, apoiando-se nos Convenios de 1899 e de 1911, por serem a capital franceza e a capital britannica centros de poderio bellico e não cidades pacificas. Paris centraliza as communicações ferroviarias, o municiamento da retaguarda e da frente de batalha, a distribuição de viveres, o fabrico de explosivos. Além de tudo isso, uma linha de fortes envolvia-a ameaçando o avanço no Marne. Allegaram o direito de represalias pelo bombardeio das cidades abertas allemãs. Para evitar o massacre inutil da população parisiense, o Estado-Maior Allemão reservou a si, exclusivamente, o direito de bombardear Paris. O general Von Hoepfner dava mais importancia a Londres do que a Paris, como cidade militar, o maior parque industrial de guerra, na conflagração de 1914—1918. Naquella época, Hindenburg duvidava da efficiencia dos bombardeios aéreos sobre Londres e Paris, como sufficientes para trazer a victoria. Argumentaram que ha em Londres tres possibilidades contra uma das bombas cahirem num espaço livre, em razão de haver, na área londrina, grande numero de jardins, avenidas, largos e parques. Em Paris,

ha maior densidade de casas por kilometro quadrado, menos espaço livre e mais probabilidades de ruinas. Os ataques aéreos de 1918 demoliram edificios, destruíram ruas, fulminaram transeuntes, espantaram os civis nas cidades, sem influir militarmente no desfecho das operações na Frente Occidental. Em 1915, a Alemanha gastou onze mil quinhentos e oitenta e oito tiros para derrubar um aeroplano; em 1916 consumiu nove mil oitocentos e oitenta e nove tiros; em 1917 desperdiçou sete mil quatrocentos e dezoito tiros, e em 1918 deflagrou cinco mil e quarenta tiros para abater um avião. Os inglezes gastaram quatro mil quinhentos e cinco tiros por cada aeroplano abatido, em 1918. Neste mesmo anno, a artilharia anti-aérea franceza empregou oitocentos canhões e inutilizou duzentos e vinte aparelhos. Ao mesmo tempo, a Alemanha punha em actividade dois mil quinhentos e setenta e seis canhões, destruindo setecentos e quarenta e oito atacantes. A defesa aérea de Paris elevou-se em 1918 a cento e sessenta milhões de francos. Deslocando a guerra de trincheiras e fortalezas para as regiões do espaço, movimentaram-se problemas difficeis de resolver.

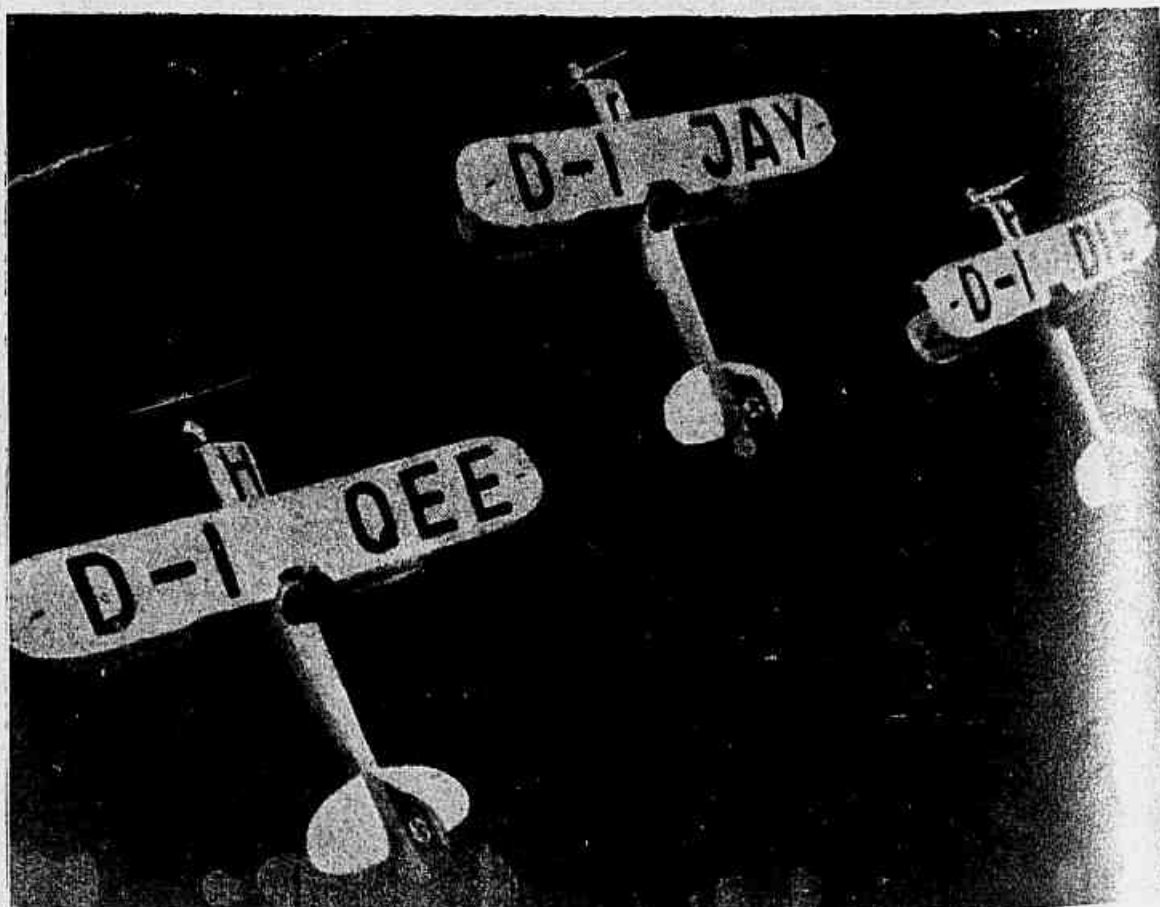
Terminada a anarchia internacional de 1918, as potencias formaram corpos de technicos para estudar o futuro da guerra aérea. O general Niessel julgava opportuno instruir a população desde a paz. O general nipponico Nagaoka prophetizou que, se uma potencia estabelecesse base na Asia, poderia dominar o Japão, sem exercito, sem marinha, só pelo bombardeio aéreo dos seus centros industriais. A Russia creou um departamento de defesa aérea, que realizou bombardeios simulados sobre Leningrado. Inventou-se a hypothese do inimigo arremessar bombas de gazes inoffensivos, mas de estranho odor e aromas perturbadores, com o fim de estabelecer o panico e dispersar a defesa. Na Inglaterra e na França, repetiram-se ensaios de ataques aéreos, sem nenhum resultado pratico. Na Alemanha, Rudolph Hanslian e o coronel Kahl idealizaram projectos para defender a população civil, as empresas industriais e os pontos estrategicos. Sobre as Usinas Fredland, localizadas na Prussia Oriental, sessenta aviões evoluíram em circulo, formando um nevoeiro artificial. A invisibilidade estendeu-se a dezenas de kilometros, mas a substancia fumigena damnificava a epiderme, os olhos e a respiração. Obteve-se a conclusão da impossibilidade de evitar o bombardeio aéreo, ora por se ignorar o objectivo visado, quando a esquadilha atravessa a fronteira, ora pela deficiencia dos caçadores e pela mobilidade do atacante. Von Seeckt expressa que mesmo o dominio do ar, por uma potencia, não dispensa a defesa anti-aérea. Desde a ameaça italiana, de bombardear a esquadra ingleza concentrada no Mediterraneo, durante a campanha da Abyssinia, sabia-se da confusão reinante na theoria da defesa aérea. Enquanto se ignorava o meio de conter as esquadilhas, voando sobre Strasburgo, Paris, Munich, Berlim, Liverpool, Londres, a apologia do bombardeio aéreo dominava os technicos da guerra total. O capitão Normann considera a arma aérea como a mais efficiente, pois fere as populações, as industrias, todo o systema militar. Muitas conjecturas percorriam a Europa, desde a Noruega á Rumania, desde a Italia á Hollanda. Admittiram o emprego de aviões colossos, em vez de pequenos aparelhos, tanto para economizar pilotos e material, como para augmentar o poder destructivo. Dois aviões de cem metros de envergadura, poderiam fazer o mesmo serviço de cem aparelhos, carregando oitenta toneladas de bombas. Construir-se-iam quatro aviões pesados, em lugar de duzentos modelos pequenos. Tal doutrina influenciou pouco, devido á grande vulnerabilidade da unidade gigante, incapaz de illudir com a mesma celeridade o fogo anti-aéreo. A esquadilha pôde acompanhar o inimigo, perturbar as evoluções, interromper a artilharia, jogar a morte no lugar mais activo. Protege o soldado e abrevia a destruição das peças de grosso calibre. Suppuzeram a invenção do aeroplano-canhão, para atacar navios mercantes e cruzadores auxiliares. Imaginavam as formações aéreas germanicas, levantando vôo de Hamburgo e da Prussia Oriental, interrompendo a quinhentos kilometros de distancia os comboios britannicos na sua rota commercial. Os hydro-aviões substituiriam os submarinos, com mais vantagem bellica. Aeroplanos estratosphericos pulverizariam cidades, voando a dez mil e quinze mil metros. Previam o incendio simultaneo de Londres, Berlim e Paris, ás primeiras horas da declaração de guerra. Falharam essas scenas apocalypticas, porque ha uma grande duvida sobre se a victoria militar pôde ser obtida pelo bombardeio aéreo, independente da infantaria e da occupação do territorio. Resta saber se a theoria classica, que faz do infante e da baioneta a arma principal, resistirá á guerra anglo-germanica. A Inglaterra e a Alemanha desafiaram-se numa batalha sem precedentes, pois os exercitos, immobilizados no Canal da Mancha e no Mar do Norte, assistem como espectadores ao duello aéreo.



General Jan C. Smuts, do exercito allemão.



Esquadilha da Inglaterra, em Hatfield.



Aviões germanicos em excursão sobre o Noroeste da Alemanha.

Noticias e comentarios

A vista da capa

É o Rio de Janeiro que proporciona a capa desta semana. Um trecho da Cidade Maravilhosa, colhido do alto pela objectiva esplendida de Luiz Bueno Filho, que é um verdadeiro quadro. Um trecho pequenino, em que avulta a igreja da Gloria do Calvário, a eleita da Família Imperial para o baptismo dos Príncipes



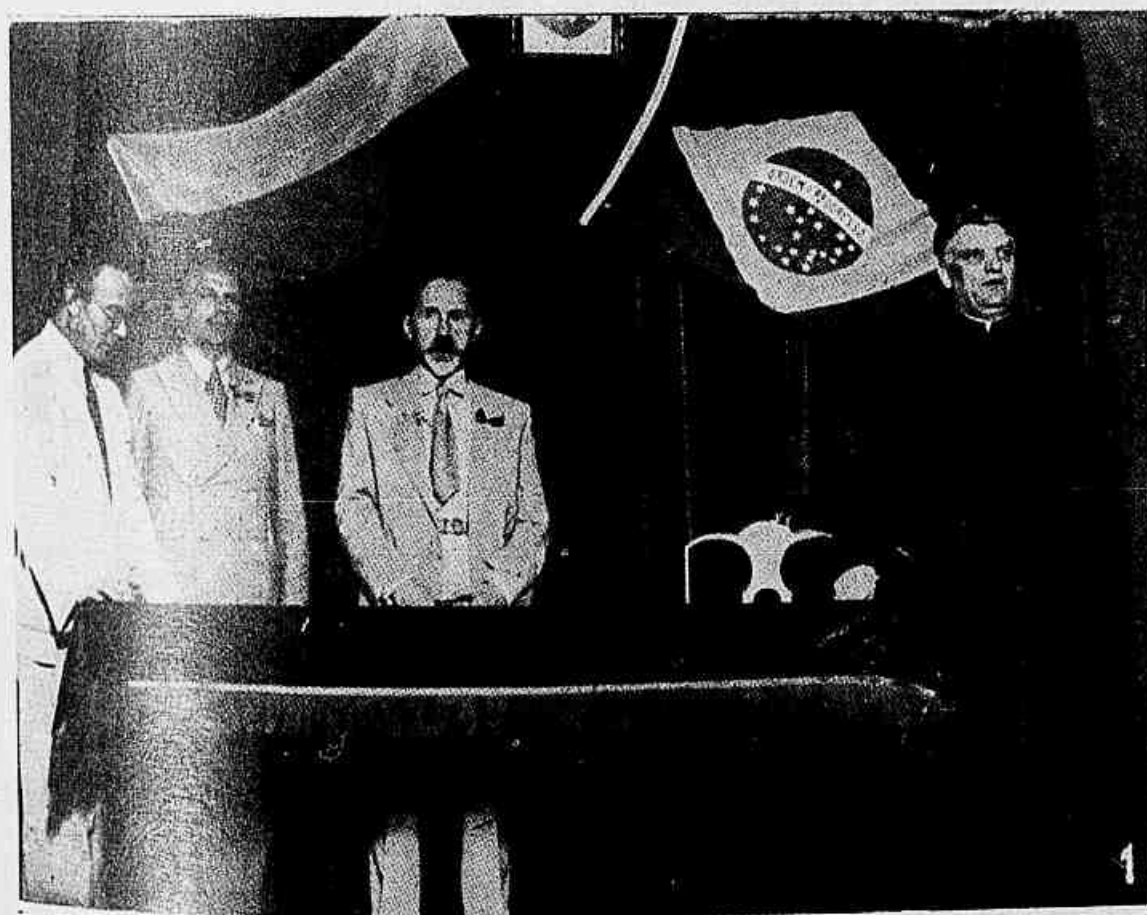
e para as maiores festas religiosas en-
grandecidas pelo verbo incomparavel de
Mont'Alverne.

O quadro, velado pelo tronco de uma
arvore annosa, comporta, nos longes, os
recortes das serras fluminenses e, entre
elles e o recanto carioca, a Guanabara
mansa e bonita, que tem o orgulho de
ser a mais linda bahia que ha no mundo.
Foi, pelo menos, o que disse Arago.



Baile do Radio

Grupo colhido no Palacio Theatro ao realizar-se o Baile do Radio, do qual foi proclamada Rainha a festejada "estrella" do nosso broadcasting — Linda Baptista — que se vê ao centro, no primeiro plano.



O DIA DA LITHUANIA

A Associação dos Lithuanos no Brasil — "Vilnis" — comemorou no dia 16 o Dia da Lithuania, realizando as ceremonias fixadas em photographia aqui.

1 e 2 — Na Associação Christã de Moços: a sessão civica, que foi presidida pelo sr. Antanas Smetona, presidente da Lithuania, que se achava de passagem pelo Rio. 3 e 4 — Dois aspectos colhidos na igreja da Lapa, do Desterro, ao ser resada missa votiva pela data. Na photo n. 3 vêem-se, no primeiro plano, o presidente Smetona e sua senhora.





O CONCURSO DAS SEREIAS

CONSELHEIRO JORGE JOÃO DODSWORTH (Barão de Javary)

O CENTENARIO DO SEU NASCIMENTO



Conselheiro Jorge João Dodsworth (Barão de Javary)

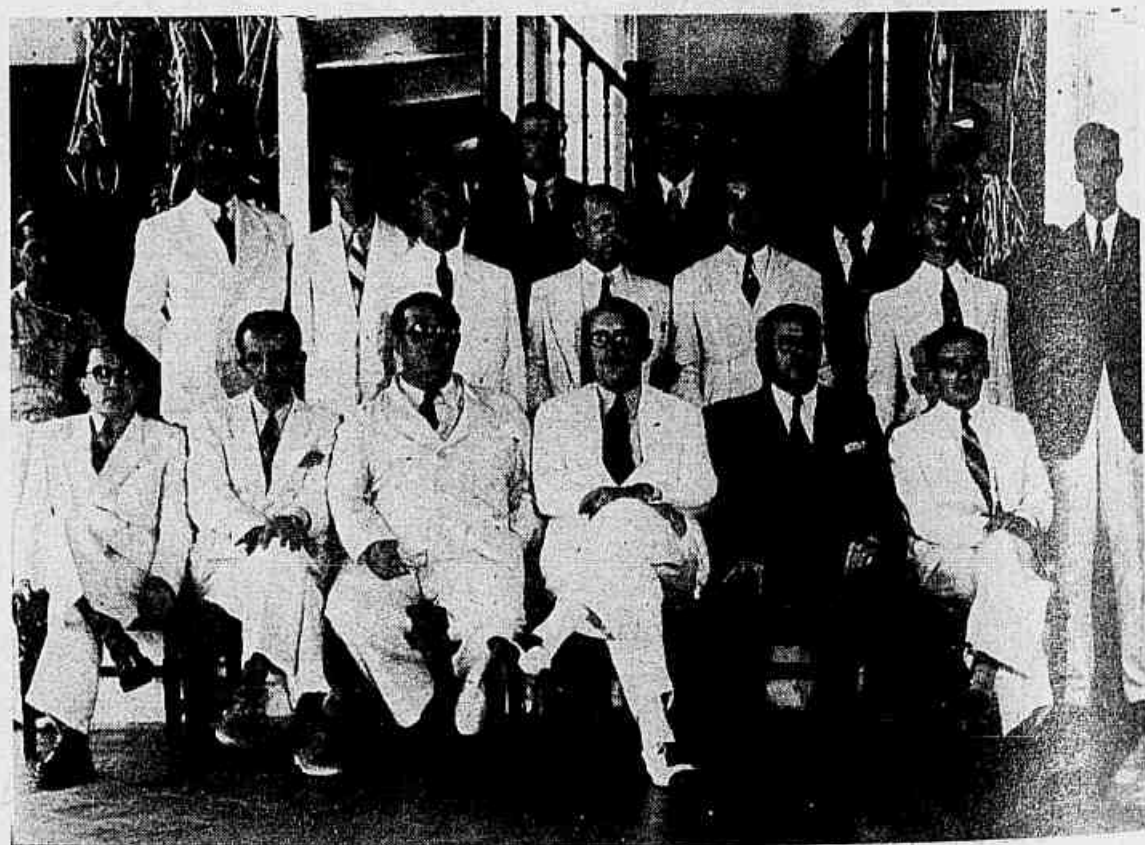
Passou na terça-feira última o centenario do nascimento do conselheiro Jorge João Dodsworth, barão de Javary, ancestral de illustre familia da sociedade carioca.

Jorge João Dodsworth nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro, em 18 de Fevereiro de 1841. Seu pae, escocês de nascimento, exercia desde os pri-

meiros annos da Independencia a profissão de lelloeiro publico, e mantinha loja de antiguidades e objectos de valor na rua da Misericordia, a mais importante arteria commercial do tempo.

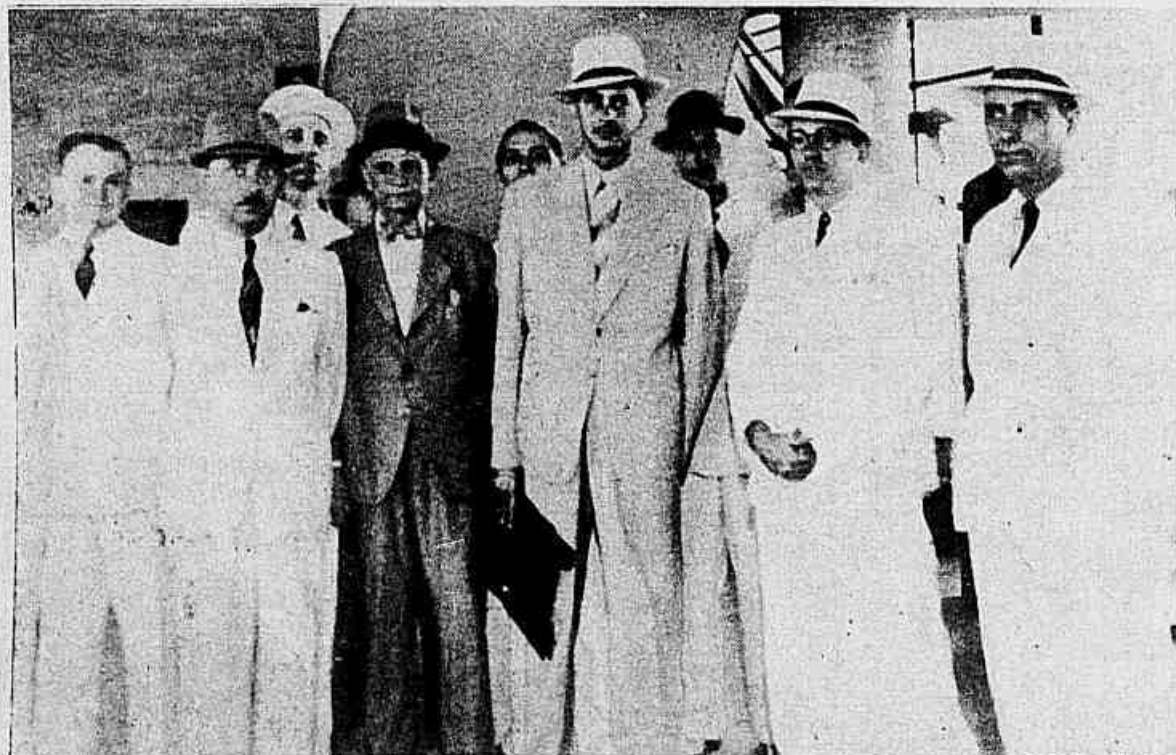
Foi seu padrinho o dr. Luiz da Cunha Feijó, visconde Santa Isabel, professor e director da Faculdade de Medicina.

Formado em Direito pela Faculdade de S. Paulo, casou-se nessa cidade com uma das filhas do coronel Joaquim Floriano de Toledo, secretario geral da Provincia, da qual seis vezes foi vice-presidente. Ligando-se a essa prestigiosa familia paulista, adquiriu o parentesco por affinidade dos demais filhos e genros do coronel Joaquim Floriano, e dentre esses conviveu especialmente com o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, o visconde de Ouro Preto, o conselheiro Tito Augusto Ferreira de Mattos e o capitão de fragata José Martins de Toledo. Sua irmã, d. Maria Luiza Dodsworth, casou-se com o, mais tarde, almirante Antonio Luiz von Hoonholtz, barão de Teffé, e seu irmão, o futuro desembargador Henrique João Dodsworth, com d. Maria Flora de Andrada, neta do velho José Bonifacio. Sua casa, á rua da Ajuda n.º 33, hoje rua Chile, 31, tornou-se o centro de reunião, não só dos citados membros da familia, como de seus numerosos ami-



Homenagem á Imprensa

Grupo obtido por occasião do almoço oferecido pelo Botafogo F. C. á Imprensa carioca.



O novo Interventor em Alagôas

Aspecto do embarque do capitão Ismar de Goes Monteiro, apanhado momentos antes da partida do avião da Panair para Macaé, onde o novo Interventor foi assumir seu alto cargo.

gos, ali sendo preso o visconde de Ouro Preto quando se proclamou a Republica, pois Jorge João Dodsworth e sua esposa d. Carlota de Toledo Dodsworth attrahiam a fina sociedade de seu tempo pelas sempre novas gentilezas com que os sabiam receber.

Entre seus amigos mais chegados contavam-se José Paranhos do Rio Branco, depois barão do Rio Branco, o engenheiro militar Alfredo de Escagnolle Taunay, visconde de Taunay, o juriconsulto Francisco de Paula Prestes Pimentel, pae do igualmente juriconsulto Francisco Mendes Pimentel, o dr. José Maria dos Anjos Espozel, o dr. Barbosa Lima, pae do senador Alexandre José Barbosa Lima, o dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, pae do senador da Republica de igual nome e do embaixador José Bonifacio Ribeiro de Andrada.

Durante muitos annos foi Jorge João Dodsworth director da Secretaria da Camara dos Deputados, onde desfructou a amizade e a consideração de innumerables deputados que por essa Camara passaram até o advento da Republica. Sua casa, além de centro de influencia social, foi tambem cenaculo de artistas, onde a musica tinha o seu templo. A baroneza de Javary brilhava nos concertos do palacio residencial da princeza Isabel, á rua Gua-

nabara, com sua insinuante voz de meio soprano.

Carlos Gomes offereceu-lhe a partitura do "Guarany", e acompanhou-a diversas vezes nas arias que acabava de compor. Taunay improvisava no piano Pachel e preparava as Chopinianas.

Dois traços, um no começo, outro no fim da vida publica do barão de Javary, caracterizam a conformação de seu character. O primeiro é a sua dedicação e lealdade aos amigos, pelos quaes fazia sacrificios. Logo após a formação, foi-lhe offerecida importante commissão na Secretaria da Justiça. Aceitou-a imediatamente, não para si, mas para um amigo e collega que considerava mais necessitado. O segundo traço é a concepção de solidariedade politica, que impedia que, depois da queda da monarchia, continuasse em suas funções o director da Secretaria da Camara de Deputados, posição prestigiosa que convivia com sua correcção e alta consideração do dever. Seu primeiro cuidado foi retirar-se, solidario com o Imperio, e, quando recebeu o titulo de barão, tanto por suas virtudes como por seu prestigio social, quanto pela necessidade do tipo modelar de funcionário superior.

Dos trabalhos publicados em aade



Em Copacabana, ao realizar-se o "Concurso das Sereias", promovido pela Radio Ipanema. Vêem-se as dezoito concorrentes e entre ellas a de n.º 7, senhorita Solange França, vencedora do concurso.

de sua função na Camara dos Deputados, sobressaem as "Falas do Throno" e as "Organizações e Programmas Ministeriaes", repositórios de informações sobre a politica do tempo, onde vão buscar elementos seguros os cultores de nossa historia.

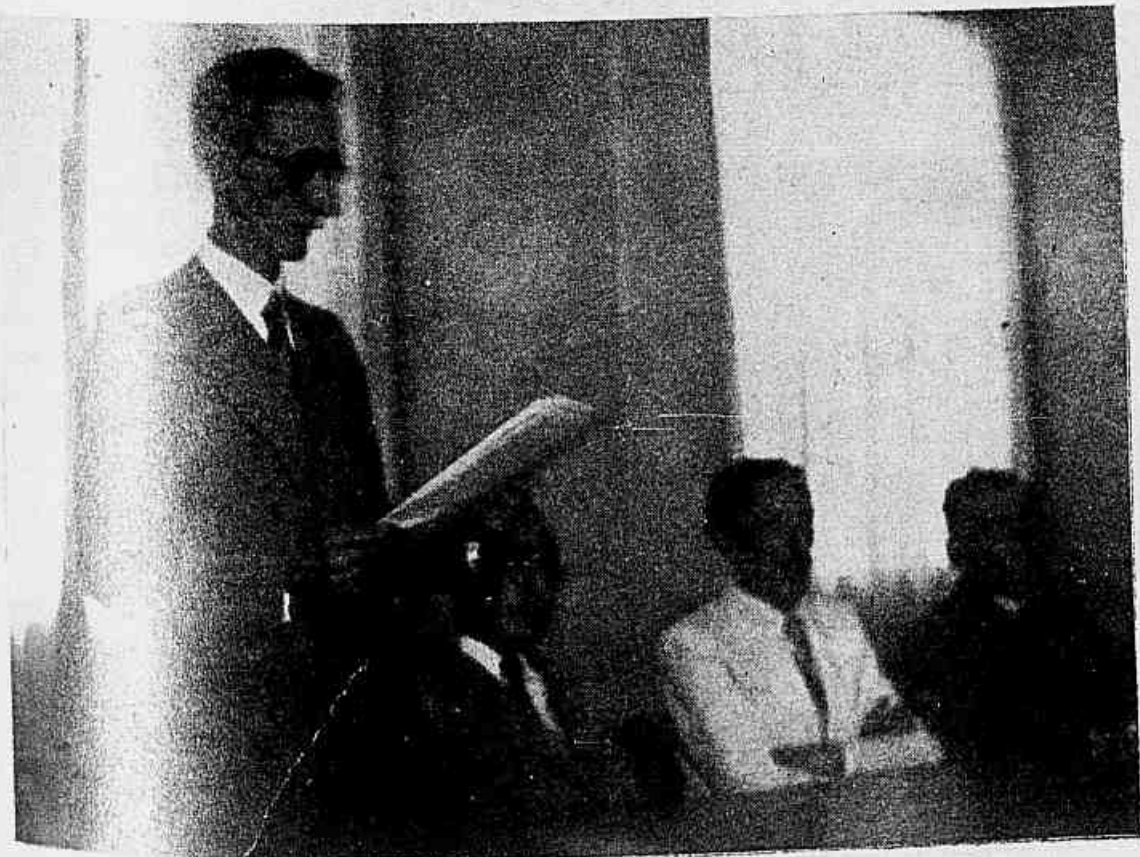
Foram seus filhos: d. Georgina Dodsworth Martins, casada com dr. Custodio José Ferreira Martins, director do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, dr. Henrique de Toledo Dodsworth, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, casado com d. Maria Luiza Franco Dodsworth, d. Maria Dodsworth de Frontin, casada com dr. André Gustavo Paulo de Frontin, professor da Escola Polytechnica, dr. Paulino de Toledo Dodsworth, coronel Arthur de Toledo Dodsworth, casado com d. Mercedes de Barros Dodsworth, e dr. Franklin de Toledo Dodsworth, magistrado.

São seus netos: capitão de mar e guerra Jorge Dodsworth Martins, dr. Luiz Dodsworth Martins, dr. Jorge de Toledo Dodsworth,

d. Amelia de Toledo Dodsworth, d. Heloisa Dodsworth Machado (fallecida), dr. Henrique de Toledo Dodsworth Filho, d. Maria Elisa de Frontin Werneck, dr. Henrique Paulo de Frontin, d. Maria da Gloria de Frontin Muniz Freire, d. Maria da Gloria de Barros Dodsworth, d. Sylvia Dodsworth Figueiredo, e dr. Luiz de Barros Dodsworth. Bisnetos: dr. Luiz de Castro Dodsworth Martins, dr. Jorge de Castro Dodsworth Martins, d. Edith Beatriz Dodsworth Martins, d. Sophia Helena Dodsworth Wanderley, d. Estella Dumont Dodsworth, Jorge Henrique Dumont Dodsworth, dr. Alvaro Dodsworth Machado, dr. Raul Dodsworth Machado, Maria de Lourdes Dodsworth Machado, Carlos Dodsworth Machado, dr. Paulo de Frontin Werneck, Haroldo de Frontin Werneck, Alvaro de Frontin Werneck, Marilisa de Frontin Werneck, Gustavo Paulo de Frontin, Gloria Maria de Frontin Moniz Freire e Aloisio Dodsworth Figueiredo. Tetranetos: Cecilia Helena Dodsworth Wanderley, Nelson Dodsworth Wanderley.



Supremo Tribunal Militar A posse do novo ministro do Supremo Tribunal Militar, dr. Washington Vaz de Mello. Aspecto colhido quando o novo titular era saudado pelo dr. Octavio Murgel de Rezende, promotor da Justiça Militar.



INSTITUTO NACIONAL DE SCIENCIAS POLITICAS

Realizou-se no salão do ABI, promovida pelo Instituto Nacional de Sciencias Politicas, uma conferencia pelo dr. Ubaldo Ramalheite sobre o tema "Soluções praticas ao problema da educação popular".

popul. O flagrante mostra o conferencista quando lia o seu trabalho.

UM CENTENARIO

Até aos primeiros annos do seculo passado, iam os barbeiros norte-americanos de cidade em cidade, levando consigo, em bolsas a tiracolo, as navalhas do officio bem como velhas laminas destinadas a extirpar os callos dos clientes. Por esta ultima operação levavam uma ninharia, mas os pacientes soffriam horrores.

Certo dia do anno de 1840, um cavalleiro de Boston, chamado Nehemiah Kenison, conheceu no pateo dum hotel de New Hampshire, um escocoz que descobrira um processo para extrahir callos sem dôr. Em vez de os excavar á volta, com um escalpello, amollecia-os primeiramente com um acido e depois os desprendia cuidadosamente com uma lasca de osso.

Nehemiah Kenison viu alli um bom

negocio. Depois de examinar o acido e de se inteirar quanto ao resto da operação, foi para Boston, onde ensinou o systema a seus filhos e a alguns parentes que, por sua vez, o revelaram a outras pessoas. E assim se iniciou nos Estados Unidos a sciencia ou arte da "chiroprodia".

Actualmente, embora alguns pedicuros continuem a trabalhar nos salões de barbeiro, a "chiroprodia" constitue um ramo respeitavel da medicina, que exige dois annos de ensino secundario e tres ou quatro numa das escolas especializadas que, ha já tempo, existem no paiz.

A Associação Nacional de Chiroprodia reuniu-se, em fins do anno passado, em Boston, para celebrar o centenario do nascimento da sua sciencia. E foi eleito presidente da assembléa o sr. Harry Kenison, sobrinho do velho Nehemiah, e que trabalha pelo officio naquella cidade.



O "stand" de tiro "General E. G. Dutra": Foi inaugurado no Morro dos Telegraphos o stand de tiro "General Eurico Gaspar Dutra" construído pela Diretoria de Engenharia do Exército. Fixamos aqui dois aspectos da inauguração: á esquerda o general Raymundo Sampaio, director da Engenharia, orando na cerimonia, e á direita o sr. Henrique Dodsworth, prefeito do Districto Federal, dando o primeiro tiro em presença dos generaes Eurico G. Dutra, ministro da Guerra; Silva Junior, commandante da 1.ª Região Militar, e outras autoridades militares e civis.

COMO SE ARRECADA O SOL

Pode parecer lembrança de louco a de se armazenar a luz do sol como se fôra carne ou qualquer cereal. Pois foi lembrança de homens de sciencia — além de perfeitamente equilibrados — e que elles mesmos se encarregaram de pôr em pratica. Eis o processo que seguiram.

A luz solar foi absorvida por um pó especial. Depositou-se este, em seguida, numa garrafa, onde foi congelado com ar liquido. Lacrada e levada para Nova York a garrafa em questão, alli a aqueceram dentro de agua. Quando o ar liquido se evaporou, as pessoas que assistiam á operação ficaram estupefactas, verificando que o pó despedia luz e ir-

MOLESTIAS DOS PULMÕES.

Dr. Friedmann

Rua Alvaro Alvim n.º 24, de 1 ás 4.



A' Missão Americana

No Ministerio da Marinha, por occasião do almoço que o Almirantado offereceu á Missão Naval Norte-Americana. Vê-se á direita do almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha, o commandante Augustin Beauregard, que deixou a chefia da Missão por ter de ser promovido ao posto de contra-almirante.

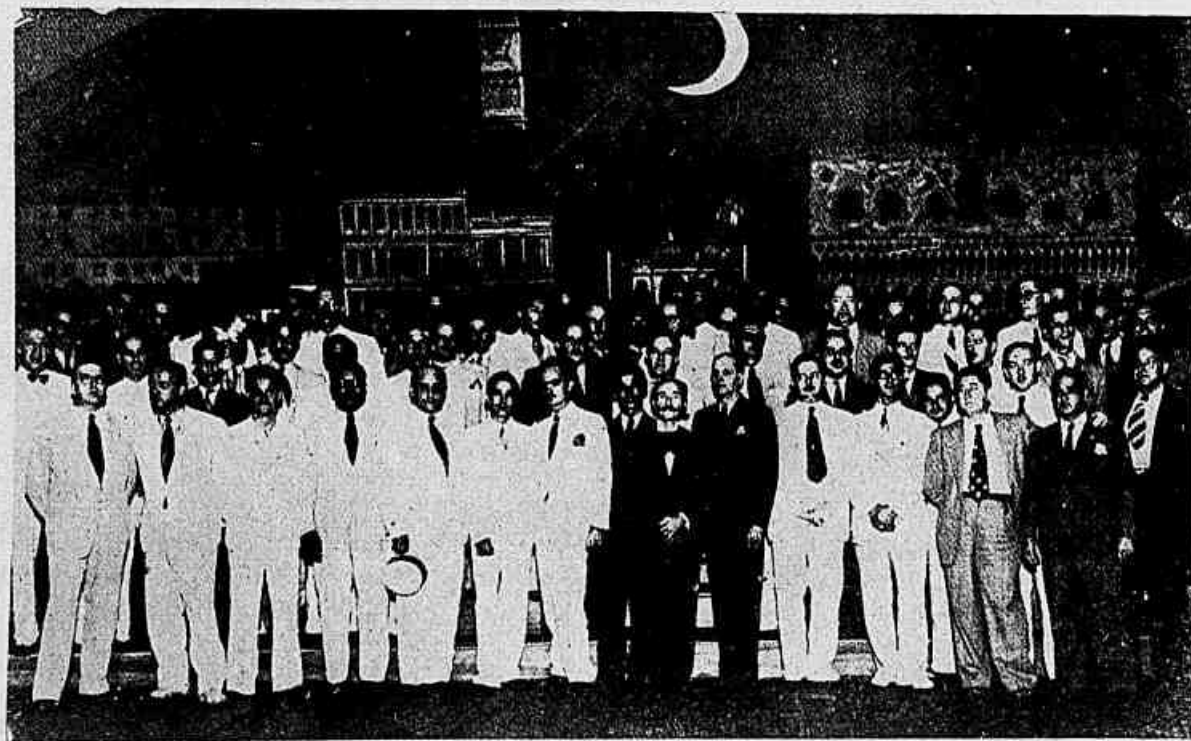
radiava calor bastante para fritar uma posta de peixe.

Se o armazenamento da luz solar se converter numa operação pratica, pode-

rão os homens de sciencia ministrar os authenticos raios do astro-rei como remédio em certas enfermidades. E depois disso deixará de causar riso a phrase

do nosso amigo Calino, quando soffria os rigores duma soalheira estival:

— Ai, meu Deus, quem me dera um bocadinho deste sol para o inverno!



Lux-Jornal

Grupo tirado no Theatro Carlos Gomes por occasião do champagne offerecido pelo Lux-Jornal aos chonistas carnavalescos.



A' IMPRENSA

Flagrante colhido por occasião do jantar offerecido á imprensa pela... Domingos Segreto, director-empresario do "High-Life".

F JORNAL DAS FAMÍLIAS



Eléante modelo de viagem, talhado em fina casemira, cinza ou bege claro.



VESTIDOS de VERÃO



...*"LABIOS seductores da mocidade"*...



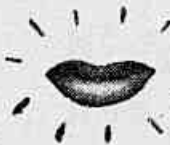
...Para conservar os lábios seductores da mocidade... eis o baton que uso: Colgate.

...Assim dizem milhares de lindas moças brasileiras!



SIM! Labios femininos são lindos, por natureza!... Mas veja: quer fazel-os mais expressivos... cheios desse colorido natural e encantador da mocidade? Então... embelleze-os com Baton Colgate! O Baton Colgate é feito com *Karanuva*, o sensacional emolliente embellezador dos labios! Por isso é que o Baton Colgate faz os seus labios mais cheios de vida e de uma cor seductora, dando-lhes *aquella* beleza, maciez e irresistivel seducção, que os homens tanto apreciam...

...E complete a harmonia de seu rosto com Rouge Colgate.



BATON
No Rio e S. Paulo
3\$500

Bouquet
COLGATE

**BATON e ROUGE
COLGATE**



1 — Vestido para a noite de jersey de seda azul claro, com bordado de lentejoulas de madreperola. 2 — Toilette para a noite, o corpo bordado com lentejoulas prateadas e a saia de tafetá cinza prata.



Interessante toilette para jantar de crepe branco, guarnecida com longas franjas de seda. Turbante do mesmo crepe com broche de perolas.

Michel O BATON QUE NUNCA SERÁ IGUALADO

• A fórmula Michel atingiu o máximo na habilidade de combinar os mais puros ingredientes, segundo um método inteiramente novo. Experimente este baton verdadeiramente prodigioso. Não é possível obter maior pureza, nem superar em qualidade o Michel. E nenhum outro com a maravilhosa riqueza de seus tons: Blonde, Cherry, Capucine, Vivid, Cyclamen, Raspberry, Brunette, Scarlet e Amaranth.

Insista sempre na Verdadeira Michel



4 Modelos: De Luxo, Grande, Médio, Pequeno

Para a maior harmonia de sua beleza, use também o Rouge Michel para suas faces, Cosmético Michel para seus cílios e Pó d'Arroz Michel para a sua cutis.

MICHEL COSMETICS INC. NEW YORK



O Cosmético Indelevel Michel fará maiores e mais sedutores os seus olhos. Encontrado nas cores: Preto, Castanho e Azul.

O Rouge Michel lhe dará faces mais gentis e mais vivas. Existem as seguintes cores: Coral, Cherry, Cyclamen, Mandarine, Blonde, Raspberry e Brunette.



Vestido para jantar de crepe branco. Faixa do próprio tecido e abotoamento nas costas.



Toilette para a noite de setim branco, com tom suave. Franzidos na saia e nas fraldas.

Nas
de un
nhas
secul
velhas
se to
folhei
pasma
"C
Mas,
em jo
mos
encan
tal ve
como
Ma
mestre
quent
algun
ciam
Dizem
feia,
houve
o pro
que
exact
depo
belle
offere
sem o
ras:
palpi

CHRONICA DE PARIS

Nas chronicas da moda, só se trata de uma moda: a actual. Nas outras, rainhas de hontem, da estação passada, do seculo passado, as numerosas irmãs mais velhas que precederam a caçula, nunca se toca. Mesmo quando por acaso se folheia um figurino de annos atraz, fica-se pasma e diz-se com toda boa fé:

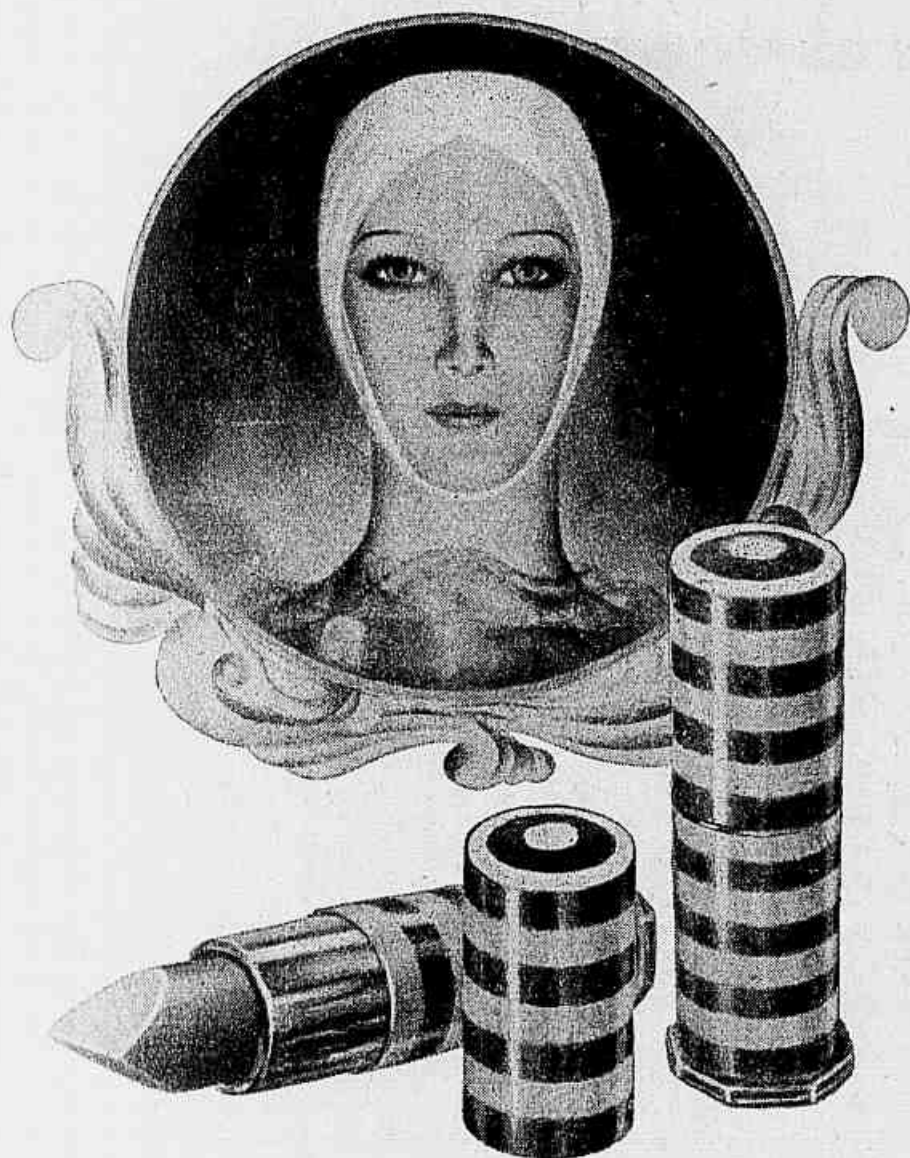
"Como se poudé usar isto? Que horror!" Mas, quando é apenas a memoria que está em jogo, vemos na imaginação esses mesmos vestidos, que achámos horríveis, uns encantos. Quem não se lembra de tal ou tal vestido de baile, com que fez successo, como uma verdadeira maravilha?

Mas as modas não morrem, os grandes mestres da costura gostam de fazer frequentes incursões no passado e renovam alguns daquelles vestidos que nos pareciam tão ridiculos nos figurinos antigos. Dizem que não ha moda verdadeiramente feia, pois que em todos os tempos sempre houve mulheres bonitas. A instabilidade, o proteismo perpetuo da caprichosa deusa que preside aos destinos das modas tem exactamente como resultado favorecer um depois do outro todos os generos de belleza. Seu caracter essencial não é offerecer o atractivo de um disfarce sem cessar renovado? Podem dizer, faceiras: "Sou uma ave, vejam minhas mangas palpitantes como azas; sou serpente,

vejam minhas escamas brilhantes; sou flôr, vejam minha saia como se assemelha a uma corolla; sou borboleta, vejam o meu vestido matizado e luminoso".

Quem diria que os vestidos curtos usados em 1917 voltariam tão depressa? O vestido entravé de 1913 ainda não voltou e devemos desejar que não volte, tão incommodo e tão feio. Mas se voltar o usaremos e talvez, quem sabe, tambem o acharemos chic. Não voltou a rêde para o cabelo e não tem sido apreciada? Creiam-me, faceiras: a inspiração dos costureiros não é illimitada, baseia-se sobre a formula celebre: nada se perde, nada se cria. E' uma eterna renovação das modas passadas. Examinem os novos modelos e verão o fichu das damas do anno de 1785, as capotas amarradas como num laço sob o queixo, das senhoras de idade do fim do seculo passado, dessa época tambem as mantilhas tão em moda actualmente. Vestidos de baile com largas faixas dão uma ideia dos vestidos do Directorio, simulando a cintura curta. Temos tambem o decote Imperatriz Eugenia, mostrando os hombros, e o decote quadrado das damas da época de Luiz XV. A moda actual é muito bonita, devemos apreciar-a emquanto não fica feia como as outras.

Marinette.



CANDY CANE

A NOVA TONALIDADE

CANDY CANE, a mais recente maquillage de Elizabeth Arden, é uma tonalidade viva e alegre — um vermelho claro e vibrante.

CANDY CANE pode ser escolhido em um conjunto harmonioso. O baton apresentado num estojo brilhantemente listrado, pede como complemento Rouge e Esmalte no mesmo tom.

CANDY CANE é a maquillage que constitue o retoque por excellencia — a definitiva nuance para a elegancia feminina no verão.

Elizabeth Arden



1 — Vestido de damassé, flôres baças sobre fundo de setim branco, guarnecido com velludo preto. 2 — Costume elegante de setim preto, a blusa de tulle preto e galões dourados.



1 — Saia de crepe azul com desenhos brancos, a blusa de crepe branco, guarnecida com tiras do tecido da saia, mantendo os franzidos. Pôde ser executado com tecidos de algodão. 2 — Vestido de voile preto com desenhos brancos e guarnecido com viezes brancos.



Vestido de shantung ou linho branco com listas verdes, guarnecidas com pregas a saia e a blusa. Botões e cinto verdes.



Guirlanda de flôres para a cabeça e mascara de velludo preto, guarnecida com fita e renda valencienne branca.



TRUCS de BELEZA

A senhora usa "anquinhas"? "Espartilhos"? "Coletes de barbatanas"? Não!

Todos os "trucs de beleza" já vão sendo substituídos, pela beleza natural conseguida pela higiene e pelo sport.

Cílios engomados e cobertos de tinta, não são cílios naturais, são cílios de boneca.

Só o uso continuado de Cilion será capaz de fazer cílios naturalmente longos, escuros, recurvos e sedosos.

CILION não é um "Truc"—é um produto da ciência a serviço da saúde e da beleza.

Cilion

Um produto
MOURA BRASIL



Vestido de crepe vieux-rose claro. Saia de ampla roda, nervuras na frente.



1 — Vestido de noiva de setim branco. A golla drapez vae até á faixa; esta rodeia a cintura e forma a cauda. Bouquet de rosas e flôres de laranja sobre a cabeça, mantendo o longo véo de tulle. 2 — Vestido de casamento de crepe romain; a pala, costas e mangas de renda branca. Uma torsade de tulle mantém o véo.

A moda chinesa na America do Norte



Turbante chinês, executado em crochet de lã verde jade.

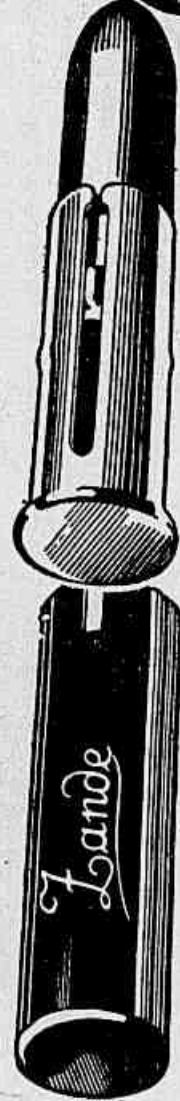
Como possuir lábios que os homens adoram!



Baton Zande

Imprima aos seus lábios, com o Baton ZANDE, esse poder de sedução que subjuga os homens... a suave tonalidade vermelha da própria Natureza. Este baton novo, de grande efeito, é caricioso e dura mais quando aplicado. Não seca os lábios. Seis cores modernas ZANDE.

{ Só se vende ZANDE nas melhores casas - quatro tamanhos, mas todos a um preço que o põe ao alcance de todos os lábios. }



... e o Rouge ZANDE!

Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores - para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.



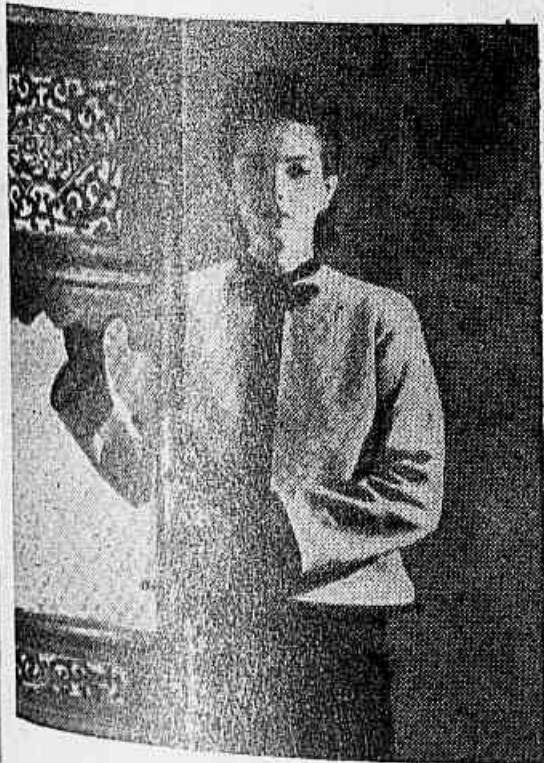
Vestido elegante para a tarde de crepe rayon. Guarnições em diagonal. Toque de aigrettes e tulle.



Vestido gênero chinês, de crepe azul marinho, guarnecido com fustão branco.



Casaco-kimono de crepe Lastex amarelo; toilette para a tarde.



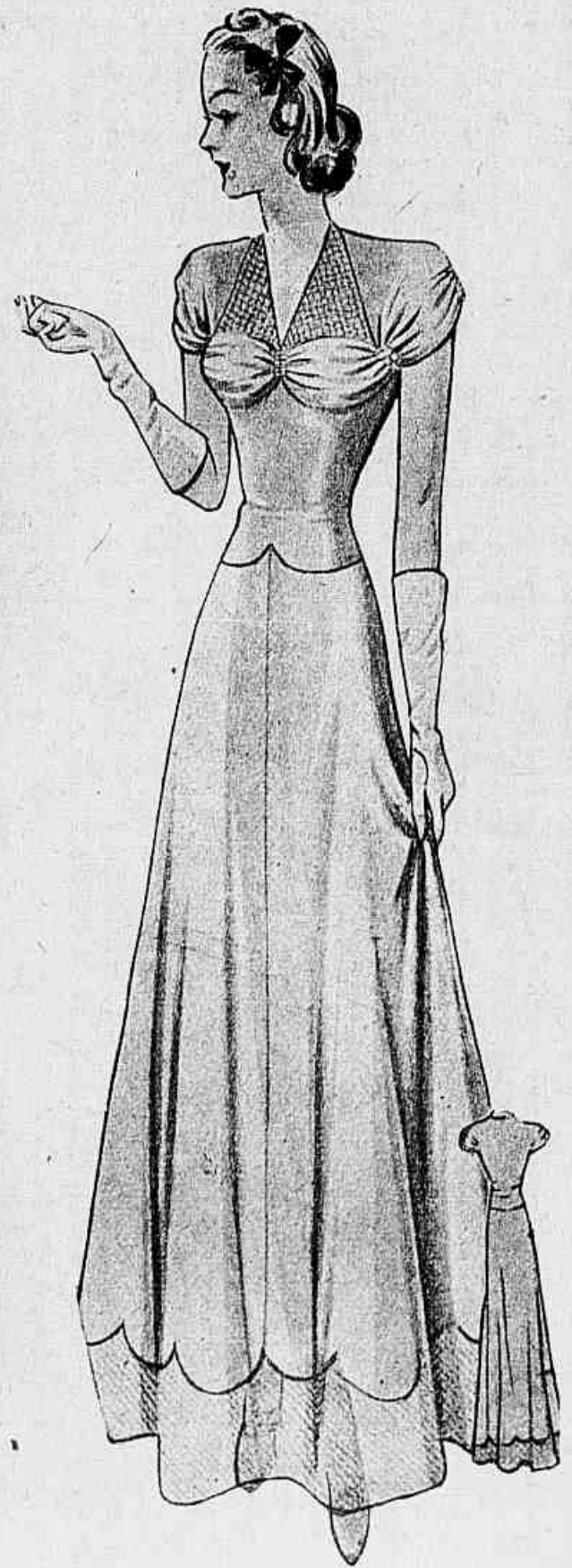
Casaco chinês de tecido bege, debruado com fita de setim preto.



Toilette para jantar de chamalote azul claro.



Manteau de lã ou crepe espesso azul marinho, com pala redonda.



Toilette para a noite de tafetá rosa, na pala e na barra da saia tulle engomado do mesmo tom.

Para as Crianças

Casaco para menina, em tricot de lã

As medidas indicadas para menina de 7 a 8 annos (volta do peito: 74 centímetros).

São necessárias 300 grs. de lã flexível azul claro de 4 fios. O bordado pôde ser feito com lã fina ou linha de bordar, nos tons rosa claro, rosa médio e azul médio.



Agulhas de tricot longas n. 3 e uma agulha de **crochet** n. 2 1/2.

Pontos empregados — Ponto de **jersey**, tricotar as malhas pelo direito no direito do trabalho e as malhas pelo avesso no avesso do trabalho. Ponto de **jarreteira**, tricotar sempre as malhas pelo direito.

Execução — Frente direita, começar pela parte de baixo, pondo na agulha de tricot as malhas necessárias, medindo sobre o molde feito nas medidas da criança. Tricotar primeiro no ponto de **jersey** sobre uma largura de 5 centímetros e meio para a barra da frente, e no ponto de **jarreteira** as malhas restantes.

Fazer a outra frente da mesma maneira. As costas são feitas no ponto de **jarreteira**. Coser os ombros e apanhar as malhas para executar as mangas nos pontos marcados no molde e tricotar no ponto de **jarreteira** até ao comprimento necessário.

Bordar com as linhas ou lãs de cor as frentes no ponto de cruz, como mostra o desenho.

Depois de terminado o bordado passar a ferro o casaco pelo avesso com um pano humido por cima. Coser as costuras das mangas e as dos lados. Apanhar com a agulha de tricot as malhas em volta da golla e tricotar no ponto de **jarreteira** 2 centímetros. Depois com a agulha de **crochet** rodear todo o casaco com uma carreira de pontos baixos, uma carreira com abertos nas terminações das mangas (2 malhas de trancinha, saltar duas malhas), depois uma carreira de pontos baixos. Fazer cordões trançando com dois ou tres fios, para enfiar nas mangas e para pregar na golla.

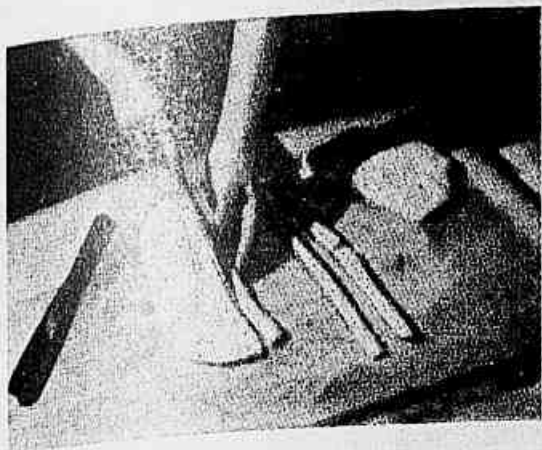


- 1 — Vestidinho de voile branco com desenhos vermelhos, golla e faixa de tecido vermelho. Guarnecido com nervuras e babadinhos nos bolsos e mangas.
- 2 — Saia de linho marron, blusa de cambráia amarelo claro, com um bordado de festão com linha marron.
- 3 — Vestido de crepe ou voile, guarnecido com babados e um bordado na frente.
- 4 — Vestido de toile de seda com xadrez, golla de cambráia branca bordada.
- 5 — Vestidinho de crepe ou voile guarnecido com babadinhos e nervuras.
- 6 — Vestido de crepe ou fustão, guarnecido com pespontos.
- 7 — Vestido inteiro de crepe ou voile de fantasia.

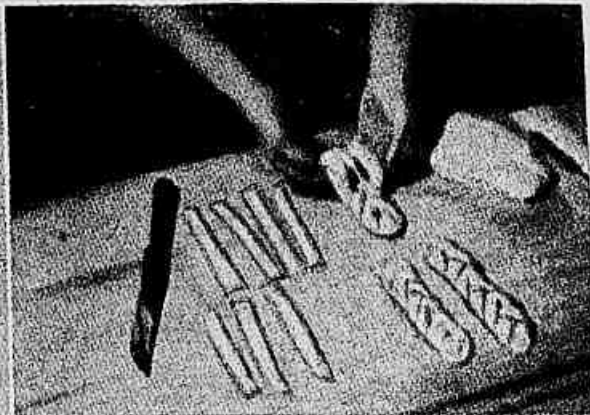


Camisa-calça de crepe ou opala, guarnecida com um ponto russo. Combinação de crepe ou cambráia guarnecida com bordado ou renda.

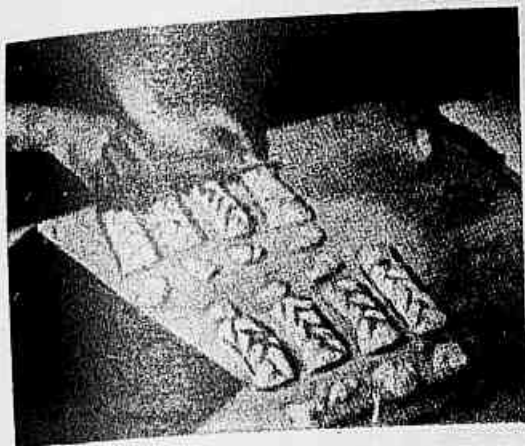
ROSQUINHAS DOCES



A massa é cortada em tiras.



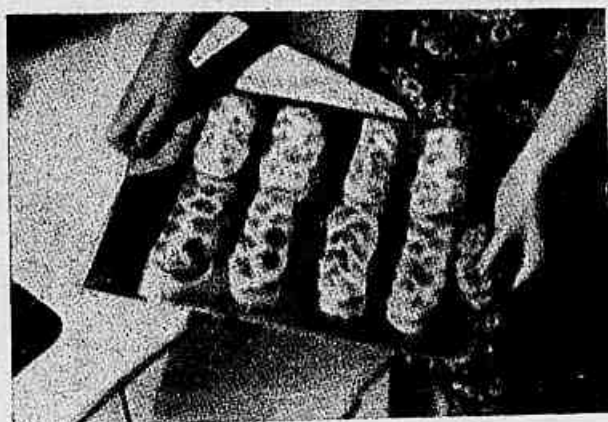
É trançada.



São aparadas as pontas.



São pintadas com gemma e salpicadas com amendoas.



São postas no forno.

Menu de Almoço

RABADA — PIRÃO DE FARINHA DE ARROZ
PEIXE ENSOPADO COM MOLHO DE AÇAFRÃO
TALHARIM

BERINGELLAS RECHEADAS
BIFES GRElhADOS COM MOLHO DE CEBOLAS
COUVE-FLOR FRITA
CREME COM MARMELADA DE DAMASCOS

—oOo—
RABADA

Toma-se um rabo de boi, bem sangrado, corta-se pelas juntas, ficando em pedaços de tamanho regular; pôr num caldeirão com um mocotó de vitella, uma cebola cortada em rodellas, duas cenouras também em rodellas, um pedacinho de toucinho e um pedaço de presunto; juntar um decilitro de vinho branco, uns grãos de pimenta do reino e um bouquet de cheiros. Cobre-se tudo com água fria e leva-se ao fogo para ferver, devendo-se escumar assim que principiar a ferver; estando bem limpo, pôr o caldeirão em fogo brando, para cozinhar de vagar, até que a carne largue dos ossos por si. Coar então o caldo e retirar a carne dos ossos. Tirar toda a gordura do caldo, juntar a carne. Torram-se umas fatias de pão com manteiga, arrumam-se no fundo da sopeira e despeja-se pôr cima a rabada.

Serve-se ao mesmo tempo pirão de farinha de arroz.

PEIXE ENSOPADO COM MOLHO DE AÇAFRÃO

Depois de bem limpo um peixe pesando dois kilos, cortar em postas de tres ou quatro centímetros de espessura, lavar bem e em seguida enxugar. Com as aparas, a cabeça e temperos fazer um caldo.

Fazer aquecer numa frigideira grande 2 decilitros de bom azeite. Pôr dentro um dente de alho bem esmagado, duas cebolas picadas, não deixar tomar cor; juntar 40 grs. de farinha de trigo e mexer bem para não deixar queimar; quando tiver tomado uma bella cor alourada, retirar a frigideira fóra do fogo e deixar amornar. Juntar ½ litro de vinho branco e um litro do caldo do peixe; temperar com sal, pimenta e uma pitada de açafraão. Arrumar as postas do peixe na frigideira, despejar por cima o molho e deixar cozinhar em fogo brando, a vasilha tampada. Retirar as postas para uma travessa, conservando quente e cobrindo com um papel untado com manteiga para não resecar.

O molho, depois de coado, deixa-se reduzir; juntar um pouco de salsa picada na hora de pôr na molheira.

TALHARIM

Amassar 300 grs. de farinha de trigo com 7 a 8 ovos e temperar com sal. A massa deve ficar lisa e macia, e não pegar mais na mesa nem nas mãos. Formar uma bola, pôr numa vasilha, cobrir com um panno e deixar descansar uns dez minutos pouco mais ou menos. Dividir em seguida a massa em dois pedaços. Abrir, com o rolo, sobre a mesa enfarinhada, até ficar com uma espessura muito fina. Colocar depois de abertos os dois pedaços sobre toalha peneirada com farinha de trigo. Depois cortar cada pedaço em tiras de 5 a 6 centímetros de largura, salpicar com farinha de trigo, collocar uma sobre a outra e cortar com uma faca afiada em tiras o mais finas possível. Colocar sobre folhas de papel, ou peneira, para secar sem grudar umas nas outras.

Despejar o talharim na água fervendo, temperada com sal, e deixar cozinhar uns minutos apenas; retirar a panela do fogo e despejar o talharim no coador. Pôr na panela 200 grs. de manteiga, despejar dentro o talharim, depois 100 grs. de queijo parmeão ralado, misturar tudo bem com a ajuda de um garfo e arrumar numa travessa as camadas, alternando cada camada com molho de tomate.

BERINGELLAS RECHEADAS

Depois de tirada a pelle lustrosa das beringellas, por ella ser amarga, são partidas ao meio; tirar todo o miolo, depois pôr para cozinhar em água e sal, tomando cui-

Aqui está o livro que A SENHORA PRECISA

COMER BEM
por Dona Benta

Vale por uma biblioteca de livros de arte culinária - Receitas modernas - Práticas - Econômicas.

1894 RECEITAS
de salgados - doces -
bebidas - sanduiches
e sorvetes.

Para todas as ocasiões:
banquetes - lanches rápidos
- almôços e jantares de
cerimônia e comuns - chás -
cocktails, etc.

Algumas Secções Especiais

- Guarnições e combinações de pratos
- Tabelas de calorias e vitaminas dos alimentos
- Regimes para diminuir, aumentar e conservar o peso
- Cozinha vegetariana
- Alimentação da primeira infância

COMPRA
HOJE
SEU EXEMPLAR

Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 639 - São Paulo

dado para ficarem bem perfeitas. Arrumar depois de bem escorrida a água numa travessa. Rechear com a seguinte mistura. Passar numa peneira o miolo das beringellas. Passar na machina um pedaço de carne assada e outro de presunto. Juntar ao miolo das beringellas e misturar com um ovo duro bem picado, temperar com um pouco de manteiga, de molho de carne e uma pitada de pimenta. Pôr em cima de cada qual um pouco de farinha de rosca misturada com queijo ralado, despejar na travessa um pouco de molho de carne e pôr no forno brando para tostar.

BIFES GRElhADOS COM MOLHO DE CEBOLAS

Molho de cebolas: Refogar em 60 grs. de manteiga 250 grs. de cebolas picadas muito finas, em fogo brando, não deixar tomar cor. No fim de cinco minutos, salpicar com 20 grs. de farinha de trigo; mexe-se um pouco, juntando em seguida meio litro de caldo de carne. Temperar e deixar reduzir até ficar com consistência cremosa.

COUVE-FLOR FRITA

Pôr para cozinhar em água e sal uma couve-flôr, mas não de maneira a desfazer-se. Separar depois os bouquets e ir arrumando numa travessa grande; depois de todos os galhos arrumados no fundo da travessa,

despeja-se por cima um pouco de molho de carne, de maneira a ficarem bem molhados; depois vão se tirando e envolvendo em farinha de rosca misturada com queijo ralado, depois mergulhar os bouquets um a um dentro de ovos batidos, de novo na farinha de rosca. Na hora de servir, fritar em banha bem quente. Servir com salsa frita.

CREME COM MARMELADA DE DAMASCOS

Bater durante dez minutos tres gemmas e uma clara com 125 grs. de assucar, depois juntar 30 grs. de farinha de trigo; desfazer de vagar com leite fervido ainda quente (meio litro). Pôr em fogo brando, mexer sem cessar para engrossar sem ferver. Deixar arrefecer, juntar em seguida 100 grs. de marmelada de damascos passada na peneira, depois meio litro de creme Chantilly (creme de leiteria batido). Pôr na geladeira. Servir com palitos francezes ou com rosquinhas doces.

ROSQUINHAS DOCES

1/3 de chicara de assucar; 1/3 de chicara de manteiga; 2 chicaras de leite; 2 tablettes de fermento; 1 colherinha de sal; 1 ovo; 6 chicaras de farinha de trigo.

Juntar o assucar, a manteiga, o sal e meia chicara de leite quente, juntar em seguida o fermento e misturar bem; depois juntar a outra chicara de leite, o ovo batido e metade da farinha de trigo, amassar bem e em seguida juntar o resto da farinha. Amassar sobre o marmore uns dez minutos. Separar a massa em pedaços, abrir e cortar com uma faca tiras, que são trançadas como mostram os desenhos. Pintar com gemma de ovo batido com uma colherinha de manteiga, salpicar por cima amendoas picadas. Arrumar no taboleiro para assar no forno.

Limpeza dos tapetes



Raspar ou picar bem miudo sabão de Marselha, 50 a 60 grs. para dissolver num balde com um litro de água quente; mexer bem para dissolver o sabão e deixar esfriar. Bater e escovar muito bem o tapete e depois lavar só os pontos que estão sujos com uma escova, cada ponto por sua vez, com as costas duma lamina de faca ir tirando a espuma suja, que se vai limpando num papel, em seguida esfrega-se o tapete com um panno sujo, que se vai limpando num papel, em seguida esfrega-se com um panno mergulhado na água com sal, mas torcido. Secar bem o tapete.

Tomar o cuidado de não molhar muito o tapete.

A sumptuosa residencia do primeiro ministro da Inglaterra Winston Churchill, na Dowing Street n. 10, em Londres



Mrs. Churchill tomando chá na sua sala de estar.

ORNAMENTAÇÃO DO LAR



Mrs. Churchill e sua nora na mesma sala.



MOVEIS

PARA ESCRITÓRIOS
UMA GRANDE VARIEDADE
CORTINAS - TAPETES - DECORAÇÕES



ASA



UNES

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

MATRIZ E ESCRITÓRIOS E TAMBÉM NO ANEXO A

65-RUA DA CARIOCA-67-RUA 7 DE SETEMBRO-82 JUNTO A AVENIDA

DIREITO, JUSTIÇA E PROCESSO DO TRABALHO

DE *M. Cavalcanti de Carvalho*

Um livro utilíssimo, contendo todo o direito trabalhista brasileiro, inclusive as criações mais recentes, e abordando aspectos nunca apreciados em obras da mesma natureza. É um volume de 361 páginas, repleto de doutrina, jurisprudência e legislação, inclusive apreciações sobre o Direito Trabalhista do Brasil em face dos tratadistas estrangeiros.

Preço 25\$000

Pedidos à Cia. Editora Americana S. A.
Rua Visconde Maranguape, 15 — Rio.

ALGUNS ALIMENTOS RICOS EM VITAMINAS

Alimentos ricos em vitaminas A, de crescimento: espinafres, tomates, couves, cenouras, laranjas.

Alimentos ricos em vitaminas B, antinevriticas: sementes de trigo, arroz, batatas, feijão verde, couves, cenouras, tomates, uvas, limões, frutas.

Alimentos ricos em vitaminas C, anti-escorbuticas: limões, laranjas, tomates, couves, saladas, etc.

Alimentos ricos em vitaminas D, anti-rachiticas:

óleo de fígado de bacalhau, algas marinhas, arenques, sardinhas, manteiga, leite, gemma de ovo, ostras, etc.

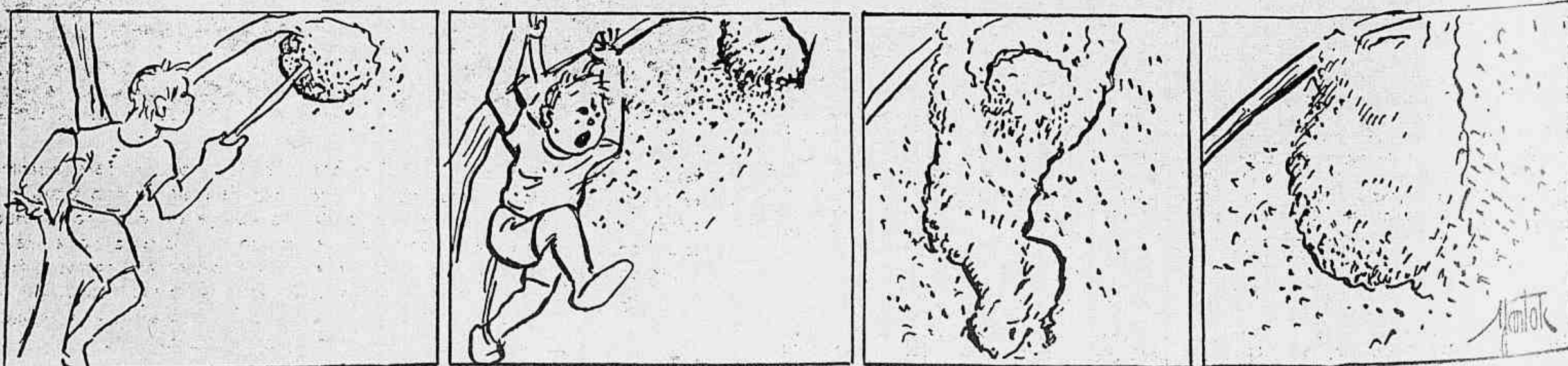
O USO DA BENGALA

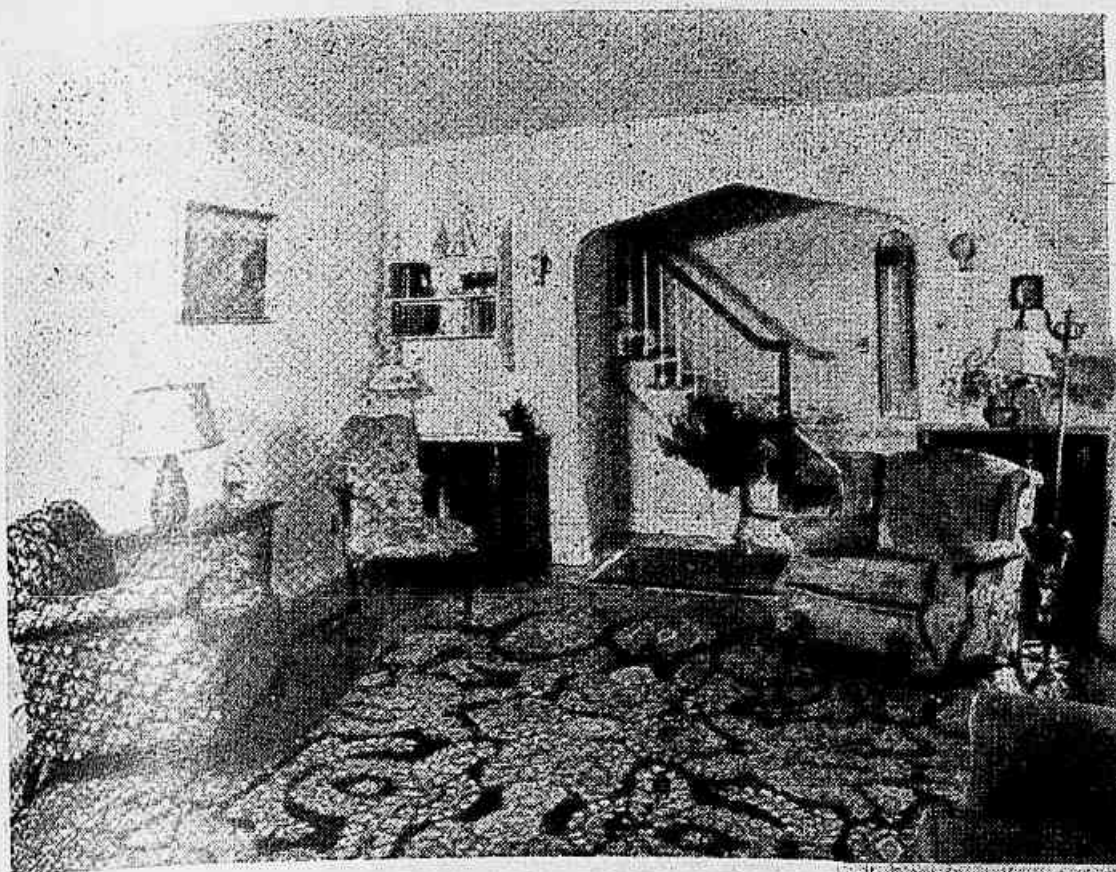
O uso da bengala é antiquíssimo e tem acompanhado os caprichos da moda, ora geral, ora reservada a certas categorias sociais, umas vezes symbolo de autoridade, outras simples objecto de luxo ou necessidade.

Como signal de autoridade usaram-na os generaes, tomando então a bengala o nome de bastão.

Como objecto de luxo, apesar da bengala ser mais propria do sexo masculino, também as senhoras a usaram em França, onde no século X se viam as damas nobres passear encostadas a elegantes bengalas, encimadas por uma avezinha mais ou menos rica, ao lado dos maridos, que traziam um falcão no braço. A moda das aves desapareceu.

NINHO DE MARIBONDOS



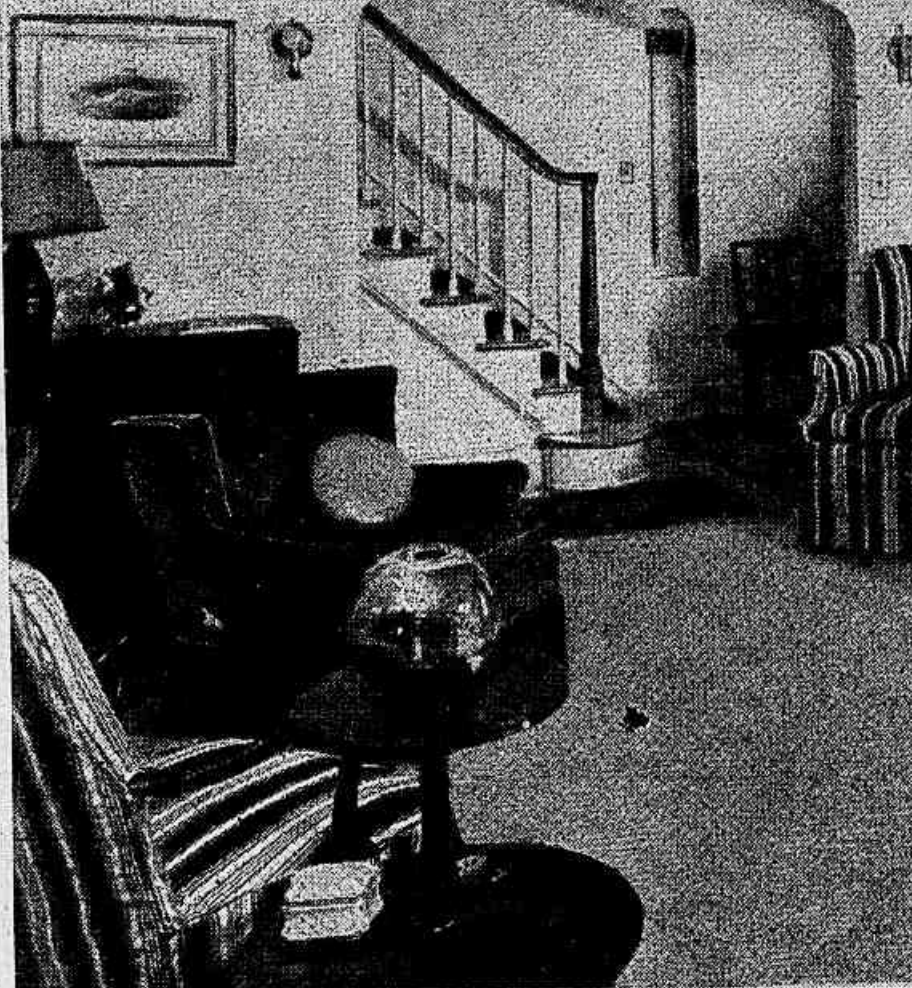


Parede forrada de claro, tapete em tons vivos sobre fundo escuro. As poltronas forradas com tecidos floridos.

APPARTAMENTOS

A FABRICA DE MOVEIS "LAMAS" expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Mello e Souza ns. 100/8 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente creados para Appartamentos e que resolvem o problema da escassez de espaço, sem prejuízo da boa commodidade e distinção que a vida moderna exige, executando ainda, sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiaes, offerecendo tambem em alguns casos facilidade de pagamento. Solicitem pelos telefones 28-4478 e 48-8211 a ida de um representante com catalogos e outras orientações.

Os moveis "Lamas" vendem-se exclusivamente no mostruário junto á fabrica.



Tapete bege, poltrona forrada de vermelho, e as outras de tecido listado de vermelho, verde e branco.

Duas maneiras de guarnecer o mesmo hall

PRECEITOS DE HYGIENE

Propriedades medicinaes do rabanete preto

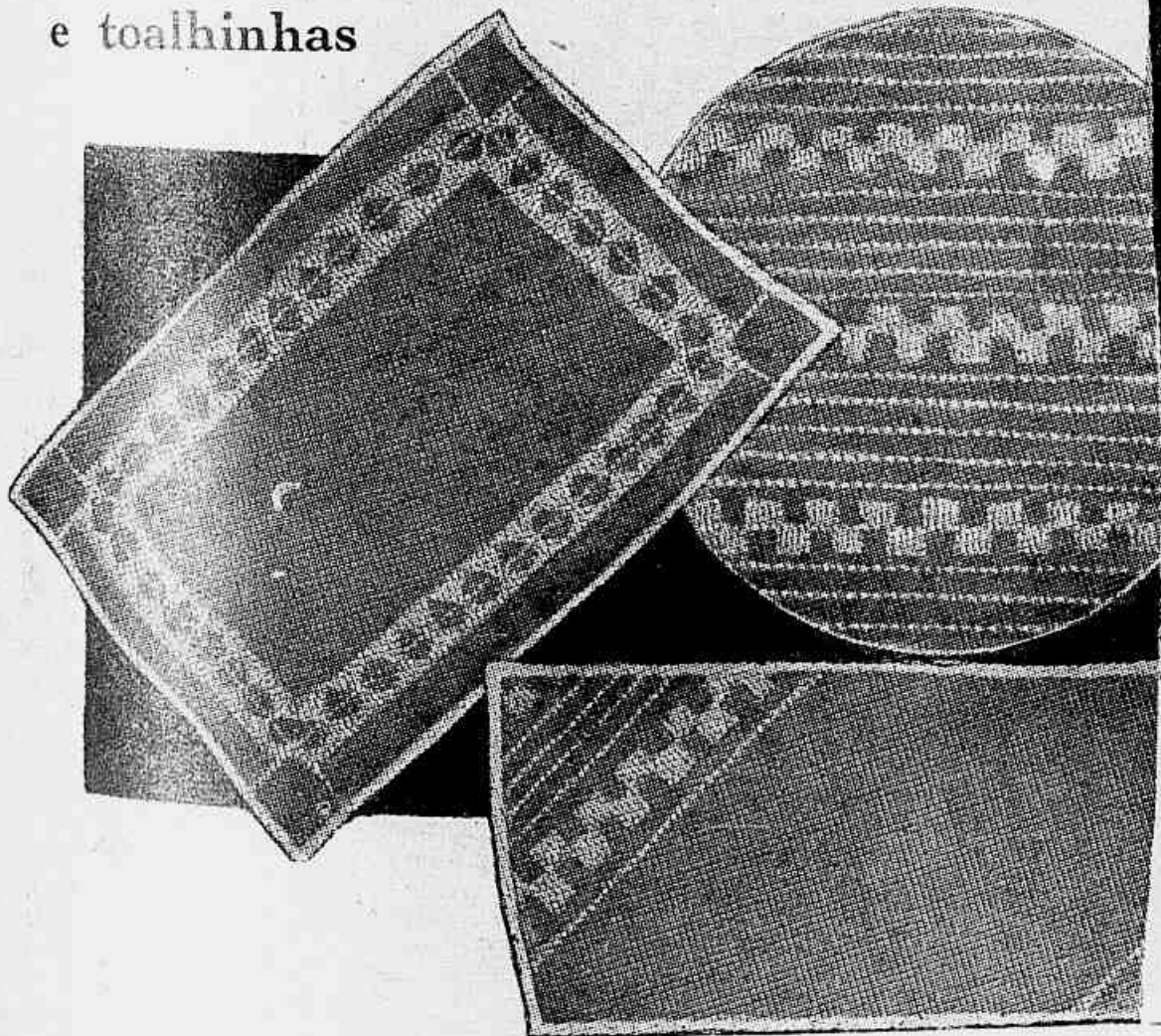
O rabanete preto é um legume anti-scorbutico e pôde tambem ser empregado

com vantagens contra as dôres rheumaticas, sciaticas ou nevalgicas. Passa tambem por ser um remedio soberano contra as colicas nephriticas. Bellas referencias para um legume ao qual não se dá, em geral,

o lugar que devia ter nas hortas. Emprega-se o rabanete preto á razão de 30 a 100 grs. para um litro de agua.

E' esta uma formula de vinho antiescorbutico, para ser tomado um calice uma

Centros de mesa e toalhinhas



Essas toalhinhas e centros de mesa em linho de côr são bordadas com linha branca no ponto de nó formando linhas e no ponto de serzir formando quadrados rodeados por pontos de nó.



Em viagem

Ha pessoas, principalmente senhoras, às quais as viagens por mar ou por terra agitam enormemente o sistema nervoso, produzindo mal-estar, tonteiras, sensações de apreensão e medo. Um ou dois comprimidos por dia, de ADALINA, são suficientes para restituir a normalidade ao sistema nervoso, permitindo o bem-estar durante a viagem e um sono calmo e tranquilo. ADALINA é remedio inofensivo a qualquer órgão.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

meia hora antes das duas grandes refeições:

Rabanete preto fresco.....	60	grammas
Cochleária.....	30	"
Agrião.....	30	"
Vinho branco.....	2	litros

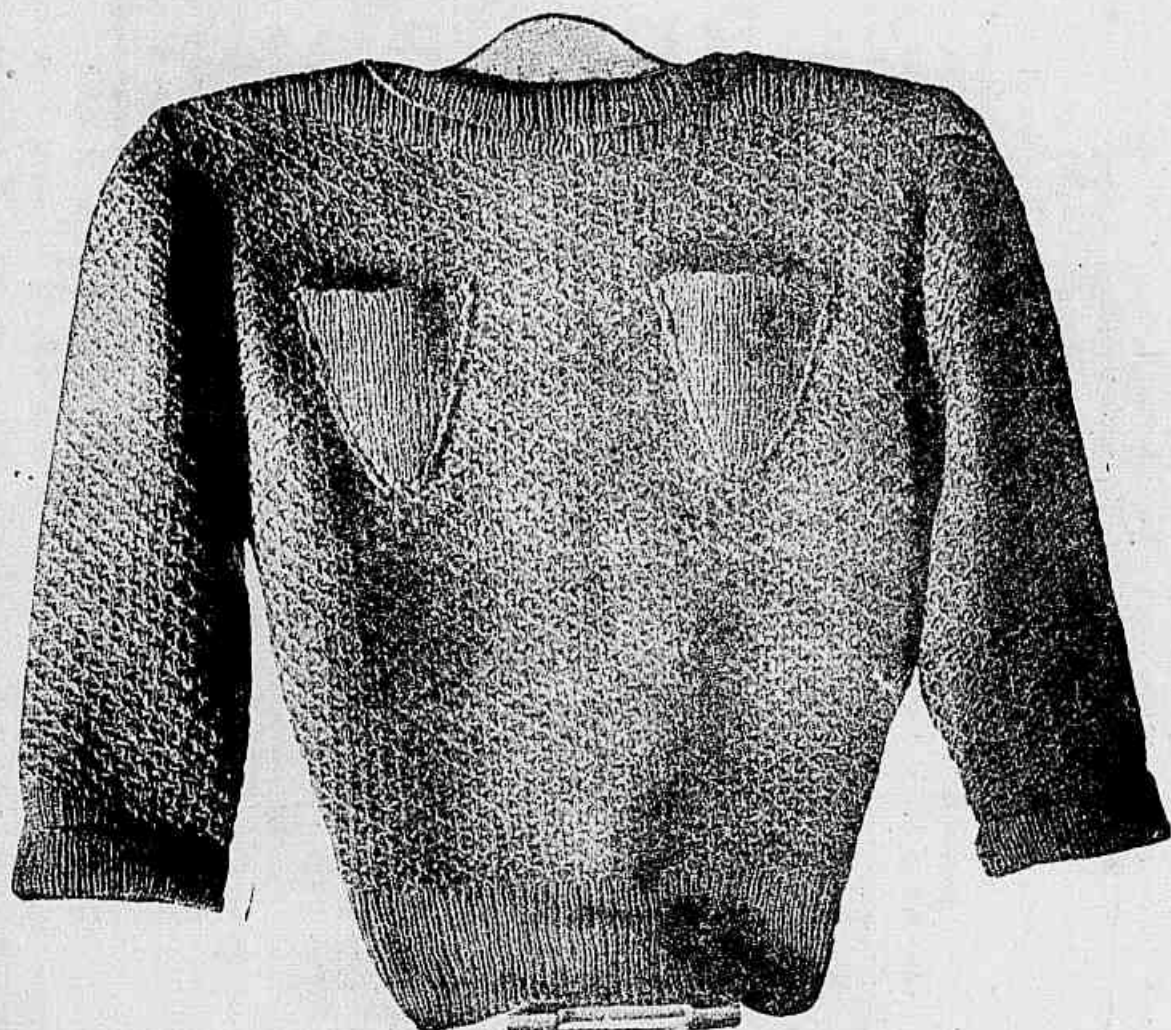
As boas qualidades do azeite

O azeite de azeitona acalma o ardor das queimaduras de sol. Applicado fazendo uma leve massagem, substitue outros medicamentos nos membros fatigados. Em fim tomado de manhã em jejum, alguns minutos antes do café, na dóse de uma ou duas colhéres, segundo os casos, constitue um excellente laxativo.

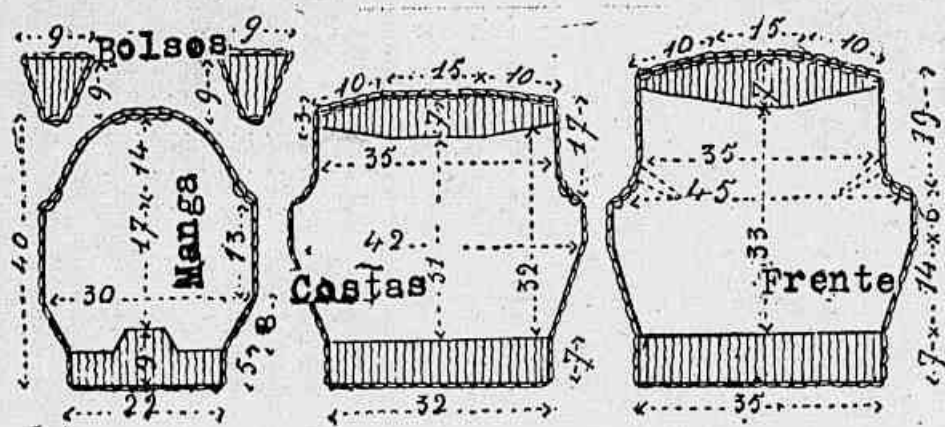
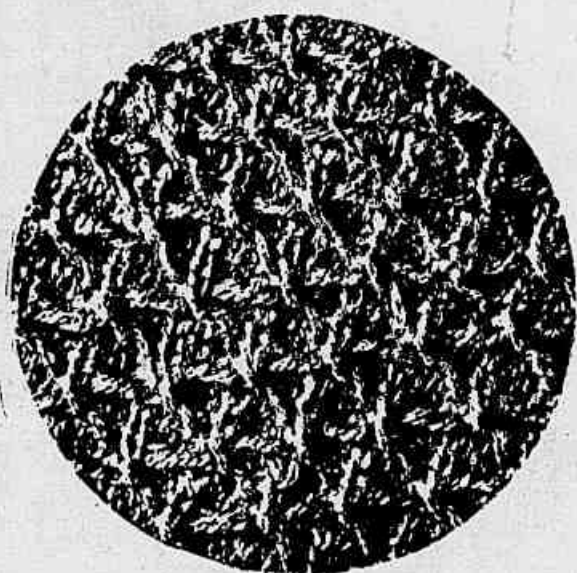
CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



Blusa de tricot



Os moldes com as suas medidas.

Para manequim 42 são necessárias 150 grs. de lã zephyr violeta, 3 agulhas de tricô de 2 mm. de diâmetro, uma agulha de bordar e um molde.

Descrição do modelo — Este pull-over é executado no ponto "cruzado de fantasia". Na parte de baixo da blusa e das mangas, na pala e nos bolsos, o ponto de gaita simples. A pala na frente sobe bem alto. Pontos empregados: Ponto de gaita simples: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso, etc. Ponto cruzado de fantasia: 1.ª carreira: 1 malha pelo direito, levar o fio para a frente, escorregar as 5 malhas seguintes sem as tricotar, tomando-as como malhas pelo avesso, levar o fio para atrás, passando na frente dessas 5 malhas; recomeçar numa malha pelo direito. 2.ª carreira: pelo avesso tricotando todas as carreiras. 3.ª carreira: como a primeira. 4.ª carreira: como a segunda. 5.ª carreira: 3 malhas pelo direito, passar a ponta da agulha da direita sobre o primeiro dos fios esticados. Apanhar o 2.º fio esticado, puxal-o para baixo para o fazer passar sobre o primeiro fio esticado, depois subil-o e collocal-o sobre a agulha da esquerda. Tricotar o pelo direito com a 4.ª malha, contando a partir do começo da carreira. Levar o fio para a frente, escorregar as 5 malhas seguintes sem as tricotar, levar o fio para atrás, etc. 6.ª carreira: toda pelo avesso. 7.ª carreira: escorregar 3 malhas pelo direito, passar o fio deante dessas malhas e depois leval-o para atrás, 1 malha pelo direito, levar o fio para a frente, escorregar 5 malhas, levar o fio para atrás, etc. 8.ª carreira: toda pelo avesso. 9.ª carreira: 1 malha pelo direito, levar o fio para a frente, escorregar 5 malhas sem as tricotar, levar o fio para atrás, amarrar os fios esticados como foi explicado na 5.ª carreira. 10.ª carreira: toda pelo avesso. 11.ª carreira: 1 malha pelo direito, levar o fio para a frente, escorregar 5 malhas, levar o fio para atrás. 12.ª carreira: toda pelo avesso. 13.ª carreira: como a 5.ª 14.ª carreira: como a 6.ª, etc.

Execução: Frente — Começar pela parte de baixo, pondo na agulha de tricô 130 malhas, fazer 7 centímetros no ponto de gaita simples. Aumentos na parte em baixo dos braços: tricotar no ponto cruzado de fantasia até obter-se 14 centímetros de altura, sejam pouco mais ou menos 56 carreiras, fazendo um aumento de cada lado todas as 4 carreiras e constituindo progressivamente o ponto cruzado, á medida dos aumentos. Trabalhar em seguida a direito, com o numero de malhas adquiridas, até medir 6 centímetros de altura. Cavas — Fechar de cada lado: 4 malhas, 3 malhas, 2 malhas, 3 vezes 1 malha (12mm). Tricotar as malhas que restam até medir 35 centímetros de altura acima da gaita.

Pala — Na carreira seguinte tricotar as 25 malhas do centro no ponto de gaita simples. As outras malhas no ponto cruzado. Voltar pelo avesso, menos as 25 malhas do meio, que são feitas no ponto de gaita simples. Nas 6 carreiras seguintes, tricotar todas as 2 carreiras: 15 malhas, depois 13 malhas, depois 10 malhas no ponto de gaita simples a mais de cada lado das 25 malhas do meio da frente. Na carreira seguinte, tricotar todas as malhas no ponto de gaita simples, em 2 centímetros de altura, sejam 8 carreiras para chegar em baixo da linha dos hombros. Hombros — Fazer 10 novas carreiras de gaita simples fechando 2 centímetros de malhas no começo de cada carreira, sejam 10 centímetros de comprimento por hombro. Para terminar o alto da frente da golla levemente arredondado, com as malhas que restam; fazer isto partindo da direita do trabalho; tricotar 12 centímetros de malhas. Voltar; tricotar 9 centí-

metros, voltar, tricotar 6 centímetros, voltar, tricotar 9 centímetros, para voltar ao lado direito do trabalho. Fechar todas as malhas.

Costas — Pôr na agulha de tricô 124 malhas, trabalhar como a frente, até ás cavas. Para estas fechar de cada lado: 3 malhas, 2 malhas, 2 malhas, duas vezes 1 malha, sejam 9 malhas. Tricotar as malhas que restam até medir 31 centímetros de altura acima da gaita. Pala e hombros — Como na frente, até medir 17 centímetros de altura as cavas. — Acabamento da golla: não fazer o arredondado. Fechar a direito as malhas que restarem depois de envezados os hombros.

Mangas — Começar pela parte de baixo, pondo na agulha de tricô 92 malhas. Fazer 5 centímetros no ponto de gaita simples. Na carreira seguinte, tricotar 2 malhas no ponto cruzado, 52 malhas no ponto de gaita simples, 20 malhas no ponto cruzado.

Fazer a carreira de volta. Aumentar a largura da manga e a ponta do centro. Tricotar 20 novas carreiras fazendo progredir o ponto cruzado todas as 2 carreiras, de 2 malhas á direita e á esquerda das 52 malhas no ponto de gaita simples no meio em detrimento destas ultimas. Trabalhar em seguida todas as malhas no ponto cruzado. No decorrer deste ultimo trabalho e até 13 centímetros de altura juntar 1 malha á direita e á esquerda, depois cada 1 centimetro. Trabalhar a direito com o numero de malhas adquiridas, nos 13 centímetros de altura, depois fechar de cada lado: 4 malhas, 3 malhas, 2 malhas, em seguida 1 malha alternadamente, todas as 2 e 3 carreiras, guiando-se sobre o molde, até medir 40 centímetros de altura.

Depois de feitas todas as costuras, formar 4 pregas no alto das mangas antes de pregar-as. Fazer pines nas cavas ao lado das frentes nos pontos indicados no molde. Depois pregar os bolsos. Estes são feitos da seguinte maneira: Pôr na agulha de tricô 38 malhas, tricotar no ponto de gaita simples, fazer uma diminuição de cada lado, todas as 4 carreiras, até medir 9 centímetros de altura. Fechar as malhas restantes todas de uma só vez.

Dobrar a golla na frente sobre a pala.

MORTA OU VIVA

A
SUA PELLE
REJUVENESCERÁ
EM 8 DIAS
COM
A

MASCARA DE LAMA
MARCA REGISTRADA SOB O Nº 48091
APLICADA EM SUA CASA OU NOS
SALÕES DA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
M.ª CAMPOS
SOB CONTROLE MEDICO, JUNTAMENTE COM O
CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
A VENDA EM TODO BRASIL
DEPOSITO: ASSEMBLEA IIS. RIO

PENSAMENTOS

Ninguém tem obrigação de obedecer áquelle que não tem direito de mandar.

Cicero.

Só pôde sentir verdadeiro prazer no descanso quem se cansa trabalhando.

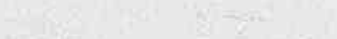
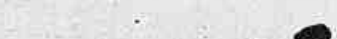
R. Kehl.

Saude e beleza pelo exercicio

Gymnastica om busto e braços



1 — Deitada de costas o mais esticada possível erguer lentamente o busto, os braços encostados ao corpo. Erguer-se até sentar-se, depois ir inclinándose para atrás até voltar á posição deitada. Repetir dez vezes este exercicio.



Sapatos e Sandalias



1 — Sapato de camurça branca, guarnecido com perfurações e atacador vermelho ou azul marinho. 2 — Sandalia de pellica envernizada; pôde ser executada em diversos coloridos. 3 — Sandalia de lona branca.

E. DO RIO



1



2



3



4



5

- 4 — A matinée infantil de domingo último no Icarahy Praia Club.
- 5 — Aspecto colhido no baile oficial do Icarahy Praia Club.
- 6 — O baile oficial do Finanças Club.



6

- No Combinado Cinco de Julho: a coroação da Rainha pelo Rei Momo I.
- A soirée carnavalesca no Sport Club Fluminense.
- Aspecto tomado no Club Central, ao dar-se o concurso de marchas e sambas para o carnaval.

É um prazer!



CIA SOUZA CRUZ